

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAFAEL DO NASCIMENTO

AS VOZES DO REI:
A ORALIDADE MEDIEVAL NAS *CANTIGAS DE SANTA MARÍA* À PROJEÇÃO DA
VASSALAGEM NO REINADO DE ALFONSO X, *EL REY SABIO* (1252-1284)

FLORIANÓPOLIS/SC
JULHO
2015

RAFAEL DO NASCIMENTO

**AS VOZES DO REI:
A ORALIDADE MEDIEVAL NAS *CANTIGAS DE SANTA MARÍA* À PROJEÇÃO DA
VASSALAGEM NO REINADO DE ALFONSO X, *EL REY SABIO* (1252-1284)**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de bacharel e
licenciado em História, pela
Universidade Federal de Santa Catarina
– UFSC.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Dias da
Silveira

FLORIANÓPOLIS/SC
JULHO
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nascimento, R. do

As vozes do rei : a oralidade medieval nas Cantigas de Santa María à projeção da vassalagem no reinado de Alfonso X, El Rey Sabio (1252-1284) / Rafael do Nascimento ; orientador, Aline Dias da Silveira – Florianópolis, SC, 2015.

100 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Alfonso X. 3. Cantigas de Santa Maria. 4. Península Ibérica. 5. Oralidade Medieval. I. Silveira, Aline Dias da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos nove dias do mês de julho do ano de dois mil e quinze, às dez horas e trinta minutos, na Sala trezentos e dezesseis do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Aline Dias da Silveira**, Orientadora e Presidente, Professor **Rodrigo Bragio Bonaldo**, Titular da Banca, e Professor **Daniel Lula Costa**, Suplente, designados pela Portaria nº 64/TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Rafael do Nascimento**, subordinado ao título: “**As vozes do rei: a oralidade medieval nas Cantigas de Santa María à projeção da vassalagem no reinado de Alfonso X, El Rey Sabio (1252-1284)**”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Aline Dias da Silveira**, a nota final **9,5**, do Professor **Rodrigo Bragio Bonaldo**, a nota final **9,5**, e do Professor **Daniel Lula Costa**, a nota final **9,5**; sendo aprovado com a nota final **9,5**. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dezesseis de julho de dois mil e quinze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 9 de julho de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. a **Aline Dias da Silveira**..... *Aline Dias da Silveira*
Prof. **Rodrigo Bragio Bonaldo**..... *RODRIGO BRAGIO BONALDO*
Prof. **Daniel Lula Costa**..... *Daniel Lula Costa*
Candidato **Rafael do Nascimento**..... *Rafael do Nascimento*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico *Rafael do Nascimento*, matrícula n.º 10203736, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "As vozes do rei: a oralidade medieval nas *Cantigas de Santa Maria* à projeção da vassalagem no reinado de Alfonso X, *El Rey Sabio* (1252-1284)", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 16 de julho de 2015.

Profa. Dra. Aline Dias da Silveira
Orientadora

À dona Zeni e seu Pedro,
meus pais.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os que estiveram comigo nesta caminhada que aqui venho a concluir mais uma etapa. Perco-me diante dos nomes que o simples citar neste modesto texto não seria o suficiente como agradecimento por tamanho apoio recebido. Como um peregrino que encontra outros no caminho, indo para a mesma ou a outras direções, e compartilham um pouco dos suprimentos da viagem e depois avançam. Aos nomes não encontrados nesta página, tenham como certo, estão também em meu coração.

Agradeço primeiramente a Deus, para Quem este trabalho também converge, pela força quando o cansaço por vezes me abateu nas jornadas de trabalho e estudo. E aos meus pais dona Zeni e seu Pedro, pelo amor e apoio em todos os momentos de minha vida e que, em sua simplicidade, preocuparam-se sempre com minha educação e a de meus irmãos. Muito obrigado!

Grato eu sou também a muitos amigos antigos e novos que desta caminhada participaram, e, seja direta ou indiretamente, contribuíram à minha estada na UFSC durante o curso desses cinco anos da graduação. Obrigado pelo ânimo gratuito, que muitas vezes foram necessários: meu sobrinho Bruno Nascimento de Siqueira, meus amigos Deividi Ricardo Pansera, Fábio José Campos, Fabíola Daniel, Grégori Michel Czizewski, Luan Pansera, Mariana Ferreira, Matheus Czizewski, Tcharles Roberto Bagatoli, e minha parceira de muitos trabalhos acadêmicos, Thayse Catarina Daniel. Obrigado pela amizade, e que eu possa sempre retribuí-los.

Aos meus professores Elison Antonio Paim, Joana Vieira Borges, Mônica Martins da Silva, pelo comprometimento para com o ensino de História à compreensão de minha decisão em seguir a carreira docente; e, dentre outros tantos professores em minha passagem pelo curso de História, um agradecimento especial aos professores: João Klug, Cristina Scheibe Wolff, Márcio Roberto Voigt, Maria de Fátima Piazza, Artur Cesar Isaia, Renata Palandri Sigolo Sell, Waldir Rampinelli e minha orientadora Aline Dias da Silveira que, assim como todos os citados anteriormente, sempre foram solidários e gentis às minhas dúvidas; e a todos da UFSC que sempre se mostraram solícitos ou que, com um simples sorriso ao passar pelos corredores, iluminaram-nos o caminho.

E expresso aqui meu eterno carinho para com outros mestres que marcaram-me profundamente em minha vida escolar no Colégio Estadual Cecília Rosa Lopes, nos anos de 1992 a 1998. Exemplos e inspiração para o compromisso e desafio da carreira docente que

iniciarei: professora Edna da 4ª série primária, professoras Núbia e Lindomar, e o professor Tarciso, de Geografia, Língua Portuguesa e História, respectivamente. Muito obrigado!

“Segundo disseram os sábios, palavra é algo que quando é dita verdadeiramente mostra com ela o que tem no coração aquele que a disse, [...] todo homem, e majoritariamente o rei, deve-se muito guardar em sua palavra, de maneira que seja considerada e pensada antes que a diga, pois depois que sai da boca não pode o homem fazer para que não seja dita”.

(Alfonso X, *Partida II*, Título 4, Lei 1)

RESUMO

Nesta pesquisa propomos um caminho possível à compreensão das *Cantigas de Santa María*: uma compilação em 427 cantigas de louvores e milagres em honra à Virgem Maria, no intento de *El Rey* Alfonso X de Leão e Castela (1252-1284), a uma unidade política, social e cultural sob este rei, na confluência dos mundos cristão, judeu e muçulmano na Península Ibérica. Para nossa problemática de pesquisa selecionamos cinco cantigas: de número 1, 10, 44, 165 e 216, a compreendermos em que medida a oralidade medieval serviria ao rei como um mecanismo a propagar as concepções reais à ordem vassálica no território ibérico pelo rei cristão, sob uma organicidade desta com outras obras de Alfonso X. Principalmente utilizando das metodologias propostas por Paul Zumthor na percepção dos índices de oralidade presentes em nossa fonte histórica; e Peter L. Berger, sobre a construção e manutenção da ordem do mundo humano, pretendemos analisar como as *Cantigas* propunham um mundo ideal de Alfonso X, fazendo das vozes dos que as cantavam a voz do rei.

Palavras-chave: Alfonso X; Cantigas de Santa Maria; Península Ibérica; Oralidade Medieval.

RESUMEN

Esta investigación propone una posible manera de entender las *Cantigas de Santa María*: una recopilación de 427 canciones de alabanza y milagros en honor de La Virgen María, en un intento de El Rey Alfonso X de Castilla y León (1252-1284), una unidad política, social y cultural bajo este rey, en la confluencia de los mundos cristianos, judíos y musulmanes en la Península Ibérica. Acerca de la problemáticas fueron seleccionadas cinco canciones: Número 1, 10, 44, 165 y 216, para comprender hasta qué punto la oralidad medieval servid al rey como un mecanismo para propagar las concepciones reales vassálica orden en la Península Ibérica por el rey cristiano en virtud de la naturaleza orgánica de este con otras obras de Alfonso X. Principalmente utilizando las metodologías propuestas por Paul Zumthor en la percepción de las tasas de oralidad presentes en nuestra fuente histórica; y Peter L. Berger, en la construcción y el mantenimiento del orden mundial humano, tenemos la intención de analizar cómo las *Cantigas* propuso un mundo ideal de Alfonso X, por lo que las voces de los que cantan la voz del rey.

Palabras clave: Alfonso X; Cantigas de Santa María; Península Ibérica; Oralidad Medieval.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: <i>cantiga</i> nº. 1: “ <i>Des oge mais quer'eu trobar</i> ”	44
Figura 2: <i>cantiga</i> nº. 1: “ <i>A visita dos Três Reis Magos</i> ”	46
Figura 3: <i>cantiga</i> nº. 1: “ <i>A ascensão e coroação de Maria</i> ”	46
Figura 4: <i>cantiga</i> nº. 165: “ <i>A este soldán chamavan per séu nome Bondouard</i> ”	57
Figura 5: <i>cantiga</i> nº. 165: “ <i>Niún poder deste mundo</i> ”	57
Figura 6: <i>cantiga</i> nº. 10: “ <i>Dou ao demo os outros amores</i> ”	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. A ORDEM QUE VEM DOS CÉUS.....	29
1.1. NUM PACTO VASSÁLICO... ..	29
1.2. A BUSCA POR UM <i>NOMOS</i>	31
1.3. ALFONSO X, <i>EL REY SABIO</i>	33
1.3.1. Alfonso X: o rei e o reino.....	35
1.4. SANTA MARIA, RAINHA CELESTIAL.....	40
2. INDÍCIOS DE UMA ORALIDADE VASSÁLICA	49
2.1. AS VOZES MEDIEVAIS	49
2.2. PELAS PAISAGENS DAS <i>CANTIGAS</i>	53
2.3. A <i>DONA DAS DONAS E SENNOR DAS SENNORES</i>	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
APÊNDICES	77
ANEXOS	86

INTRODUÇÃO

A projeção da imagem de um rei em um deus ou deuses, sacralizando, divinizando o primeiro, a pessoa e o título social, como numa linha pela qual se ligaria a Terra aos Céus, esteve presente em muitas sociedades. Nas tribos germânicas, a descendência dos deuses é que geravam as dinastias que governavam tais povos, sendo a sorte ou o fracasso das mesmas a maneira de identificar a legitimidade desses governantes e essa relação com o sagrado na sua posição de “intermediário carismático entre o povo e a divindade”¹.

De meados do século XIII em diante, tal ligação pode ser percebida numa obra de valor artístico e religioso composto sob a direção de um rei: Alfonso X² de Leão e Castela na Península Ibérica que reinou de 1252 até sua morte em 1284 da era cristã. Esta obra são as *Cantigas de Santa María*. Na imagem da Virgem Maria parece revela-se uma projeção do rei em suas ações e benevolências, tornando a posição celestial da Mãe de Jesus Cristo, na crença cristã católica, protetora de todo o reino e do rei, que a louvava nos cânticos. A crescente devoção mariana no medievo pode ter contribuído a uma aceitação maior de Maria como rainha celeste à proposta de uma consideração da Santa tanto pelos cristãos como por judeus e muçulmanos no território de *Espanna*, e também a partir das representações que encontramos dela nas *Cantigas*³.

Sob a relevância assinalada, nossa problemática de pesquisa buscará compreender em que medida, pela oralidade medieval presente nas *Cantigas de Santa María*, estaria esta obra a serviço do rei – seja na compilação do conteúdo e/ou na sua publicação –; como um mecanismo a propagar as concepções e/ou intenções reais à ordem vassálica no território ibérico sob *El Rey*, na Terra, e *Santa María* nos Céus: como as *Cantigas* propunham este ideal de Alfonso X fazendo das vozes dos que as cantavam a voz do rei, propondo um *nomos*, em que uma ordem política, social e cultural se estabelecesse.

Nosso documento histórico a tal análise do mundo medieval, europeu, ibérico e

¹ ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*. Vol. III. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2011, p. 92-93.

² Utilizarei em todo o texto a grafia do nome do rei em espanhol “Alfonso”, cuja tradução para o português é “Afonso”.

³ Faço aqui uso das grafias para a palavra “*Cantigas*” em maiúscula, plural e em itálico, ao me referir às “*Cantigas de Santa María*”, na mesma formatação. Quando aparecer “cantigas”, em grafia normal, referimos às cantigas em geral. E a grafia “*cantiga*”, minúscula e em itálico, é destinada a uma cantiga específica da obra *Cantigas de Santa María*, conforme sugere Aline Dias Silveira – e minha orientadora. Cf: SILVEIRA, Aline Dias da. “Política e convivência entre cristãos e muçulmanos nas Cantigas de Santa María”. In: PEREIRA, Nilton, ALMEIDA, Cybele Crossetti, TEIXEIRA, Igor Salomão. *Reflexões sobre o medievo*. São Leopoldo: Oikos, 2009, p. 40.

castelhano, na qual pela figura de Alfonso X se fez relevante, pode revelar-nos as visões de mundo das pessoas desse tempo e lugar – fazendo aqui alusão às escalas de análise que podem sugerir nossa pesquisa no tempo e no espaço e que preservou-se a nós por meio desta forma literária e musical: vestígios das vozes e os olhares medievais.

Sob o título de nosso trabalho: “As vozes do rei: a oralidade medieval nas *Cantigas de Santa María* à projeção da vassalagem no reinado de Alfonso X, *El Rey Sabio* (1252-1284)” propomos um caminho possível à compreensão da Península Ibérica de *El Rey Alfonso X*, que buscou uma unidade política e social na confluência dos mundos cristão, judeu e muçulmano; sobre o que pode ter sido – e é o que investigaremos – também uma propaganda⁴ a que serviram as *Cantigas de Santa María* a seu projeto social por meio da difusão oral desta obra, de onde saíra e à qual, depois de registrada em escrita, retornara para a voz.

Ao estudo de tais questões, reflitamos brevemente sobre por que se estudar a Idade Média⁵ hoje? É uma pergunta pertinente, já que parece-nos um tempo e uma cultura tão distantes. Com a explosão tecnológica do século XX, e hoje, no século XXI, aparenta nosso mundo quase extraterreno em relação há 50 anos e, mais ainda, aos séculos XI, XII, ou XIII. Mas, as mídias de massa de entretenimento e/ou da publicidade de bens de consumo têm feito do passado uma fonte praticamente inesgotável de elementos que tornam suas representações ou idéias em produtos que retroagem no produtor⁶. Na velocidade com que correm as informações, pouco tempo nos é dado para uma reflexão crítica dessas imagens que moldam nossas formas de interpretar e fazer e/ou interagir na realidade que nos cerca.

É possível perceber as obras artísticas dos séculos XX e XXI como imagens que circulam e alimentam nossos esquemas mentais⁷ acerca do tempo e cultura denominados

⁴ O termo “propaganda”, embora possa sugerir um anacronismo, é evocado no sentido em que dá Giles Constable e Marina Kleine, que sugerem o uso de imagens e o controle de meios de comunicação à difusão de idéias e alterações ou manutenção das atitudes desejadas pelas autoridades e/ou instituições. Cf. CONSTABLE, Giles. “Papal, Imperial and Monastic Propaganda in the Eleventh and Twelfth Centuries”. In: MASKDISI, G.; SOURDEL, D.; SOURDEL-THOMINE, J. (Orgs.). *Prédication et propaganda ao Moyen Âge: Islam, Byzance, Occident*. Paris: Pr. Uni. E France, 1983, p. 180; Cf. KLEINE, Marina. *El rey que es formosura del Espanna: imagens de poder real na obra de Alfonso X, el Sabio (1224-1284)*. Dissertação (Mestrado em História). UFRGS, Porto Alegre, 2005. *Apud*: SILVEIRA, Aline Dias da. *Op. cit.*

⁵ Para os termos “Idade Média”, “medieval” ou “medievo” atentemos para não endossar o sentido a que se referiam os renascentistas e/ou os iluministas, embora na historiografia atual esteja superada a conotação pejorativa, não parece ter chegado ao grande público as novas compreensões deste período e/ou conceito.

⁶ Sob a interpretação de Peter Berger sobre a construção do mundo humano que veremos mais adiante, ainda na introdução. Cf. BERGER, Peter Ludwig. “Religião e construção do mundo”. *O dossel Sagrado: elementos pra uma sociologia da religião*. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

⁷ A Psicologia Social entende estes “esquemas mentais” com os quais codificamos e decodificamos os aspectos da realidade social que “fazem com que percebamos aquilo que é com eles compatível e não registremos o que não é”, a não ser que seja um aspecto muito contrário ao esquema conhecido. Cf. Rodrigues, A; Assmar, E. M.

medieval – leia-se também “representações” cujo estudo, segundo Le Goff, “engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida”⁸. Vivemos tempo da velocidade informática que, principalmente através da *internet* – marca das últimas décadas do século XX e no início do século XXI –, entre outras tecnologias, favoreceu a um crescimento considerável da circulação de conceitos históricos fora do ambiente escolar ou acadêmico; nem sempre refletimos sobre elas e apresentam-se como retratos de uma realidade⁹. É o caso da indústria cinematográfica de produções caríssimas, da literatura, do teatro, dos jogos eletrônicos, histórias em quadrinhos¹⁰, etc., que brilham aos nossos olhos e fornecem-nos os rostos, os gestos, as vozes de um tempo difuso. Esses “lugares” fazem parte do que Marcelo da Silva Murilo chamou de “nova rede de ensino da História”: “são ‘lugares’ a partir dos quais se faz o ‘uso da História’; eles também desempenham uma função social. [...] são ‘lugares’ por onde os saberes históricos circulam”¹¹.

Mesmo que estas produções não tenham sido produzidas para a História ou ao ensino de História¹², elas se apresentam como meio que envolve problematizações sobre os conhecimentos históricos e representações tanto do passado como do presente. Contribuem para a leitura de uma dada realidade e de nossa própria. Johnni Langer atenta para a reflexão sobre as imagens do mundo medieval do homem moderno e as representações do homem medieval sobre seu tempo e cultura¹³; Baschet também sinalizou tal questão, apontando que:

Os usos jornalísticos e da mídia confirmam esse movimento de associação da Idade Média à barbárie, intolerância, obscurantismo, por exemplo, fazendo apelo regularmente aos epítetos “medieval”, ou mesmo “medievaresco”, quando se trata de qualificar uma crise política, um declínio dos valores ou um retorno do integralismo religioso¹⁴.

L.; & Jablonsky, B. Cognição social. In: A. Rodrigues, E. M. L. Assmar, & B. Jablonski. *Psicologia social* Petrópolis: Vozes, 2002, p. 75-96.

⁸ Cf. LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994, p. 11. *Apud*: BARROS, José D’Assunção. *Op. cit.*, p. 82.

⁹ Cf. Wachelke, J. F. R.; Camargo, B. V. Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Inter american Journal of Psychology*. 41(3), 2007, p. 380.

¹⁰ As obras literárias de J. R. R. Tolkien, e C. S. Lewis e suas “Crônicas de Nárnia”, que foram muito popularizadas com as adaptações para o cinema, por exemplo, trazem como pano de fundo, muitas representações que remetem-nos ao período “medieval”. Obras magníficas, mas que, podem influir à questão levantada sobre o mundo imagético que pode reforçar um entendimento equivocado sobre o mundo medieval, se colocadas sob a problemática de Marcelo da Silva Murilo. Cf. MURILO, Marcelo da Silva. “Idade Média e seu ensino”. In: SILVA, Marcos (org.). *História: que ensino é esse?* Campinas - SP: Papirus, 2013. p. 125.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*. p. 126.

¹³ Resenha do livro de Jacques Le Goff: Heróis e maravilhas da Idade Média. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. In: LANGER, Johnni. *O poder do imaginário medieval*. OPSIS, Catalão, v. 10, n. 2, 2010. p. 209-213.

¹⁴ Cf. BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006,

Dito isto, nesta pesquisa visamos, na medida do possível, ao rompimento com tais visões e estereótipos pejorativos desse contexto; a um conceito de Idade Média que supere tais conotações negativas ou positivas demais sobre um passado que tem suas especificidades e seus traços – alguns perceptíveis ainda hoje. Tendemos, como homens e mulheres do século XXI, ainda do passado nutrirmos uma pretensa superioridade de nosso tempo. Por isso, de certa maneira, podemos pensar sobre os diversos discursos e projetos de sociedade que partem de diferentes fundamentos, crenças – sejam eles religiosos, científicos, etc. –, e/ou apropriados pelos grupos que compõem os representantes do povo nas diferentes instâncias governamentais.

É com esse projeto político social que Alfonso X buscou em seu tempo uma convivência mais harmoniosa de visões de mundo, ora semelhantes, ora conflitantes, dentro de seu território. Apresentando-nos não um plano – ou apenas um plano – meticulosamente orquestrado para e/ou pelo “poder”, mas, a aura deste período que tinha por fundamento também a razão pela qual o conhecimento de Deus e do ordenamento de todas as coisas seria possível¹⁵. Além desta obra em particular, as *Cantigas de Santa María* que analisaremos, de conteúdo religioso a primeira vista, encontramos um cenário rico quanto aos aspectos da vida cotidiana, seus sonhos e medos, cores e sons, em que se registraram um tanto os olhares dos homens e mulheres do medievo.

Quando me propus a tratar de tal época e tema encontrei ressonância também no âmbito pessoal¹⁶. Falarei, brevemente, sobre alguns caminhos possíveis para a própria compreensão do ponto de partida e chegada das minhas questões e interesses sobre tal tema.

Considerarei meu interesse pessoal que desde cedo me vejo envolto à pretensão de estudar História: sempre usei a expressão “minha paixão”. Por gostar e poder fazer algo para além das necessidades cotidianas da vida. Uma visão romantizada, contemplativa do estudar a história humana? Também, tal qual a maneira como as histórias se apresentaram a mim em muitos livros, filmes, etc., e foi pelas histórias que ouvi e li, e filmes que assisti, que percebo tais

p. 23.

¹⁵ A Escolástica, sinteticamente, refere-se Thomas E. Woods Jr. a um método para a resolução de questões seria a utilização da razão, da lógica, em que se faziam o confronto entre argumentos e contrapostos. Sinteticamente, segundo Eliade: a “Escolástica” refere-se aos “diversos sistemas teológicos que buscam harmonizar a revelação e a razão, a fé e a compreensão intelectual”. Cf. WOODS, Thomas E. Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental. Trad. Elcio de Carillo, Rev. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2008, p. 51-52. Cf. ELIADE, Mircea. *Op. cit.*, p. 185; Cf. BARROS, José D’Assunção. “A Escolástica em seu context histórico”. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 22, n. 3, jul./set. 2012, p. 231-239.

¹⁶ Falarei aqui na primeira pessoa do singular – e voltarei em outros momentos a me posicionar assim – diferente da maior parte do texto em que está na primeira do plural, por se tratar de um trabalho orientado pela professora doutora Aline Dias da Silveira.

visões um tanto naturalizadas, e as quais podem ter me atraído para uma área de estudos que as envolve. Sobre a maneira como estas representaram e ainda representam o mundo, sejam elas sobre qualquer período da história humana, penso, hoje, sobre a força construtiva de nosso imaginário acerca dos usos da História. O que pode de alguma maneira, em minha trajetória, ter me direcionado ao estudo da Idade Média já que esse período geralmente apareceu-me em imagens extraordinárias: das trevas à fantasia. Muito possivelmente. A isso, junto minha pretensão ao trabalho docente o qual me disponho e durante o curso desenvolvi sobre a importância político-social deste campo do conhecimento humano para a sociedade.

E sobre um tema religioso: embora inerente ao recorte temporal proposto, outra questão que acabou por me trazer a esta especificidade do tema, e que não posso deixar de assinalar, é a posição de onde eu falo. Como cristão católico, me vejo obrigado a colocar esta que é frequente e necessária no trabalho do historiador e/ou pesquisador: sobre o quanto o lugar de onde falamos pode influenciar as interpretações acerca de uma pesquisa que envolve tal campo socialmente vivido pelas pessoas e que, enquanto escritor, serei eu também um leitor. Ressalto esta questão pelo frequente embaraço sobre o caso específico de um “religioso”, ao escrever sobre “religião”, ser questionado em sua neutralidade na pesquisa científica. Pergunto-me, primeiramente, sobre existir tal neutralidade. Não será minha intenção provar os fundamentos da crença – ou fé –, mas partirei do que foi possível ser percebido nos registros propostos à análise das crenças no cotidiano, vivenciado e projetado, neste caso, no medievo.

Logo, as aspirações que apresentarei dizem respeito ao modo como um “mundo” pode estar projetado nos vestígios deixados pelos homens e mulheres do passado e que aqui temos como um objeto de estudo sob um caráter religioso. Embora a produção de nossas certezas apareça geralmente acompanhada de termos como “cientificamente provado”, percebemos que o alcance dos métodos científicos nem sempre encontram uma base sólida suficiente para apoiar seus microscópios. Visto também o caráter monográfico deste trabalho que é por si mesmo um recorte – e a necessidade de revisarmos nossas perguntas, destaco as palavras de Collingwood: “Eis por que, em cada época, a história deve ser escrita sob as novas perspectivas”¹⁷.

Interessou-nos tratar de como se poderia compreender as mensagens desta obra aqui analisada. Mas, no que concerne aos fundamentos de uma ou outra crença religiosa, repito, não caberá aqui julgamento a nível teológico, e sim sobre como nesta ou naquela a ordem

¹⁷ Cf. COLLINGWOOD, R. G. *The Philosophy of History*. Londres: Historical Association Leaflet, n. 70, 1930, p. 15. *Apud*. PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 80.

social esta mensagem fora representada. Como a veneração a Santa Maria, mãe de Jesus Cristo – move multidões hoje em dias de festa da Igreja¹⁸ e em honra a Virgem, principalmente para cristãos católicos; com o que o Papa Francisco I, no ano de 2013, sublinhara sua importância para a fé católica: “[...] com o seu ‘sim’, abriu a porta a Deus para desatar o nó da desobediência antiga, é a mãe que, com paciência e ternura, nos leva a Deus, para que Ele desate os nós da nossa alma com a sua misericórdia de Pai”¹⁹. Assim, quando sublinhadas certas passagens, não será nossa intenção endossar os discursos, mas compreendê-los o máximo possível em seu contexto de produção e/ou expressão.

Dito de outra maneira, os estudos sobre a religião nos dizeres de Mircea Eliade tendem a voltar-se a dois caminhos: enquanto uns “esforçam-se por compreender a essência da religião, os outros trabalham por decifrar e apresentar sua história”²⁰. Creio que a história a que me propus escrever está mais para este segundo caminho, e é o que esperamos, com as bibliografias selecionadas sobre o tema – com as quais creio proveitoso diálogo –, contribuir com esta breve tentativa, à historiografia neste campo de pesquisa/conhecimento; e aberto a “ouvir” este passado sem os preconceitos assinalados anteriormente. Dada estas questões preliminares, é sob um conjunto de cantigas produzidas durante o século XIII, por uma Corte Real, que iniciaremos uma busca dos sentidos que estas produções artísticas podem ter gerado.

“Viajar é bom, pois, alimenta a retina”, dizia meu professor de História Moderna, João Klug. Compreendendo que não é somente aos olhos a que ele se referia, mas a todos os sentidos, e como estes alimentam nossa leitura do “mundo”, nossos sentimentos, nossas representações. Das cores e texturas aos cheiros, sabores e sons. As representações que nos trazem a cultura medieval à tona, e que serão nosso *corpus* documental, nos permitem observá-las como suas visões de mundo, explicações do mundo e por eles necessário o

¹⁸ O uso das grafias “Igreja”, “Deus”, “Ele”, “Pai”, em maiúscula, remetendo a primeira para a instituição Igreja Católica Apostólica Romana, neste caso, e seus fundamentos; as demais grafias referenciando o título, a divindade para as religiões abraâmicas.

¹⁹ Segundo as palavras do Papa Francisco I na celebração da imagem de Nossa Senhora de Fátima em Roma. Cf. “Maria disse sim a fé e deu carne humana a Jesus - o Papa Francisco na Praça de São Pedro durante a Jornada Mariana do Ano da Fé”. Rádio Vaticana. In: NEWS.VA, *Official Vatican Network*. 12 de out. de 2013. Disponível em: <<http://www.news.va/pt/news/maria-disse-sim-a-fe-e-deu-carne-humana-a-jesus-o>>. Acesso em 08 de março de 2014; ou como Maria vai à frente dos fiéis, como Nossa Senhora de Guadalupe, em 1810, em que a imagem da Virgem morena fora usada como “aliada sobrenatural” pelos insurgentes comandados por Morelos nas batalhas pela independência do México. Cf. WOLF, Eric R. *peasant wars of the twentieth century*. Harper & Row Publishers, United States of America, 1969, p. 29. In: BASTOS, Rodolfo B.; MEDINA, Rafael A.; LOZA, Marco A. *Revolução Mexicana: antecedentes, desenvolvimento, consequências*. B.Trad. Ana Corbisier. 1 ed. São Paulo: Expressão popular, 2008, p. 93

²⁰ Cf. ELIADE, Mircea. *Op. Cit.*, p. 11.

registro a fins diversos. Estes registros que retornavam a eles e formavam novas representações²¹. Isto é, relações entre imagens ou concepções mentais e a realidade experimentada socialmente, normatizando-a²².

As representações de que falamos são as *Cantigas de Santa María*. E analisar a Península Ibérica a partir de uma obra literária levada a cabo por um rei pareceu-nos relevante para a compreensão de suas possíveis pretensões que, nas *Cantigas*, vemos um documento às nossas perguntas. E esperamos questioná-lo da melhor forma possível, visando a obtermos um sentido entre o documento e os nossos questionamentos para a elucidação de nossas hipóteses²³, fazendo uso de análises textuais e contextuais.

Em conjunto com outras obras de cunho legislativo e administrativo²⁴, junto à Corte de *El Rey Sabio*, é que esta obra surge: uma compilação em 427 cantigas de louvores e relatos de milagres em honra à Virgem Maria. Como um ambiente a ser explorado, buscamos nesta obra uma porta de acesso para percebê-la como uma “mariologia”²⁵ medieval e a projeção da vassalagem como organização política, social e religiosa da sociedade e do tempo de Alfonso X; e que corresponderia ao que o rei intencionava: a manutenção e centralização desta maneira de ser socialmente dos homens e mulheres de então; tendo como recorte temporal o reinado deste monarca e, portanto, o período da produção das *Cantigas*.

As *Cantigas de Santa María* têm sido amplamente utilizadas como documento histórico, e desta obra uma infinidade de temas – “paisagens”²⁶ – tem surgido e ampliado o conhecimento sobre o meio em que esta foi produzida. Certamente está entre as principais dedicadas à Maria na Idade Média desde o desenvolvimento de sua devoção na Europa do

²¹ Cf. BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História*. Especialidades e Abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 78-80.

²² Cf. MORÁS, Antonio. *Os entes sobrenaturais na Idade Média: imaginário, representações e ordenamento social*. São Paulo: Annablume, 2001, P. 19.

²³ Cf. PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 77-78.

²⁴ Citemos: o *Fuero Real*, *Setenario* e *Las Siete Partidas* como um conjunto de leis, por exemplo, por serem muito citados e/ou estudados.

²⁵ Embora propomos tal termo para as *Cantigas*, só o fazemos em conjunto com outras obras da Corte *Alfonsí* em que *El Rey* busca justificar e exaltar a posição de Maria, mãe de Jesus Cristo diante dos homens e mulheres, deuses e deusas pagãos, à submissão de todos ao mundo cristão. Escrevo, então, “mariologia” entre aspas, visto que o tal termo, em nosso recorte temporal, não teria sido ainda empregado. Segundo Paulo Faitanin, somente com a “*Summae sacrae mariologiae pars prima*” de Plácido Nígido, em 1602, é que tendeu-se a chamar assim os estudos sobre Maria, que comumente cabiam sob o título de “Tratado”. Cf. FAITANIN, Paulo. “A Mariologia Tomista”. In: *REVISTA AQUINATE*, (2005-2014). Disponível em: <<http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Teologia/a-mariologia-tomista.php>>. Acesso em 04 de março de 2015.

²⁶ Como “paisagens” proponho os diferentes temas possíveis, e por diferentes abordagens ou objetivos, em que as *Cantigas de Santa María* formam um ambiente cultural.

século XII²⁷, e se insere no projeto de Alfonso X, que para Le Goff²⁸, foi um dos maiores empregos da devoção mariana na política de um rei no medievo; e para Fernández: “*parte del engranaje de reconquista y consolidación del territorio llevado*”²⁹.

O estudo de tal documento literário no trato das questões históricas passou a ser visto com menos estranheza a partir de meados do século XX, na tomada de consciência de que era preciso avançar sobre o subjetivo que estaria além dos documentos oficiais e/ou de arquivo. Nas palavras de Lucien Febvre: “[...] um poema, um quadro, um drama: [estes] documentos para nós, [são como] testemunhos de uma história viva e humana, *saturados de pensamento e de ação em potência*”³⁰. Sobre a pertinência da literatura, Antonio Candido afirma:

[...] ela [a literatura] é uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente³¹.

Do que se preservou desta obra temos o *Códice Toledano* ou *To* com 100 (cem) *cantigas* cuja referência da Biblioteca Nacional de Madrid (BNM, Ms, 10069) e da origem do manuscrito, remete-nos à Catedral de Toledo. Possivelmente datado entre 1264 e 1277³²; o *Códice Princeps* ou *dos músicos*, também referenciado como *E*³³ ou *E2*, com iluminuras dos músicos: neste foram acrescentadas 300 (trezentas) novas *cantigas*; outro *Códice* é o *T* ou *E1*, ou *Códice Rico*, (Ms T.j.1) com 1257 iluminuras, da Biblioteca Real do mosteiro de Escorial; e o *Códice de Florença*, do acervo da Biblioteca Nacional de Florença. A “*perfección arqueológica* [das iluminuras]”³⁴ é admirável nas representações das narrativas que contém as *cantigas* nos mais variados aspectos: nas roupas e objetos diversos, nas construções, etc. O

²⁷ Cf. FERNÁNDEZ, Laura. Cantigas de Santa María: fortuna de sus manuscritos. Revista de Estudios Alfonsíes, 2008/9, p. 324. Disponível em <http://institucional.us.es/revistas/alca-nate/6/art_17.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2014.

²⁸ Cf. LE GOFF, J., “Le roi, la Vierge et les images: le manuscrit des Cantigas de Santa Maria d’Alphonse X de Castille”. In: De Clerkc, P., Palazzo, E., (dir.) Rituels: mélanges offerts au Père Gy, Paris, Le Cerf, 1990, 385-392. Márquez Villanueva, F., El concepto cultural alfonsí. Edición revisada y aumentada, Barcelona, Edicions Bellaterra, 2004. In: FERNÁNDEZ, Laura. *Op. cit.*

²⁹ *Ibidem*, p. 325.

³⁰ Cf. FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, s. d., p. 31. Apud: FERREIRA, Antonio Celso. A Fonte Fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); DE LUCA, Tania Regina (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p.64.

³¹ Cf. CANDIDO, Antonio. “o direito à literatura”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Apud: FERREIRA, Antonio Celso. *Op. cit.*, p. 67.

³² Cf. FERNÁNDEZ, Laura. *Op. cit.*, p. 326; Silveira propõe a produção deste *Códice* entre 1264 e 1277. Cf. SILVEIRA, Aline Dias da. *Op. cit.*

³³ Cf. FERNÁNDEZ, Laura. *Op. cit.*, p. 332.

³⁴ Expressão de Laura Fernández. *Ibidem*, p. 334.

ano de finalização, é provável, o de 1284: ano da morte de *El Rey*³⁵. O acesso às *Cantigas de Santa María* – na direção que tomamos como esta paisagem do século de Alfonso X³⁶ – só nos é possível hoje por estes códices manuscritos que foram preservados e apresentam-se como etapas num processo de aprimoramento um do outro³⁷.

Com as frequentes digitalizações de documentos e manuscritos pelas principais bibliotecas e arquivos, do Brasil e de outros países, temos hoje por meio da *internet* um inimaginável acesso a esses vestígios que transcendem o tempo e damos-lhes valor de documento histórico. E, assim, os manuscritos e iluminuras das *Cantigas de Santa María*, além de todas as *Cantigas* online [via *internet*] – em texto e em interpretações musicais – estão disponíveis à pesquisa³⁸. O acesso, assim, não é somente ao texto escrito, mas às cores dos textos, às iluminuras, à grafia, entre outros aspectos que caracterizam tais obras do período. Além do trabalho, impresso, de Walter Mettmann³⁹ na compilação e estudos sobre as *Cantigas*.

Ao buscarmos uma classificação para este trabalho nos campos e/ou especialidades da História, sofremos a tendência de enquadrar a realidade em diferentes planos. Sobre esse problema José D'Assunção Barros assinala: “Todas as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas”⁴⁰.

Em recente mesa redonda⁴¹, com os historiadores Henrique Espada Lima e Giovanni Levi sobre a Micro História, Levi salienta a questão sobre o caso de a Micro História não ser diferente da História. É um método que relaciona o historiador e o uso do microscópio na percepção do gênero humano em suas relações macro ou micro social, sendo estas duas

³⁵ O texto de Laura Fernández apresenta outras características e/ou trajetória dos manuscritos preservados “às nossas mãos” que, por hora, não se faz necessário nosso empenho. Cf. FERNÁNDEZ, Laura. *Ibidem*.

³⁶ Por “século de Alfonso X” referindo-se ao período de seu reinado de 1252 a 1284, mas, obviamente, não se fecha neste período.

³⁷ Cf. SILVEIRA, Aline Dias da. *Op. cit.*

³⁸ Para ver os endereços eletrônicos, confira as referências bibliográficas ao final destas linhas, no item “fontes primárias”.

³⁹ Cf. METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María* (cantigas 1 a 100): Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986; METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María* (cantigas 101 a 260): Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1988. METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María* (cantigas 261 a 427): Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989.

⁴⁰ Cf. BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História*. Especialidades e Abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 15.

⁴¹ Como parte do evento de participação do historiador italiano Giovanni Levi aqui no Brasil, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em que dera uma oficina sob o tema: os atrasos da historiografia e as relações entre a história e as ciências sociais, realizada nos dias 20, 21 e 22 de outubro de 2014, no mini-auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH). Finalizara o evento com esta mesa redonda no dia 23 de outubro, sobre suas pesquisas e a micro-história, com o historiador e professor desta universidade, Henrique Espada Lima.

dimensões intimamente interligadas. Não se trata de escolher uma ou outra lente focal, mas da relação entre as lentes na compreensão dos meios sociais. Isto é o que buscamos, de forma sucinta, na produção das *Cantigas*: essa relação do documento com o contexto europeu da vassalagem e concepções religiosas para a explicação do mundo em sua relação com o território ibérico de Alfonso X.

Logo, na impossibilidade de encontrarmos uma ou outra nomenclatura que defina exclusivamente nossa pretensão, colocamo-nos sobre pontos nesta teia que ligam as diversas especialidades e que podemos dar ênfase a alguns destes, mas nunca defini-los como exclusivos. Visto nossa proposta de investigação: a oralidade medieval em sua formalização escrita, rítmica e melódica de uma expressão, as *Cantigas de Santa María*, destacamos a Cultura, nas suas “práticas discursivas que constituem a substância da vida social”⁴². Partimos, assim, por uma História Cultural, Social e Política, como uma relação entre os pontos de intersecção que compõem esta rede que é a história humana.

E os pressupostos norteadores neste caminho ao reinado de Alfonso X fazem-se necessários à compreensão dos ângulos de visão de nossas interpretações, isto é, alguns conceitos que servirão de lentes para compreendermos nosso objeto de estudo. Iniciando com o termo “mundos”⁴³, no plural, utilizamos toda a cultura produzida, da material à imaterial: as formas de representação da realidade conforme as visões que envolvem um ou mais grupos sociais. Concebendo, como nos diz Peter L. Berger: que “Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. [...] A sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano [...] que retroage sobre o produtor”⁴⁴; e a religião tem uma grande importância para a manutenção do mundo socialmente construído, entendemos que vem inseri-lo num “quadro cósmico de referência”⁴⁵ a ordem social, institucionalizando-a, ou seja: insere no universal a realidade humanamente construída⁴⁶.

Esta forma de pensar a religião pode parecer um tanto “fria”, sem considerar os pormenores que fundamentam uma ou outra crença. Quero destacar aqui o aspecto geral que nos direciona no sentido de um olhar religioso, em que o mundo terreno se liga ao divino e estes relacionam-se de acordo com as diferentes práticas religiosas: uma oração, um sacrifício, uma missa, etc. E esse conceito de “mundo” é importante para compreensão do

⁴² Cf. BARROS, José D’Assunção. *Op. cit.*, p. 57.

⁴³ Em referência aos mundos cristão, judeu e muçulmano como mencionado anteriormente..

⁴⁴ Cf. BERGER, Peter Ludwig. *Op. cit.*, p.15.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 48-49.

⁴⁶ *Ibidem*. p. 15-41.

projeto de unidade política, social e religiosa/cultural que as *Cantigas de Santa Maria* podem ter proporcionado – ou pretendido –, pensando-as dentro dos recursos de legitimação da ordem, do *nomos*.

Com a ideia da construção dialética do mundo do ser humano que produz e é influenciado pela sua cultura criada, Peter L. Berger trata da institucionalização do mundo humano como exteriorização ou efusão do Ser sobre o mundo; a objetivação, como cultura externa à consciência humana que a criou, o mundo material e imaterial, e é autolegitimadora – embora quando esta objetividade é desafiada, legitimações extras sejam necessárias; e a interiorização, como aquilo que o homem produziu, a facticidade objetiva se torna também subjetiva, se institucionaliza, sendo a legitimação efetiva quando ocorre uma simetria entre as realidades objetiva e subjetiva⁴⁷.

Ginzburg coloca o conceito de “cultura” como um “conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento [...] num certo período histórico”⁴⁸. Este entendimento de “cultura” converge ao que apresentamos com o termo “mundo” a partir de Berger. Em “O Queijo e os Vermes” Ginzburg buscou acessar, por meio do processo inquisitorial um, até então, anônimo moleiro que fora condenado por sua cosmogonia herética Domenico Scandella também chamado Menocchio, que viveu no século XVI⁴⁹; assinalando uma circularidade entre o que se denominou “cultura dominante” ou “erudita” e “cultura primitiva”, ou ainda “popular” e/ou “subalterna”, que passaram a interagir neste campo abstrato do conhecimento⁵⁰. Na análise das respostas de Menocchio, filtradas pelos inquisidores no registro escrito, Ginzburg atenta para a “irreduzibilidade de parte dos discursos” deste moleiro a “esquemas conhecidos”. Seriam como “indícios” da voz desse camponês que sabia ler e escrever e relacionou-se com ideias dos meios eruditos por meio dos livros que lera. As ideias contidas nos livros, dialeticamente, ressignificaram as visões de mundo do moleiro.

José Mattoso contrapõe este amálgama entre as culturas ditas erudita e popular a que Ginzburg situou numa circularidade de influências entre elas – e que percebeu estratos de uma cultura não conhecida a que teria Menocchio buscado referenciar-se. Se Ginzburg aponta para

⁴⁷ *Ibidem*, p. 44-45.

⁴⁸ Cf. GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso; trad. Dos poemas José Paulo Paes. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, p. 12

⁴⁹ *Ibidem*, p. 31.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 12-19.

a tal síntese produzida pelo moleiro, Mattoso destaca as diferenças quando relaciona o culto oficial e clerical dos monges às práticas e rituais mágicos de origem não cristã, pelo que entende por “religião popular”. “O facto de os seus protagonistas se submeterem também aos ritos e sacramentos prescritos pelo clero, em nada modifica a diferença cultural”⁵¹. Os casos estudados por Ginzburg apontam para uma modificação sem negar a presença de uma cultura pré-cristã, mas esta sendo influenciada pela cultura cristã ou o contrário e propagada oralmente – no caso, aos próximos do moleiro.

Esta perspectiva que trouxe o moleiro do anonimato a um exemplo da circularidade entre as culturas ditas separadas se mostra válido à nossa perspectiva de buscar numa obra oral, literária, musical, popular e erudita que é nossa documentação. A ordem social que se apresentaria nas *cantigas*, a projeção da vassalagem, estaria ela implícita na obra devido à intenção dos compiladores da Corte, em relação ao rei Alfonso X, ou seria vivenciada dentro da atmosfera cultural⁵² que fornecia um modelo de mundo já dado? Provavelmente ambas as posições, pois um projeto político precisa utilizar identificações já presentes na sociedade.

Como as representações traduzem e simbolizam a realidade percebida⁵³, parte constitutiva de um sistema simbólico “[...] que permite a construção e leitura do mundo enquanto realidade objetiva”⁵⁴ compreendemos a relação com o conteúdo e/ou representações religiosos da obra alfonsina analisada como uma “ancoragem”⁵⁵, que precede e procede à objetivação – às *Cantigas* como um produto de uma representação socialmente partilhada da religiosidade popular medieval, e como estão organizados os elementos que a compõem e concorrem para uma materialidade e/ou uma realidade⁵⁶ –; como pontos de referência como quando utilizamos a inferir sobre um objeto estabelecendo com ele uma familiarização e atribuindo um sentido⁵⁷. Para a Psicologia Social, a teoria das “representações sociais” apresenta-se como um estudo do senso comum relacionado a grupos sociais e seu contexto,

⁵¹ Cf. MATTOSO, José. *Fragmentos de uma composição medieval*. Lisboa: Ed. Estampa, 1987, p. 183.

⁵² Assim, por atmosfera cultural entendemos como a cultura interiorizada, tornada natural, o óbvio, que cria um campo, ou tal qual o primeiro termo sugere, uma camada densa que engloba ou tende a proteger o planeta, que neste caso, seria o nosso “mundo” citado anteriormente.

⁵³ Conforme Le Goff, supracitado na página 15.

⁵⁴ Cf. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 9

⁵⁵ Utilizando-nos aqui do conceito de “ancoragem” da Psicologia Social de Serge Moscovici. Cf. VALA, J. “Representações Sociais: para uma Psicologia Social do pensamento social”. In: VALA, J. e M. B. (Orgs.). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 353.-384.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 360.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 362.

possibilitando uma visão de mundo e uma identidade social⁵⁸. Este poder que os sistemas simbólicos têm está na medida em que a interiorização da realidade exteriorizada e objetivada criada pelas sociedades supre suas necessidades e/ou mantem sua existência – como tratado anteriormente com a síntese de Peter L. Berger⁵⁹.

E tendo um conteúdo religioso – louvores à Santa Maria e relatos de milagres realizados por ela – e sido produzida tanto quanto consumida por pessoas de crenças com pontos de intersecção dogmática, as *Cantigas* nos apresentam a devoção mariana em sua relação com as religiões abraâmicas. Direcionamos o olhar não para uma simples transposição da Santa de uma crença para outra, mas, promovido nas representações da ação de *Santa María*, dentro de um *continuum* religioso entre as diferentes crenças religiosas na qual Maria faz parte, é possível perceber entre elas uma convergência por meio de Maria.

Tal como Cândido Procópio de Camargo tratou, num outro tempo e espaço, e noutras formas religiosas, entre o Kardecismo e a Umbanda, este sociólogo percebeu as aproximações entre as duas religiões dentro do que chamou de “*continuum*” religioso. A primeira parte de seu livro intitulado “*Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica*” corresponde à análise das estruturas do Espiritismo e da Umbanda em que a ênfase se dá sobre um “*continuum*” destas duas crenças. O modo das pessoas vivenciarem a religião foi entendido como fato histórico. É nessa perspectiva que Camargo trabalhou sobre a maneira como são vivenciadas pelas pessoas em determinada situação, oscilando entre uma e outra extremidade. Não sendo o foco a discussão sobre os fundamentos de uma ou outra crença. Buscamos, também, aquilo que é possível de ser verificado, isto é, as instituições e organizações de base, a exposição doutrinal e ritual e suas funções⁶⁰.

Os trabalhos encontrados sobre esta documentação no âmbito da História têm salientado as relações entre os sujeitos das três Religiões do Livro⁶¹, sejam eles do mundo natural ou sobrenatural. Mas, os campos da música e dos estudos linguísticos também têm contribuído para a compreensão da obra. Na história musical, o texto: “*La música de las Cantigas de*

⁵⁸ Por ora, este entendimento de “representações” creio ser suficiente para nossa empreitada. Para mais esclarecimentos sobre os estudos das representações sob a perspectiva da Psicologia Social ver: Wachelke, J. F. R.; Camargo, B. V. *Op. cit.*

⁵⁹ Cf. BERGER, Peter Ludwig. *Op. cit.* p. 15-50.

⁶⁰ É um trabalho de viés sociológico – como diz o subtítulo da obra – e não filosófico e/ou teológico da realidade do “*continuum*” mediúnico em São Paulo. Cf. CAMARGO, Cândido Procópio. *Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica*. São Paulo: Livraria Pioneira. 1961. p. 3-56.

⁶¹ Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

*Santa María Del Rey Alfonso el sábio*⁶², de Higinio Anglés, apresenta-nos o caminho do Oriente para o Ocidente do culto mariano e dos hinos em honra à Maria: “[...] *la floración musical del arte mariano em latín y em vulgar de los siglos XII al XIV tuvo unos precedentes que no pueden ser olvidades [...] debemos buscarlos em la propia liturgia latina que, em parte, los tomó ya de la liturgia oriental*”⁶³. Podemos citar outros trabalhos a fim de destacar, brevemente, esta variedade temática que o século XIII apresenta por elas; sendo praticamente impossível tratar de todos tendo em vista a proposta a que esta pesquisa se lança⁶⁴.

Maria Idalina Resina Rodrigues, da Universidade de Lisboa⁶⁵, assinala a importância que tiveram os textos literários – e assinalamos também a sua publicação oral – para o homem medieval em suas representações tão “exactas e aterradoras”⁶⁶ dos demônios. Sobre o tema das representações do diabo, Clarice Machado Aguiar⁶⁷, em sua monografia, tratou sobre a representação do diabo nas *Cantigas* percebendo-o na relação com os conceitos de justiça e injustiça na Idade Média. Esta personagem seria como que um promotor de acusação das almas em pecado e Maria como advogada de defesa que concede uma nova chance.

Também a centralidade de Maria enquanto ideal feminino no medievo tem sido trabalhada. Ricardo da Costa trata das virtudes marianas: bondade, justiça e verdade, contrapondo ou disputando com o diabo – como na interpretação de Aguiar acima – pelas almas pecadoras. Para tal, Costa faz uma comparação com o livro de Santa Maria de Ramon Llull. Neste artigo buscou perceber, pela comparação entre a imagem e o texto de uma *cantiga* – a de número 140 – e o livro sobre Santa Maria de Llull, as estruturas simbólicas da devoção a Maria no Ocidente no século XIII; o cristianismo, e Maria, no processo civilizador da Europa ocidental⁶⁸.

⁶² ANGLÉS, H. “La música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el sábio. Transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés”. Vol III. Segunda parte. *As Melodias Hispanas y/a Monodia Lírica Europea de los siglos XII-XIII*. Barcelona: 1952, p. 459-471

⁶³ *Ibidem*, p. 459.

⁶⁴ E mesmo quanto à própria variedade temática das 427 cantigas que compõem a obra.

⁶⁵ RODRIGUES, Maria Idalina Resina. “Representações do demônio nas “Cantigas de Santa Maria”. *Separata de Actas del Congreso Internacional sobre la lengua e la literatura em tempos de Alfonso X*. Murcia: 1985, p. 467-490.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 468.

⁶⁷ AGUIAR Clarice Machado. *O diabo: vítima, ou algoz? A representação do diabo nas cantigas de Santa Maria (séc. XIII)*. 2013. 35 f., il. Monografia (Bacharelado em História) Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: < http://bdm.unb.br/bitstream/104-83/7903/1/2014_ClariceMachadoAguiar.pdf>. Acesso em: 09 de novembro de 2014.

⁶⁸ COSTA, Ricardo da; DANTAS, Bárbara. “Bondade, Justiça e Verdade. Tres Virtudes marianas nas *Cantigas de Santa María* e no Livro de Santa Maria, de Ramon Llull”. Projeto interinstitucional de pesquisa (UFES-UNESP/Marília). *Manifestações estéticas da Arte Românica na Península Ibérica Medieval (sécs. XI-XIII)*. Grupo CNPq Arte, Filosofia e Literatura na Idade Média. Disponível em:

Este mesmo historiador analisou a figura do judeu nas *Cantigas de Santa Maria* sob o estigma da falsidade na passagem sobre a conversão do judeu que mentiu não ter recebido o pagamento de um empréstimo feito a um cristão; e foi desmentido pela imagem da Virgem numa igreja, o que fez com que se convertesse ao cristianismo⁶⁹.

Nossa temática está mais voltada para as relações que estas representações sublinhadas acima, dos confrontos entre Maria e os que querem o mal para seus devotos, podem dialogar com as possíveis intenções da Corte do rei Alfonso X, buscando ele igualar-se à Maria em sua posição central, santa e justa. O que compreenderia ao objetivo de buscar esses indícios da projeção de Alfonso X na figura sagrada de Maria, como elo legitimador do poder real e da ordem social proposta pelo rei sob o compromisso vassálico; tendo a oralidade e a literatura medieval como veículo para a propagação desta intencionalidade projetada nas *Cantigas*, ora explícita, ora implícita, no texto, visualizamos o universal religioso em sua relação com o particular reinado na *Espanna* do século XIII.

Devido a dimensão do nosso documento e ao tempo proposto para a realização desta pesquisa optamos por fazer um recorte em nosso objeto de estudo. E a seleção das *cantigas* se deu a partir do seguinte critério: atendo-nos aos conflitos sociais, sejam eles de que ordem fossem, que tornavam a segurança uma questão importante na Idade Média – e/ou que compreendemos ser pertinente a análise de *cantigas* em que uma situação de ordem é colocada em risco e como a mesma poderia ou fora reestabelecida.

A versão das *Cantigas* com comentários de José Filgueira Valverde do *Códice Rico* de *El Escorial* fornece-nos uma classificação temática do mesmo⁷⁰. Após a leitura das *cantigas* e a verificação da classificação de Filgueira Valverde, consideramos interessante a análise as *cantigas* que, em geral, giram em torno destes temas: de “louvor”, números 1 e 10; “de recuperação da perda de bens, a de número” 44; “da guerra”, a número 165; e a de número 216, que trata de “ataques e tentações: libertação do demônio e o poder de Santa Maria sobre ele”. Com esta seleção, dividimos a escrita desta história em dois capítulos, concluindo-a com as considerações finais acerca do que fora possível desenvolver nesta pesquisa histórica, a fim

<<http://www.ricardocosta.com/artigo/bondade-justica-e-verdade-tres-virtudes-marianas>>. Acesso em: 09 de novembro de 2014.

⁶⁹ COSTA, Ricardo da; DANTAS, Bárbara. “A falsidade dos judeus é grande”: uma representação de judeus nas Cantigas de Santa Maria (séc. XIII). In: *Atas do X Encontro Internacional de Estudos Medievais (EIEM) da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM)*. Diálogos Ibero-americanos. Brasília: ABREM/PEM-UnB, 2013, p. 507-514. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/falsidade-dos-judeus-e-grande-uma-re-presentacao-de-judeus-nas-cantigas-de-santa-maria-sec>>. Acesso em: 09 de novembro de 2014.

⁷⁰ Cf. FILGUEIRA VALVERDE, J. “Introducción”. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María: códice rico de El Escorial*. Madrid: Castalia, 1985. p. LX-LXIII.

de verificarmos: em que medida a oralidade medieval com as *Cantigas de Santa María* estaria a serviço do suserano, propondo o serviço vassálico ao rei que, como cabeça do reino, deveria ser o senhor dos senhores.

Assim sendo, no primeiro capítulo discorreremos sobre o contexto social do rei Alfonso X e a composição das *Cantigas de Santa María*. Como podemos perceber na concepção hierárquica da ordem social do rei castelhano, uma breve exposição de quem é Maria sob seus títulos honoríficos apresentados a partir dos termos utilizados nas *cantigas* e nos textos religiosos: Antigo e Novo Testamento, Alcorão: de que maneira a mãe de Jesus Cristo está representada e como podemos perceber um “*contínuum*” religioso à compreensão da devoção mariana num ambiente multi religioso e conflitante, analisando as *Cantigas de Santa María* sob a forma de uma “mariologia” medieval.

E no segundo capítulo analisaremos as expressões que indicam a presença de uma oralidade nas *cantigas* selecionadas; verificaremos a autoridade dos relatos, ou conteúdo, compilados e organizados nas *Cantigas* que teriam nesta obra colaboradas ao entendimento de seus compiladores, leitores, cantores e ouvintes das *cantigas* à pertinência de seus registros; para, enfim, compreendermos em que medida a autoridade divina da Virgem Maria e a terrena do rei Alfonso X se fizeram uníssonos pela oralidade medieval e/ou nas *Cantigas de Santa María*. Buscaremos identificar indícios da projeção de Alfonso X na figura sagrada de Maria, como elo legitimador do poder real e da ordem social proposta pelo rei centrada na sua posição; e finalizamos com algumas considerações sobre os resultados pertinentes que emergiram de nossa pesquisa. Avancemos!

A ORDEM QUE VEM DOS CÉUS

“Dá a teu servo um coração cheio de julgamento para governar teu povo e para discernir entre o bem e o mal, pois quem poderia governar teu povo, que é numeroso?”

(1 Reis 3:9)

1.1. NUM PACTO VASSÁLICO...

Um milagre salvou o cavaleiro de um erro, pactuar com demo! E contarei – anunciava o trovador – o que chegou aos meus ouvidos. Uma dona, mulher muito religiosa e devota como era de Santa Maria, nada temia, pois colocava sob o manto de sua proteção tudo o que possuía.

Seu esposo, um bom cavaleiro muito rico, caiu em desgraça, perdera tudo o que tinha. E para reaver sua riqueza buscou com o demo um pacto. O demo concordou, mas, em troca do que lhe concederia, pediu ao cavaleiro sua confiança: “Pois meu sois, e algo muito grande lhe darei” – disse-lhe o demo –, “traga sua esposa a um monte e falarei com ela”; depois disso – complementou – “vos farei rico sem medida”.

O cavaleiro, ao ouvir tamanha promessa, foi logo à sua esposa buscar, para que com ele fosse ao dito monte. O pacto estava feito, falta ao cavaleiro levar sua mulher para o demo e rico novamente estaria. “Vamos hoje comigo a um lugar” – disse o cavaleiro à esposa. Ela, muito contrariada ficou, por ter de sair de casa no dia da Virgem e em sua igreja queria servir. Mas, a força o cavaleiro a levou.

E no caminho avistou sua igreja e disse ao seu marido: “quero ir à igreja descansar um pouco e depois continuaremos”. Desceu do cavalo, entrou na igreja, deitou-se e dormiu atrás de um altar. E, após um tempo, à semelhança da mulher, Santa Maria saiu de trás do altar e dirigiu-se ao cavaleiro: “já é hora de partirmos”, ao cabo que ele a responde, sem notar diferença em sua mulher: “está na hora de andarmos”.

E foram o cavaleiro e a Santa feito sua mulher... Quando chegaram ao lugar tratado, o demo logo admirou-se, exclamando ao cavaleiro do porque de ele o ter traído e ao invés de sua mulher levar ao Monte Santa Maria: “Mentira fizeste tu ao trazer-me Santa Maria e tua mulher deixar!”. E respondeu-lhe então a Maria: “Afasta-te, demo cheio de maldade, que cuidaste de fazer mal a minha fiel, e não poderás fazer-lhe mal algum”. Ao cavaleiro então

disse: “Foste um homem mal, buscando ao demo para ter riqueza e bens; deixa o que lhe deu o demo que a vos não prestará. Arrependei-vos e tome sua penitência”.

O cavaleiro, vendo que a Virgem veio a socorrê-lo de mau pacto, que do demo foi buscar ser vassalo, ficou muito alegre. Correu até a igreja a contar a sua esposa o que viu, “do demo e de seus deuses” e tudo que ali se deu. E desta hora em diante, Deus lhe deu grande fazenda; pois é o que acontece com “o que em Santa Maria de coração confiar”.

O relato do milagre acima narrado é o que canta o trovador da *cantiga*⁷¹ de número 216 da obra alfonsina “*Cantigas de Santa Maria*”. Nela vislumbramos uma cena muito característica do período que estudaremos quanto à organização político-social das pessoas de então. O pacto entre o demo e o cavaleiro, onde o primeiro concede um benefício ao cavaleiro que, enquanto vassalo, o serviria. E um dos seus primeiros serviços ao seu novo senhor, seria levar-lhe não apenas sua mulher, mas uma inimiga, já que serviria a sua inimiga maior, Santa Maria: os reinos em disputas, o da igreja e o do monte, estão dado; a Santa e o demo os senhores; e a dona e o cavaleiro, os vassalos entre a contenda.

A terra de um senhor era concedida a outro, seu vassalo, em troca de serviços militares, ajuda e conselhos, a vassalagem estava baseada em relações hierárquicas entre um homem livre que se submetiam a outro por homenagem e juramento: ter as mãos entre as mãos do senhor à lealdade do primeiro para com o segundo. A terra concedida, o feudo, caberia ao vassalo como uma concessão em troca do serviço e amor para com seu senhor⁷².

Então, é sob este modo organização política e social presentes nas diferentes sociedades europeias medievais, em suas especificidades regionais, como no relato supracitado com que abrimos o primeiro capítulo, verificaremos um tanto o esta aura que envolveu estas sociedades e, mais especificamente, os reinos de Leão e Castela de Alfonso X, que reinou de 1252 a 1284; que nesse jogo de forças entre senhores e vassalos e sua posição de suserano buscou equacionar a ordem estabelecida sob um resultado: ser efetivamente o Senhor dos senhores.

⁷¹ Tradução livre nossa, com base glossário de Mettmann. Cf. METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa María*. Coimbra: Universidade, Vol. IV, 1972. Cf. Texto e iluminura da *cantiga* 216 no item “Anexos”, p. 93-94 e 100. Cf. Iluminura: 186389 Na Itália Florencia Nacional Coleccion MSB.R201. Cf. *Cantigas de Santa Maria* [manuscritos e iluminuras]. *Códice de Florença*. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronoz.com/paginas/leefoto.php?referencia=186389&u-suario=anonimo>>. Acesso em 20 de Maio de 2015.

⁷² Uma definição sintética da relação de vassalagem, mas cremos suficiente para desdobramento do relato de milagre com o qual iniciamos o capítulo. Cf. LOYN, Henry R. (org.). “Feudalismo”. *Dicionário da Idade Média*. Trad. Álvaro Cabral. Rev. Téc. Hilário Franco Júnior, Zahar, 1997.

1.2. A BUSCA POR UM *NOMOS*

Um sentimento de insegurança, material e moral, movia a Idade Média. É o que destacou o historiador francês Jacques Le Goff⁷³. As pessoas deveriam, então, sob uma solidariedade, em comunidades, fazer da união ponto fundamental a não "ruptura" do mundo, a não cair numa anomia – que se figurou após queda do Império Romano. A necessidade de uma ordem à promoção de uma situação de segurança seria o que guiaria as sensibilidades e atitudes humanas deste período⁷⁴. Daí, a importância atribuída à classe guerreira, aos nobres, enquanto resposta terrena a tal necessidade; e outros dois recursos à legitimidade da primeira e/ou resposta divina: as autoridades e os milagres⁷⁵.

Às autoridades refere-se Le Goff à antiguidade: “Da mesma maneira como o Antigo Testamento prefigura e fundamenta o Novo, os antigos justificam os modernos”⁷⁶. Este recurso era uma estratégia a dar força às argumentações. Referenciar-se no passado, por meio de citações de pensadores conhecidos ainda era questão de primeira ordem.

Esta busca no passado das melhores atitudes a serem tomadas à segurança em sua sociedade insere-se no cotidiano: as tradições, os costumes, fundamentavam-se na cultura transmitida de geração em geração, encarnando-se na figura do “sábio” que é o único “digno desta herança”⁷⁷. As anedotas, chamadas *exempla*, tornaram-se importantes à confirmação ou permanências das estruturas que mantinham a sociedade, na qual, pela oralidade, repetidas muitas vezes, enraizavam-se no tempo normatizando-o, “imobilizando-o”⁷⁸.

Marc Bloch também destaca a vinculação de diversas obras de arte que tinham cunho educacional. O catolicismo veio inserir-se com mais propriedade em sua dogmática na sociedade somente com a Escolástica e, depois, com a Contra Reforma⁷⁹ –iletrada em sua grande maioria, mas, nem por isso, ignorantes:

[...] os frescos e os baixos-relevos, nas paredes das principais igrejas ou nos seus capitéis, proporcionavam comoventes, mas imprecisas, lições. Os fiéis, certamente, tinham todos um conhecimento sumário dos aspectos mais sugestivos para a imaginação nas representações cristãs sobre o passado, o

⁷³ Cf. LE GOFF, Jacques. *A Civilização do ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2005, p. 325.

⁷⁴ *Ibidem*.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 326-331.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 326.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 327.

⁷⁸ A evitar a mudança nos modos de ser e agir. Mas, isto não ocorre, e sim experimentam-se numa longa duração.

⁷⁹ Cf. BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Trad. Emmanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 135

presente e o futuro do mundo⁸⁰.

Noutra passagem, para exemplificar algumas percepções do cotidiano medieval, Bloch salienta o meio em que se deu a inserção do catolicismo letrado sobre a oralidade menos rígida: enquanto “[...] Nos céus tempestuosos, ainda não haviam deixado de ver passar exércitos fantásticos: os dos mortos, dizia a multidão, [ou] os dos demónios tentadores, diziam os instruídos, [os últimos estariam] muito menos propensos a negar estas visões do que a encontrar para elas uma interpretação mais ou menos ortodoxa”⁸¹.

Podemos conjecturar sobre a importância das obras literárias, e, principalmente, as dirigidas pela e à oralidade para serem recitadas, cantadas em praça pública, nas festas, etc., como as *Cantigas de Santa María*: fazendo referência ao ideal proposto por *El Rey* Alfonso X à centralização da segurança e manutenção da comunidade⁸², seja criando leis⁸³ e formalizando costumes à lealdade para com a hierarquia celestial e terrestre; ou as *Cantigas* sob os velhos costumes para o povo em geral, isto é, através da compilação de relatos que existiam somente na oralidade para a confirmação da obediência ao suserano, pois é a ele que deviam sua proteção⁸⁴.

Outro recurso, para nós entrelaça-se com as relações que tem com os modos organizacionais da sociedade medieval: orquestrado via uma hierarquia firmemente assentada no passado e na vontade de Deus, e que nos sinalizam esse ponto de encontro entre o sobrenatural e o natural medieval: “a própria ciência tomava por objeto o excepcional, os *mirabilia*, os prodígios”⁸⁵. Na intervenção divina que ocorre nos milagres há muito relatada e que abundam o Ocidente cristão, a vida cotidiana no medievo constituía-se, à construção do mundo, sob uma ordem e escatologia cristãs: “O sobrenatural e o natural às formas de se interpretar e/ou agir no mundo estavam entrelaçadas”⁸⁶.

Assim como os heróis seriam os principais a receber as bênçãos divinas, os fracos e os mais pecadores também: todos estão sob a proteção de Deus⁸⁷. É na fidelidade a Deus, a Jesus Cristo, Virgem Maria, e aos Santos, “[...] *tal como a fidelidade do vassalo*”⁸⁸, que pode-se salvar a alma humana, perdoando-a dos pecados e livrando-a dos demônios. Daí que, numa

⁸⁰ *Ibidem*, p. 105.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² Cf. LE GOFF, Jacques. *Op. cit.*, p. 327.

⁸³ Cf. KLEINE, Marina. “O *Fuero Real* e o projeto político de Afonso X”. In: PEREIRA, Nilton, *et al.*, p. 169.

⁸⁴ Cf. LE GOFF, Jacques. *Op. cit.*, p. 328.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 329.

⁸⁶ Cf. BLOCH, Marc. *Op. cit.*, p. 104.

⁸⁷ Cf. LE GOFF, Jacques. *Op. cit.*, p. 330.

⁸⁸ *Ibidem*.

peregrinação, os reis buscavam a

salvação pessoal [...] para os seus súbditos e para si próprio, obter dos santos protetores que vinham invocar, juntamente com as promessas eternas, os bens terrestres. No santuário, como em combate ou no tribunal, eles julgavam cumprir com o seu dever de dirigentes de povos⁸⁹.

Isso nos remete ao nosso problema de pesquisa: a projeção da vassalagem, enquanto *modus operandi* dado na sociedade medieval, naturalizado, institucionalizado. Buscaremos nas *Cantigas* indícios para a justificação do existente e repetição deste através da autoridade do passado pelo sábio, e de Deus ou, neste caso, a Mãe de Cristo; tendo como veículo o recurso da transmissão oral composta pela Corte de Alfonso X.

1.3. ALFONSO X, *EL REY SABIO*

Para tratar aqui, brevemente, sobre quem foi Alfonso X, cujo epíteto de “*El Rey Sabio*” nos coloca diante da questão sobre seus feitos que fariam jus a tal título, iniciei o capítulo com o pedido do rei Salomão – na epígrafe – que pede ao Deus de Israel sabedoria para poder governar seu povo numeroso, logo, também propício a diferentes conflitos sociais⁹⁰. Deus lhe concede o pedido e também o que não foi pedido: riqueza e glória se seguir Seus mandamentos e de seu pai, o rei Davi. Sua sabedoria alcançou terras além das fronteiras de Israel, e de todas as partes vinham povos para ouvir sua sabedoria: pronunciou muitos provérbios e cânticos; tratou das plantas e dos animais⁹¹. O rei Salomão, “filho sábio [de Davi], reinou em tempo de paz”⁹².

Comparar Alfonso X ao rei bíblico Salomão, um modelo de rei, sob a busca pela sabedoria para governar parece-nos aceitável, à ordem e a paz em seus mundos. A importância dos estudos para o rei castelhano em quaisquer direções do saber, já que o registro destes conhecimentos era de que os mesmos não se perdessem e colocassem “*el curso del mundo de cada una cosa en su orden*”⁹³. Um sobrinho seu, D. Juan Manuel, acentuando os interesses científicos do tio, o elogia sobre seu trabalho de tradução e empenho sobre todas as ciências:

⁸⁹ Cf. BLOCH, Marc. *Op. cit.*, p. 106-107.

⁹⁰ Cf. 1 Reis 3:16-28, onde é relatado a primeira ação sábia do rei Salomão na sua resolução de uma disputa pela maternidade de um filho por duas mães.

⁹¹ Cf. 1 Reis 5:9-14.

⁹² Cf. Eclesiástico 47:12-13.

⁹³ Cf. ALFONSO X. *Prosa histórica*. Edición, selección, introducción y notas de Benito Brancaforte. Madrid: Catedra, 1984, p. 48.

[...] acá, ningún rey nin otro omne tanto fiziesse por ello como él. E tanto cobdiçió que los de los sus regnos fuessen muy sabidores, que fizo trasladar en este lenguaje de Castiella todas las sciencias, tan bien de theología como la lógica, et todas las siete artes liberales, como toda la arte que dizen mecánica⁹⁴.

Durante seu reinado de 32 anos – da morte de seu pai Fernando III, em 1252, até sua morte em 1284⁹⁵ – o rei Alfonso X investiu muito em sua Corte sob o ponto científico, jurídico e artístico. Citando, nominalmente apenas, algumas das obras alfonsina⁹⁶ temos: “*Especulo*” (1254, 1255, depois de 1276); “*Fuero Real*” (1255); “*Siete Partidas*” (1276); “*Setenario*”; “*Primera Crónica General de España, General Estoira*”; e nosso *corpus*, as “*Cantigas de Santa María*”; dentre outras produções.

O valor da palavra escrita vem a ser uma característica da tradição judaico-cristã: o Antigo e o Novo Testamento, bem como as escrituras dos árabes, dos gentios, hebreus e cristãos, tornaram o intento alfonsino universal⁹⁷; que caberá mais tarde sob o dito: “*Cualquier cosa escrita em um hecho de valor histórico*”⁹⁸. É a história como “*magistral vitae*”⁹⁹. O registro por escrito a que propôs Alfonso X fazia-se importante para o conhecimento e manutenção da ordem de seu mundo. Pela escrita é que as gerações futuras poderiam saber em que ponto da história os povos se encontrariam, e teriam desses escritos referências sobre quaisquer necessidades¹⁰⁰, engendrando, assim, a história *de Espanna* numa linha temporal que vai de Adão e Eva à da saída do povo hebreu do Egito; o recebimento das Leis de Deus por Moisés e sobre os reis da Terra Santa; a anunciação, o nascimento, a paixão, a ressurreição e a Ascensão de Jesus Cristo; das batalhas romanas e de outros povos; e na *Espanna* pelas batalhas entre os *sennorios*, na qual pelos livros é possível saber quem foram

⁹⁴ Cf. DON JUAN MANUEL. *Don Juan Manuel y el libro de la caza*. Ed. José Manuel Fradejas Rueda. Valladolid: Instituto de Estudios de Iberoamerica y Portugal, 2001. p.129. *Apud.* REIS, Jaime Estevão dos. *Território, legislação e monarquia no reinado de Alfonso X, o Sábio (1252 – 1284)*. Assis, 2007. 250f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis, Universidade Estadual Paulista, p. 178. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103168/reis_je_dr_assis.pdf?sequence=1>. Acessado em 29 de março de 2015.

⁹⁵ Embora deposto em 1282 por seu filho Sancho e nobres que não mais compartiam de sua regência centralizadora. Cf. ALFONSO X. “Introdução”. *Op. cit.*, p. 11-12.

⁹⁶ Cf. SILVEIRA, Aline Dias da. Fronteiras da Tolerância e Identidades na Castela de Afonso X. FERNANDES, Fátima Regina. (coordenação). *Identidades e Fronteiras no Medieval Ibérico*. Curitiba: Juruá Editora, 2013, p. 129. *Apud.* SENKO, E. C. “O projeto político de Alfonso X (1252 – 1284) em seu trabalho jurídico: ‘Las Siete Partidas’”. *Rev. História Helikon*, Curitiba, v.1, n.1, 1º semestre/2014, p. 19.

⁹⁷ Cf. ALFONSO X. *Op. cit.*, p. 24-25.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 25.

⁹⁹ Sublinha Benito Brancaforte. *Ibidem*, p. 21.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 45-46.

os pioneiros de um povoado¹⁰¹. Esta “sequência”, de certa maneira, coloca Alfonso X numa das pontas desta linha, composta de mitos e histórias dos sábios anciãos, com as leis que viriam a unir todos sob sua mão de rei.

1.3.1. Alfonso X: o rei e o reino

Trazendo nas costas o peso de uma linhagem dinástica que se fez importante por seu pai, de seu avô e bisavô Alfonso IX de Leão e Alfonso VIII, respectivamente; e de sua mãe, por Beatriz de Suábia, com o bisavô Frederico II, o Imperador Staufen¹⁰² do Sacro Império Romano-Germânico. A fim de ilustrar o que poderia ter sido um fácil caminho percorrido por *El Rey Sabio* em seu reinado, suas intenções ao trono nem sempre corresponderam as de seu reino – ou, melhor dizendo, dos seus nobres que tinha por vassalos.

Sob a armadura desde o berço, dado o contexto de lutas pelo território entre os reinos cristãos e *mouros*¹⁰³ na Península Ibérica, Alfonso X teve uma formação guerreira: “Tal educação se justifica se considerarmos que, na Idade Média, criar e educar um futuro rei significa, antes de tudo, formar um guerreiro e ao mesmo tempo um perfeito cavaleiro cristão”¹⁰⁴; manteve a política de seus antecessores e foi além, almejando o título máximo de Imperador de seu bisavô materno¹⁰⁵. Tal ambição contracenou com a inimizade dos nobres do reino, com seus irmãos e até com seu filho, Sancho – que seria o próximo na sucessão, com a morte do primogênito, Fernando de La Cerda¹⁰⁶.

Neste período, o que se modificava era a concepção de realeza e do papel do rei diante da sociedade. Do senhor feudal que tem por relações vassálicas um compromisso de caráter pessoal para com outros que lhe renderiam homenagem, lealdade e poderio militar; que dependia o rei do apoio desses senhores e/ou nobres e, por isso, tinha o poder limitado, passou-se a ver – e principalmente Alfonso X –, sua posição como a de “*primus inter*

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 48.

¹⁰² Cf. SILVEIRA, Aline Dias da. *Op. cit.*, p. 39-40. Ver também genealogia da família de Alfonso X no item “Anexos”, na página 87.

¹⁰³ Nas *Cantigas*, o muçulmano é chamado de “mouro” ou “*moros*”. Sobre a identificação dos seguidores de Maomé confira: MACEDO, Rivair. *Afonso sábio e os mouros: uma leitura das sete partidas*, revista anos 90, 16, 2001/2002, p. 71-87; Dolores Oliver Perez. “Sarracenos: su etimologia e história”. *Revista Al-qantara*, v. 15, n. 1, 1994, p.23-47; GONZÁLES-BLANCO GARCÍA, Elena. “*Sarracín, sarraceno* y su campo semântico: um problema léxico abierto”. *Interlingüística*, nº 17, 2007, p. 445-454. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/ejemplar/160154>>. Acessado em 19 de abril de 2015.

¹⁰⁴ REIS, Jaime Estevão dos. *Op. cit.*, p. 27.

¹⁰⁵ Cf. FILGUEIRA VALVERDE, José Filgueira. In: ALFONSO X. *Op. cit.*, p. XI-XII.

¹⁰⁶ Cf. ALFONSO X. *Prosa historica. Op. cit.*, p. 12.

*pares*¹⁰⁷, em comunhão, organicamente, com os demais estamentos – clero, nobreza, representantes citadinos. A substituição dos *fueros* pelo Direito Romano direcionava a uma centralidade do poder real na direção do rei, dando-lhe poderes absolutistas¹⁰⁸. Como “[...] *un rey absolutista, sin ser autoritario*”¹⁰⁹ – destacando o biógrafo a disposição do rei, com a instituição das Cortes, com quem compartilharia as responsabilidades para com o bem estar de todos no reino – colocou a administração do reino sob estas Cortes, ajuntamentos e assembleias nas quais representantes de determinada região discutiriam e resolveriam os problemas e o caminhar dos que estariam sob uma determinada localidade. Isto fazia com que o rei e sua Corte itinerante, deslocando-se para as partes do reino, irradiassem toda a sua cultura produzida. E dentre elas as *Cantigas*.

Nas obras de Alfonso X relacionam-se, de uma forma explícita as imagens do poder real de acordo com estas novas concepções de monarquia; e as concepções de *El Rey Sabio* conformavam-se com o que seria comum e fundamental da ordem hierárquica e social na Idade Média que emergira: o poder do rei é dado ou revelado por Deus; como Kleine destaca do *Fuero Real*, este é “*Rey por la gracia de Dios*”¹¹⁰.

Esta ordenação divina visava espelhar na Terra o modelo celestial de governo, como de onde Cristo governa seu corpo místico, que é a Igreja¹¹¹. Na epístola de São Paulo aos colossenses – capítulo 1:15-20 –, o apóstolo chama a atenção “aos santos que estão em Colossas” sobre a primazia do Cristo:

¹⁵Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, ¹⁶porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. ¹⁷É antes de tudo e tudo nele subsiste. ¹⁸É a Cabeça da Igreja, que é o Corpo. É o Principio, o primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia, ¹⁹pois nele aprouve a Deus fazer habitar toda a Plenitude ²⁰e reconciliar por ele e para todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz [grifo nosso].

Ao rei cabem as decisões, é a cabeça do reino¹¹². E esta imagem ficou também expressa

¹⁰⁷ Cf. SALVADOR MARTÍNEZ, H. Alfonso X, El Sabio – Una biografía. Madrid: Ediciones Polifemo, 2003, p. 318.

¹⁰⁸ Cf. SALVADOR MARTÍNEZ, H. *Op. cit.*, p. 318.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 320.

¹¹⁰ Cf. KLEINE, Marina. *Op. cit.* p. 169.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 170.

¹¹² Vide Cristo: “É a Cabeça da Igreja, que é o Corpo [grifo nosso]”. As informações dos textos bíblicos citados ao longo deste trabalho foram retiradas da Bíblia de Jerusalém. Citei apenas a referência interna dos textos como, neste caso: Colossenses 1:18. Cf. BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. 8ª impressão, 2012. São Paulo: Paulus, 2002.

na *Partida* II em que o papel de rei deveria ser seguido, pois, estava inserido na hierarquia advinda dos Céus em sua integração com a totalidade em que Cristo é o modelo, diz o Título 1: *Emperadores, reyes y grandes señores*:

[...] pues así como de la cabeza nacen los sentidos por los que se mandan todos los miembros del cuerpo, [...] es [o rei] señor y cabeza de todos los del reino, [e] se deben mandar y guiar y haber un acuerdo con él para obedecerle, y amparar y guardar y enderezar el reino de donde él es alma y cabeza, y ellos los miembros [grifo nosso].

Nas cartas de concessão do *Fuero Real* apresenta-se o modelo da relação vassálica que empreendia o rei Alfonso X para com os domínios senhoriais: com “os privilégios exclusivos aos cavaleiros que fossem vassallos diretos seus ou do infante herdeiro [...] o rei buscava obter um controle cada vez mais direto nos assuntos urbanos e reduzir a influência da alta nobreza nas cidades”¹¹³. Isto, não agradou a todos. Muitos nobres não concordaram com a diminuição do poder sobre as decisões em seus senhorios: o corpo não estava correspondendo aos comandos vindos de sua cabeça, ou seja, do rei para o reino.

A linha seguida por *El Rey* teria como pontos chave¹¹⁴: a renovação dos instrumentos ideológicos que legitimariam o exercício do poder por uma só pessoa sobre o reino; somente o rei poderia ditar as leis e assim reger a vida da comunidade que não poderiam ser questionadas pelos senhores feudais e mesmo pelo próprio rei; uma força militar que fosse recrutada por pagamento em dinheiro e, daí, os recursos seriam captados de todos os seus súditos através de impostos; a capacidade de julgar que caberia somente ao rei. As mudanças pretendidas por Alfonso X traziam para si tal direito que, na prática, não o foi sem resistências. Caberia a ele, o rei, direcionar os *alcaldes* em número e funções para os senhorios e cidades do reino¹¹⁵ para, enfim, garantir que a reforma jurídica pretendida se efetivasse, com a colaboração dos senhores feudais por um auxílio vassálico mais direto, senão estaria fadado ao fracasso¹¹⁶.

Esta tensão entre o rei e os nobres foi inevitável. A revogação de determinados privilégios colocou em conta o equilíbrio do poder que havia muito se institucionalizado.

¹¹³ Cf. KLEINE, Marina. *Op. cit.*, p. 182.

¹¹⁴ Segundo Iglesia Ferreirós assinala: o projeto de Alfonso X cobriria três campos de ação: 1) a legislação régia sob o direito apenas do rei; 2) a unidade jurídica do reino sob uma legislação geral; 3) e a fusão do Direito Romano e do Direito Canônico como novidade acerca da criação das leis, com *Las Siete Partidas*. Cf. IGLESIA FERREIRÓS, A. *Fuero Real y Espéculo. Anuario de Historia del Derecho Español*. Madrid: CSIC, Tomo LII, 1982. p.113. *Apud*. REIS, Jaime Estevão dos. *Op. cit.*, p. 202.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 35-37.

¹¹⁶ Cf. GONZÁLEZ, JIMÉNEZ, Manuel. “Alfonso X y las oligarquías urbanas de caballeros”. *Glossae*. Revista del Derecho Europeo, n. 5-6, 1993-1994, p. 195-214. Aqui, p. 202. *In*: KLEINE, Marina.. *Op. cit.*, p. 177.

Cortázar descreve como uma novidade radical ao propor às forças senhoriais organizadas de maneira distinta, de baixo para cima, uma inversão de sentido: de cima para baixo, sinalizando um poder central do reino, no caso, sob as mãos de Alfonso X¹¹⁷: ”[...] *el rey aparece como imperator in regno suo, esto es, con capacidad para autodefinirse como poder soberano y con facultad para hacer leyes*”¹¹⁸.

Las relaciones del rey con el estamento de los *bellatores*, esto es, de la nobleza del reino de Castilla, estuvieron condicionadas por la combinación de dos elementos. Uno, forjado por la costumbre, la ideología feudal. Otro creado recientemente por la doctrina, las formulaciones de signo romanista. Precisamente, el debate que, a lo largo del reinado, se fue haciendo cada vez más agrio fue el que enfrentó, *de un lado, la voluntad autoritaria del monarca por inclinar en su favor los equilibrios previstos por el ordenamiento feudal de la sociedad política* y, en última instancia, sustituirlos, y *de otro, el empeño de la nobleza por mantener los presupuestos pactistas que la ordenación feudal preveía* y, por tanto, la resistencia nobiliar a aceptar la condición de víctima *ante una invasión legislativa que fortalecía la posición del monarca*¹¹⁹ [grifo nosso].

A tensão que surge entre o monarca e a classe dos nobres que não quer modificar a ordem segundo o costume feudal trouxe consequências justamente ao que mais intencionava Alfonso X: a perda do compromisso vassálico destes senhores, bem como até o rompimento das relações com seu próprio filho, Sancho, na qual eles buscaram aliança com o reino de Granada. E, a ordem que estava estabelecida foi colocada em xeque:

La pugna entre las dos posiciones salpicó de episodios personales la historia del reinado hasta *que la nobleza se unió en cuerpo de comunidad para frenar las pretensiones del monarca. Tal sucedió en la sublevación de 1272 y en la subsiguiente ruptura del vasallaje respecto a Alfonso X* y desnaturalización de parte de los nobles que buscaron el apoyo del rey nazarí de Granada. Aunque, de momento, la situación se restableció, el empeño de ambas partes en el mantenimiento de sus tesis de partida explica que, diez años más tarde, en 1282, la nobleza cerrara filas en torno al rebelde infante Sancho [filho de Alfonso X] contra su padre¹²⁰ [grifo nosso].

Da sobreposição do *Fuero Real* sobre os *fueros* locais¹²¹ – chamados *fueros de albedrío* – caberia somente aos *alcaldes*, doutores em direito romano¹²², o julgamento e garantir que os

¹¹⁷ Cf. CORTÁZAR, José. “De las conquistas fernandinas a la madurez política y cultural del reinado de Alfonso X”. *Revista de Estudios Alfonsíes*, 2002/3, p. 32. Disponível em: <http://institucional.us.es/revistas/alcanate/3/art_2.pdf>. Acesso em: 27 Março de 2015.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 34.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 40.

¹²⁰ *Ibidem*.

¹²¹ Baseados nas sentenças de juízes.

¹²² Cf. SALVADOR MARTÍNEZ, H. *Op. cit.*, p. 348.

direitos do rei e do povo estivessem de acordo com o livro dado, o *Fuero Real*, e não com outros¹²³. Na concessão de privilégios “aos cavaleiros que fossem vassalos diretos seus”¹²⁴ buscava o rei direcionar o controle dos municípios aos de sua confiança, sobrepondo-se aos nobres ricos que viessem contra os interesses da Coroa¹²⁵.

Em determinado episódio, os nobres que se rebelavam contra o rei Alfonso X foram descobertos por meio da interceptação, pelos do rei, de umas cartas em árabe que, após a tradução, identificou-se os traidores que tramavam contra *El Rey* com seus inimigos¹²⁶. Nas cartas, além de informações privilegiadas ao emir marroquino Ibn Yûsuf que chegava a Península para ajudar o sultão de Granada no entrevero contra Castela, tratavam sobre questões que estavam nas pautas de todas as reclamações internas: como os excessivos impostos e a desvalorização da moeda, e sobre a substituição dos *fueros* locais pelo *Real*. O comentado pelo emir, dizendo que Alfonso havia suplantado o *fuero* “bom” que utilizavam antigamente¹²⁷. Diante da necessidade de seus vassalos sobre o afrontamento marroquino, se vê o rei de Leão e Castela não conseguindo manter a ordem com os seus, que o desafiavam diante da ordem em que quem teria quebrado fora ele próprio.

O contexto da produção das *Cantigas* foi de tensões entre as forças políticas e militares da nobreza e Alfonso X, que colocaram *El Rey* sob a tarefa de engendrar uma argumentação, de acordo com a mentalidade da época, que justificasse sua proposta de organização de seu reino; como o caminho, a “senda reta”, que no Corão, Livro Sagrado muçulmano traz nos dois versículos dos sete que compõem sua abertura: todo aquele que professa esta fé e a medita sinceramente faz-se um muçulmano leal; “o conhecimento e a adoção do caminho mais curto” em direção a Deus¹²⁸.

A seguir, veremos como *Santa María*, louvada e servida pelo rei, pôde servir direta ou indiretamente como um ponto referencial e unificador pela legitimidade religiosa que faz da Mãe de Jesus Cristo, o Rei Divino nascido em Belém, também Mãe do Rei Terrestre de

¹²³ Cf. KLEINE, Marina.. *Op. cit.*, p. 174-176.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 181.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 182.

¹²⁶ Dentre o nobres: don Felipe, Nuño González de Lara, Lopez Díaz de Haro, Esteban Fernández de Castro. Cf. SALVADOR MARTÍNEZ, H. *Op. cit.*, p. 347.

¹²⁷ *Ibidem*.

¹²⁸ Alfonso buscava encurtar tal caminho do comando do reino em suas mãos. Segundo Jaafar Sheikh Idris: “A senda reta descrita no Alcorão não é um caminho teórico; é um caminho real que algumas pessoas tomaram antes de nós. [...] que cada profeta e mensageiro de Deus pregou a crença na Unicidade de Deus e que toda adoração era dedicada somente a Ele”. Cf. IDRIS, Jaafar Sheikh.. “Primeiro capítulo do Alcorão”. *THE RELIGION ISLAM*. 2006-2014. Disponível em: <<http://www.islamreligion.com/pt/articles/10190/>>. Acessado em 05 de maio de 2015.

Espanna.

1.4. SANTA MARIA, RAINHA CELESTIAL

A devoção à Maria – ou devoção mariana – teve nos séculos XII e XIII, na Europa, grande destaque com a fundamentação proposta principalmente pelas ordens religiosas: os franciscanos e dominicanos¹²⁹. A piedade mariana passou a ocupar espaço, também, na literatura que veio a compilar milagres cuja intercessão viera da Santa – e as *Cantigas* são um exemplo, e que fora também influenciada por outras, como Gautier de Coinci, 1177-1236 –, apresentando-a como corredentora junto de Jesus Cristo na salvação da humanidade¹³⁰. Assim, a vida de Maria passou a estar presente nas obras de arte medievais. O que apontaria para a conquista emocional e espiritual que nas representações textuais e iconográficas desta poderiam influir nas pessoas e a uma normatização – visto a significativa produção de imagens e esculturas de Santa Maria no século XIII¹³¹. A esta postura de Maria, a imagem de “rainha” como a mãe do “Rei dos reis” certamente elevou sua importância na medida em que a representa junto Àquele que é o centro, a cabeça que dirige o corpo, a Igreja¹³².

Duas cenas relatadas nos textos bíblicos¹³³, 1 Reis e no Evangelho de São João, nos indicam um paralelo entre a “mãe do rei” e a “Mãe de Deus”¹³⁴. Respectivamente, a primeira diz: “Assim foi Betsabeia ao rei Salomão, a falar-lhe por Adonias; e o rei se levantou a

¹²⁹ Sobre o surgimento das Ordens Religiosas dos Franciscanos e Dominicanos, a prof.^a Dr.^a Terezinha Oliveira do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá apresenta uma síntese ao trabalhar sobre o ensino na universidade medieval e as concepções de São Tomás de Aquino e Boaventura. Cf. OLIVEIRA, Terezinha. Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino. *Anais Associação Nacional de História – ANPUH XXIV Simpósio Nacional De História*, São Leopoldo, 2007. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0850.pdf>>. Acessado em 12 de julho de 2015.

¹³⁰ Cf. SALVADOR MARTÍNEZ, H. *Op. cit.*, p. 248-251.

¹³¹ Cf. COSTA, Ricardo da; COVRE, Bárbara. “Cantigas de Santa Maria de Alfonso X: análise comparativa entre texto e imagem da cantiga 04”. In: FERREIRA, Álvaro Mendes (org) *et. al. Problematizando a Idade Média*. Niterói: Ed. UFF/PPGHistória, 2014, p. 33.

¹³² Cf. Colossenses 1:18.

¹³³ Estes relatos e outros podem ser acessados e compreendidos também dentro de uma mariologia católica nos estudos bíblicos da página *online*: “The St. Paul Center for Biblical Theology”, em que encontra-se um estudo sobre Maria. Cf. “Dios Te Salve, Reina y Madre: la Biblia y la Virgen María”. *The St. Paul Center for Biblical Theology*, 2015. Disponível em: <<https://stpaulcenter.com/espanol/estudio-biblico-catolico/>>. Acessado em 05 de janeiro de 2015.

¹³⁴ Este título foi oficialmente aceito como dogma da Igreja Católica no Concílio de Éfeso em 431: Sendo Jesus Cristo o Verbo de Deus que se fez carne nascendo da Virgem Maria, a unidade das duas naturezas de Cristo – a humana e a divina – fez de Maria também mãe não somente da natureza humana, mas do próprio Filho de Deus. Cf. FAITANIN, Paulo. “A Mariologia Tomista”. In: *REVISTA AQUINATE*, (2005-2014). Disponível em: <<http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Teologia/a-mariologia-tomista.php>>. Acesso em 23 de março de 2015.

encontrar-se com ela, e se inclinou diante dela; então se assentou no seu trono, e fez pôr uma cadeira para a sua mãe, e ela se assentou à sua direita”¹³⁵. O trecho citado corresponde à passagem bíblica em que a mãe do rei Salomão que, recém-entronizado por seu pai, o rei Davi, o aconselha e intercede pelo irmão de Salomão. Ela tem a reverência do filho rei que a faz sentar-se a sua direita. Embora o rei questione e não conceda a Adonias seu pedido, já que havia sido avisado de que se portasse “como uma pessoa honesta”¹³⁶, senão morreria.

O outro episódio análogo encontramos no Evangelho de São João, capítulo 2, versículos 1 ao 12. No primeiro milagre do caminho de Jesus relatado, a transformação da água em vinho quando a bebida faltou na festa de casamento em que Jesus, Maria sua mãe e seus discípulos haviam sido convidados. Jesus é avisado por Maria que o vinho acabou. Ele responde: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou”¹³⁷. Na sequência, Maria pede aos serventes que façam o que Jesus ordenar.

As duas situações narradas nos textos sagrados¹³⁸ apresentam um exemplo, um modelo, da mãe que aconselha o filho que lhe é superior, mas este se submete a ela que lhe retribui a autoridade: “Fazei tudo o que ele voz disser”¹³⁹. A primeira, podemos dizer, fora terrena; já a segunda, sagrada, dado o desfecho milagroso; enquanto intercede pelos benefícios concedidos pelo rei e enquanto intercessora junto a Jesus Cristo¹⁴⁰ e, por ele, dos milagres¹⁴¹. Sendo os livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento referências no medievo cristão¹⁴² encontramos aqui a relação entre a rainha – na Terra – que intercede pelos de sua consideração junto ao rei bem como à rainha – dos Céus – que intercede a Deus pelos da Terra; O rei Sábio se compararia, aqui, ao rei Salomão, rico em sabedoria; e à imagem de Cristo na Terra: ou o vigário de Deus¹⁴³: “[...] y otrosí dijeron los sabios que el emperador

¹³⁵ Cf. 1 Reis 2:19.

¹³⁶ Cf. 1 Reis 2:52.

¹³⁷ Cf. João 2:4.

¹³⁸ O primeiro relato é citado nas *General Estoria* II, I *Reyes*, XXXIII: “E por esto fue dado al rey Salamon por derecho e por juyzio de matar a Adonias, su hermano, por que le pedio que le diessen a Abisac, la sierua que fuera del rey Dauit, sabendo que la pedie contra ley e contra derecho”. Embora chame a atenção a ação e justiça de Salomão, também trata do dever de todos os homens honrar seu rei, “que son mantenedores de los pueblos”.

Cf. ALFONSO X. *Op. cit.*, p. 194-195.

¹³⁹ Cf. João 2:5.

¹⁴⁰ No Evangelho de São João, Jesus, o Filho de Deus, diz aos discípulos: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Cf. João 14:6.

¹⁴¹ Sobre o “maravilhoso medieval”, Le Goff coloca o milagre como que a cristalização do maravilhoso. Cf.: LE GOFF, J. *O Maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval*. Trad. António José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 28-35.

¹⁴² Como mencionado no item 1.1 deste capítulo.

¹⁴³ Cf. SORIA, Manuel Nieto. Imágenes religiosas del Rey y del Poder Real en la Castilla del Siglo XIII. In: *La España Medieval*, nº9, 1986, p. 715. Disponível em: <<http://dialnet.uni-rioja.es/servlet/articulo?codigo=122193>>

*es vicario de Dios en el imperio para hacer justicia en lo temporal, bien así, como lo es el papa en lo espiritual*¹⁴⁴.

A estas narrativas exemplares para um comportamento da realeza feminina, podemos citar, brevemente, para o caso de Alfonso X, a postura de sua avó Dona Berenguela, que poderíamos dizer ser um exemplo próximo a este rei da influência das rainhas ibéricas nos tratos político-diplomáticos. Em meio a um século XIII bélico e masculino, a filha de Alfonso VIII e Leonor Plantageneta, Alfonso X caracteriza sua avó como muito sábia e entendida dos perigos das coisas. Foi ela quem organizou o reino, contribuindo para a união das Casas de Leão e Castela¹⁴⁵.

O biógrafo de Alfonso X Salvador Martínez narra sobre a rainha-mãe de Leão e Castela, Dona Berenguela, que foi a primeira filha de Alfonso VIII e Leonor, prometida em casamento ao primogênito do imperador Frederico I Barba Ruiva, Conrado de Hohesnstaufen. Mas, este matrimônio não chegou a ser consumado. O príncipe Conrado viveu em Castela até 1190, aproximadamente, e regressou à sua Casa quando o acordado foi desfeito. Este havia beijado a mão do rei Alfonso VIII como sinal de submissão e compromisso vassálico juntamente com Alfonso IX de Leão, quando foi armado cavaleiro do rei Alfonso VIII¹⁴⁶.

Com o herdeiro no trono de Leão, condição para que a paz se fizesse com o reino de Castela, Dona Berenguela gerou futuro rei de Leão e Castela, Dom Fernando III, que assumira após a morte do pai, Alfonso IX. Não desconsiderando todos os acontecimentos que puseram fim a dois casamentos, o segundo, com Alfonso IX, por questões de consanguinidade, após já terem tido uma vida conjugal e filhos, não tirou de Fernando III o trono do reino de Leão. Dona Berenguela sempre tomou uma posição de rainha forte diante das questões do reino e colocava seus planos em ação, como diz Martínez, “*dispuesta siempre, como estaba, a defenderlos com suavidade e tacto, pero también, cuando era necessário, com las lanzas y las catapultas*”¹⁴⁷. A esta imagem bélica da rainha-mãe Berenguela, outra imagem a imprimiu após a separação de Alfonso IX: a de rainha caridosa. No retorno a Castela, além dos assuntos do reino que ainda continuou a exercer influência com seu filho e com seu neto no trono de Leão e Castela, passou o resto de sua vida – 37 anos – dedicando-se a obras de caridade¹⁴⁸.

Acessado em 20 de março de 2015.

¹⁴⁴ Cf. ALFONSO X. *Partida* II, Título I, Lei I.

¹⁴⁵ Cf. SALVADOR MARTÍNEZ, H. *Op. cit.*, p. 30.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 31.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 31-37.

São notáveis as características atribuídas à Berenguela que se comparam à imagem de Maria também descrita nas *Cantigas*. Não nos deteremos aqui sobre a influência ou importância que tiveram para os reinos ibéricos suas rainhas, assinalemos com a rainha-mãe Berenguela a pertinência, ao menos, aos reinados de Fernando III e Alfonso X.

Analisando, primeiramente, a relação posta entre o trovador – considerando aqui o rei Alfonso X como idealizador das composições – e a Santa na primeira *cantiga*, ou de número 1, traz o desejo do rei ou trovador que se compromete a *servir* a Mãe de Deus: o título “*Des oge mais quer'eu trobar*”¹⁴⁹ [Desde hoje mais quero eu trovar]. Na primeira estrofe, o trovador coloca seu talento de trovar, e à louvar Santa María, apresentando desde o início quem é Maria e o porquê de ser louvada ou ter de louvá-la.

Estrofe 1:

- (1) *Des oge mais quer' eu trobar*
- (2) *pola Sennor onrrada,*
- (3) *en que Déus quis carne fillar*
- (4) *bêeita e sagrada,*
- (5) *por nos dar gran soldada*
- (6) *no séu reino e nos erdar*
- (7) *por séus de sa masnada*
- (8) *de vida perlongada,*
- (9) *sen avermos pois a passar*
- (10) *per mórt' outra vegada.*

É “Senhora honrada” em que Deus se fez carne¹⁵⁰, “bendita e sagrada, por nos dar tão grande recompensa no seu reino”. Nesta *cantiga*, os mistérios gozosos de Maria¹⁵¹ são tratados em sete estrofes, nas quais cada uma conta a vida de Jesus com Maria. São elas: Anunciação, Natividade de Jesus, Adoração dos Reis Magos, Ressurreição de Cristo, Ascensão de Jesus, Pentecostes e a Coroação de Maria; tratam, portanto, do mistério da encarnação do Verbo de Deus e, por isso, são contemplação do anúncio da salvação dos pecadores; e mostram a devoção de Maria em sua participação na salvação do mundo por Jesus Cristo no sacrifício do calvário pela cruz, traduzindo a coroação de Maria ao título de Rainha celeste que intercede pela Igreja, o corpo místico de Cristo¹⁵².

¹⁴⁹ Cf. *Cantiga* 1: “Des oge mais quer'eu trobar”. *Cantigas de Santa Maria for Singers*. Andrew Casson Database, 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.cantigasdesantamaria.com/csm/1>>. Acesso em 23 de março de 2015.

¹⁵⁰ Cf. João 1:14.

¹⁵¹ Cf. João Paulo II, Papa. *Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae Do Sumo Pontífice João Paulo II Ao Episcopado Ao Clero e aos Fiéis Sobre o Rosário*. 16 de outubro de 2002, §20. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html>. Acessado em 26 de maio de 2015.

¹⁵² Cf. Colossenses 1:18.

No primeiro verso de cada estrofe, o trovador destaca como sendo importantes estes momentos da vida de Maria – e de Jesus, principalmente – e que são de sua vontade, como nos seguintes versos: (41) *Outra razão quero contar* [narrar] *que ll'ouve pois contada a Madalena*; (51) *E ar quero-vos demonstrar*; (61) *Nen quero de dizer leixar* [não quero deixar de dizer]. Isto para assinalar os títulos de honra que são empregados à Maria no decorrer desta *cantiga*:

- (4) *bêeita e sagrada*;
- (14) *Benaventurada*;
- (15) *Virgen, de Deus amada*;
- (77) *Rainha*;
- (78) *Filha, Madr' e Criada*;
- (80) *nóss'avogada*.

Estes títulos e a própria sequência mostram-nos o caminho que percorrem aqueles ou aquelas que, seguindo os preceitos divinos – neste caso, judaico-cristãos – tornam-se benditos e santos. Logo, os puro de corpo e alma; e recebem a sua recompensa: de poderem ser reis e rainhas tutelados pelo Pai Celeste sendo tementes a Ele. O rei e Maria estariam, pois, em concordância com a Ordem Divina, e são, também, intercessores de seu povo junto a Deus: “[...] Maria é a principal figura celestial na luta contra o mal. Doce, mas resoluto, suave, mas determinada, para os medievais ela enfrentava o diabo em socorro àqueles que caíssem na tentação dos vícios”¹⁵³.



Figura 1: *cantiga* n.º. 1: “*Des oge mais quer'eu trobar*”¹⁵⁴.

¹⁵³ COSTA, Ricardo da; DANTAS, Bárbara. “Bondade, Justiça e Verdade. Tres Virtudes marianas nas *Cantigas de Santa Maria* e no Livro de Santa Maria, de Ramon Llull”. Projeto interinstitucional de pesquisa (UFES-UNESP/Marília). *Manifestações estéticas da Arte Românica na Península Ibérica Medieval (sécs. XI-XIII)*. Grupo CNPq Arte, Filosofia e Literatura na Idade Média. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/bondade-justica-e-verdade-tres-virtudes-marianas>>. Acesso em: 14 de setembro de 2014.

¹⁵⁴ Cf. Página completa no item “Anexos”, p. 95. Cf. Iluminura: 3122 Al Madrid San Lorenzo del Escorial Monasterio Biblioteca Coleccion mtl1. *In: Cantigas de Santa Maria* [manuscritos e iluminuras]. *Códice de*

Na iluminura acima vemos à frente das torres e telhados da cidade de Toledo o rei Alfonso X centralizado, junto dos seus intelectuais: músicos, tradutores de sua Corte a compor as *Cantigas*¹⁵⁵; ao todo são em número de 10 pessoas – sendo o número “10” um símbolo da perfeição¹⁵⁶. É interessante como, na primeira *cantiga*, a iluminura em que consta o texto e a melodia que apresenta Maria, a “rainha e amada de Deus”¹⁵⁷, é o rei que aparece entronizado. É também a apresentação do rei, como o “rei da proteção e da paz” que coordena a produção das *Cantigas*.

O trovador canta à Senhora honrada que, humilde serva¹⁵⁸, viu-se na grandeza de ter o Filho de Deus. Conforme o relato bíblico, de seu ventre nasceu o messias anunciado pelos profetas a apascentar Israel, saindo da menor de suas terras, Belém: o rei dos judeus que realizaria a paz e traria a proteção ao povo de Deus na Terra. Para efeito de esclarecimento, este conteúdo da *cantiga* representa o que diz o texto sagrado do profeta Miqueias – Antigo Testamento –, que fala de onde virá a glória para Israel, da dinastia do Rei Davi. O Evangelho de São Mateus no Novo Testamento o retoma como explicação ao rei Herodes dos seus sacerdotes sobre onde haveria de ter nascido o “rei dos judeus”¹⁵⁹ por quem os três reis magos, seguindo uma estrela, o procuravam para presenteá-lo. Eis que responderam os sacerdotes a Herodes: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel”¹⁶⁰.

Na figura 2 abaixo, vê-se a iluminura do quadro que representa iconograficamente o relato escrito e cantado: a visita dos três reis que se colocam diante do menino Jesus – aqui, nos braços de Maria. A rainha celeste guarda o Ungido de Deus em seu colo olha para aquele que está prostrado e eleva um presente ao do trono. Enquanto o menino Jesus levanta a mão direita para os que estão em pé, segurando os presentes e, ao que parece, conversando entre si. Ao que de joelhos oferece seu presente ao da Casa de Davi está o olhar compassivo da mãe; aos de pé, a mão do Rei dos reis que nascera. Pode esta miniatura denotar uma relação com a primeira apresentada, onde o rei, sentado no trono, folheia um livro com uma das mãos – o da

Florença. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronz.com/paginas/leefoto.php?referencia=003122&usuario=anonimo>>. Acesso em 20 de Maio de 2015.

¹⁵⁵ *Ibidem*.

¹⁵⁶ Cf. LE GOFF, *Op. cit.*, p. 335-336.

¹⁵⁷ Cf. Versos 15 e 77 da *cantiga* 1: “Des oge mais quer'eu trobar”. *Op. cit.*

¹⁵⁸ Cf. Lucas 1:38..

¹⁵⁹ Cf. Mateus 2:1.

¹⁶⁰ Cf. Mateus 2:6.

composição das *Cantigas* que trazem os relatos de milagres, logo também referindo-se a um livro, e à palavra escrita que possui autoridade – enquanto olha para aquele que está ao chão e que o olha?



Figura 2: *cantiga n.º 1: “A visita dos Três Reis Magos”*¹⁶¹.

E Maria é – ao final da estrofe de número 8 –, coroada em sua ascensão aos Céus, sentada a direita do Filho de Deus, rodeada por anjos, e honrada como uma rainha, donde se fez advogada:

Estrofe 8:

(71) *E, par Déus, non é de calar*
(72) *como foi corõada,*
(73) *quando séu Fillo a levar*
(74) *quis, des que foi passada*
(75) *deste mund' e juntada*
(76) *con el no céo, par a par,*
(77) *e Reínna chamada,*
(78) *Filla, Madr' e Criada;*
(79) *e porên nos dev' ajudar,*
(80) *ca x' é nóss' avogada.*



Figura 3: *cantiga n.º 1: “A ascensão e coroação de Maria”*¹⁶².

¹⁶¹ Cf. Iluminura completa em no item “Anexos”, p. 96. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KI4YaAlbywo>>, em 3min26seg. Acessado em 29 de março de 2015.

A identificação de Maria como rainha intercessora e nossa advogada – figura 3 acima – está ao lado de Cristo, e rodeada de anjos e dos santos¹⁶³, a oitava e última estrofe desta *cantiga* propõe a eternidade e início do novo reino, visto na própria simbologia da regeneração do número “8”¹⁶⁴. O Papa Pio XII, em sua encíclica sobre a realização da festa de Maria, declarou:

Finalmente a arte cristã, intérprete natural da espontânea e pura devoção do povo, desde o concílio de Éfeso que representa Maria como rainha e imperatriz, sentada num trono e adornada com as insígnias reais, de coroa na cabeça, rodeada da corte dos anjos e santos, como quem domina não só as forças da natureza, mas também os malignos assaltos de Satanás. A iconografia da virgem Maria como rainha enriqueceu-se em todos os séculos com obras de arte de alto mérito, chegando até a figurar o divino Redentor no ato de cingir com brilhante coroa a cabeça da própria Mãe¹⁶⁵ [grifo nosso].

Conforme grifado no trecho acima, esta carta papal de 1954 descreve a cena da miniatura anterior bem como atesta a significação dos títulos proposto na primeira *cantiga* mais próxima do nosso tempo: a validade no sistema de crenças católicos da postura Real da Mãe de Cristo que, como Betsabeia assentou-se ao lado direito do rei Salomão, a Virgem é coroada pelo próprio rei: conforme linha final do parágrafo 31 da carta de Pio XII e da iluminura acima. Percebemos aqui uma relação entre as *cantigas* e a carta papal no que concerne à longa duração e permanência da devoção mariana no tempo. E quanto à pertinência ou atualidade desta questão religiosa e que move ou experimentam multidões hoje, esta resiste ao arsenal tecnológico ou científico atual que tende a ver de maneira maniqueísta o religioso sobrenatural e o científico natural. Na minha percepção, a fim de uma explicação, ambas as perspectivas do universo não são antagônicas, mas complementam-se. E destaca-se o reconhecimento do caráter pedagógico da arte enquanto construtor de imagens e representações do reino celestial. A sagração de Maria cingida com a coroa pelo próprio Filho, Rei dos reis, tem seu amparo nos ritos de sagração dos reis. Esta imagem ancora-se na comunhão simbólica¹⁶⁶ de seu contexto de produção.

As *Cantigas* vista de maneira orgânica com as demais empreitadas de Alfonso X nos

¹⁶² Cf. Iluminura completa no item “Anexos”, p. 96. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KI4YaAlbywo>>, em 6min24seg. Acessado em 29 de março de 2015.

¹⁶³ Cf. Matheus 19:23-28.

¹⁶⁴ Cf. LE GOFF, *Op. cit.*, p. 271..

¹⁶⁵ Cf. Papa Pio XII *Carta Encíclica Ad Caeli Reginam*, sobre a realeza de Maria Sítio oficial da Santa Sé. 11 de outubro de 1954, parágrafo 31. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_11101954_ad-caeli-reginam.html>. Acessado em 05 de abril de 2015.

¹⁶⁶ Cf. BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*

campos do saber, a evidenciar o lugar de cada coisa na ordem natural proveniente de Deus, que dispôs tudo “[...] com medida, número e peso”¹⁶⁷. Que reflexo esta precisão da disposição de todas as coisas teria na própria perspectiva do mundo tal como ele se apresentava no medievo? Provavelmente, papel a ser desempenhado por cada membro do corpo social deveria favorecer esta verdade instituída; seja no mundo natural ou sobrenatural, influenciar o comportamento social à sua permanência¹⁶⁸. Considerando-se os textos canônicos como dignos de confiança e autoridade sobre a verdade nos reinos cristãos; e a possibilidade de se conhecer “a realidade ou o universo criado” pela razão humana¹⁶⁹.

¹⁶⁷ Cf. Sabedoria 11:20.

¹⁶⁸ Conforme vimos a partir de Peter L. Berger sobre a construção do mundo.

¹⁶⁹ Cf. WOODS, Thomas E. *Op. cit.*, p. 71-72.

INDÍCIOS DE UMA ORALIDADE VASSÁLICA

“*El rey faze um libro, non por quel escriua com sus manos, mas porque compone las razones del, e la emenda, et yegua e enderesça [...] por esta razon que el rey faze el libro*”

(General Estoria I, p. 156)

2.1. AS VOZES MEDIEVAIS

Podemos ver as *Cantigas de Santa María* como a síntese entre uma composição fluida no tempo e no espaço pelas vozes que as contava e/ou cantava e a rigidez da escrita que, por vezes, tende a engessar numa única forma a expressão oral. A compilação dos milagres e louvores da Santa traz à tona esta relação entre o som e a imagem das palavras pronunciadas: entre a voz e a escrita, neste fenómeno que foram as cantigas na cultura e espaço tratados; nas palavras de Zumthor, da “voz na escrita”¹⁷⁰.

As *Cantigas de “loor”* [louvor]¹⁷¹ à Santa Maria nasceram na Corte, mas da compilação em forma de poesia, melodia e de narrativas de milagres e louvores à Virgem Maria a serem cantadas, provenientes do meio popular e da tradição oral na Idade Média ao longo do reinado de Alfonso X. E não dependeriam de uma aleatoriedade na escolha dos temas, conforme trata desta questão o trabalho de Paul Zumthor, *A Letra e a Voz*: “[...] a passagem da oralidade para o texto estava a serviço da preservação da transmissão oral”¹⁷².

Propomos analisar nas *Cantigas* como Santa Maria, a “Rosa das rosas e Flor das Flores, Dona das donas, Senhora das senhoras”¹⁷³, que está representada em tema principal e referencial religioso da mulher na Europa, principalmente pelas ordens religiosas, franciscanos e dominicanos¹⁷⁴; é servida pelo cavaleiro humilde e fiel que à dama, como todo

¹⁷⁰ Cf. ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a 'literatura' medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 96.

¹⁷¹ Entre colchetes a tradução nossa do galego-português das *Cantigas* para o português.

¹⁷² Cf. Aline Dias da. *Op. cit.*, p. 43.

¹⁷³ Cf. *Cantiga* 10: “Rósa das rósas e Fror das frores”. *Cantigas de Santa Maria for Singers*. Andrew Casson Database, 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.cantigasde-santamaria.com/csm/10>>. Acesso em 14 de setembro de 2014. Tradução conforme: METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, Vol. IV, 1972, p. 283..

¹⁷⁴ O historiador português José Mattoso assinala para nosso território estudado a importância dos mosteiros, e principalmente os cluniacenses. Cf. MATTOSO, José. *Op. cit.*, p. 183-190.

súdito ao seu Senhor, deve ser vassalo¹⁷⁵.

Um exemplo para a compreensão do termo “projeção” pode ser ilustrado como é utilizado em projetos arquitetônicos. Faz-se uma representação de um detalhamento de determinado objeto e, sobre ele, linhas tracejadas representando os contornos de outro objeto que comporia e completaria o ambiente enfatizado. Sua sinalização serve de orientação ao objeto completo¹⁷⁶. Este entendimento do termo ajuda a nos auxiliar a responder um conteúdo de devoção religiosa, a primeira vista, mas no contexto e/ou no “mundo” em que foram produzidas, podemos verificar, ainda que não em sua completude alguns traços além do que estaria evidente e dar forma ao que está implícito na representação; e que é lançada adiante reforçando ou reproduzindo a forma de ser socialmente naturalizada. Visto que serão por meio da investigação de indícios¹⁷⁷ presentes nos conteúdos das *cantigas* que podem denotar a vassalagem como presente tanto nesta atmosfera cultural quanto a um possível uso ou intencionalidade de Alfonso X – que é nossa hipótese – à ordem de que todos do reino lhes sejam leais; dos nobres aos camponeses. A seguir, trataremos sob este ponto de vista metodológico em que apoiaremos nossa pesquisa sobre tal documentação e/ou especificidade.

O medievalista Paul Zumthor chama nossa atenção para a tentação de trazer o desconhecido para o conhecido¹⁷⁸, ao nosso universo simbólico, tal qual Ginzburg percebeu esta questão, e que os inquisidores não teriam percebido quanto ao moleiro Menocchio.

A voz medieval não é a nossa, pelo menos nada nos assegura que em seu enraizamento psíquico ou em seu desdobramento corporal seja idêntica; desintegrou-se o *mundo* [grifo nosso] onde ela ressoou e onde produziu – este o único ponto certo – a dimensão de uma palavra¹⁷⁹.

Na Península Ibérica, as formas de organização social, baseadas na dependência pessoal, tal qual Bloch atribuiu que foram de certa maneira influência “dos feudalismos de além-Pirineus”¹⁸⁰ eram dadas sob a hierarquia de Senhores¹⁸¹ a seus guerreiros ou

¹⁷⁵ Cf. SPINA, S. “O Movimento Trovadoresco Occitânico”. *A literatura Trovadoresca*. São Paulo, EDUSP, 1995, p. 26; Conferir também sob o subtítulo “A propósito do amor chamado cortês”, DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: o amor e outros ensaios*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 68-75.

¹⁷⁶ Compreensão a partir da minha experiência com projetos para a construção civil, na qual, até o presente momento, atuo como desenhista técnico.

¹⁷⁷ Cf. GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. *Op. cit.*

¹⁷⁸ Cf. ZUMTHOR, Paul. *Op. cit.*, p. 22.

¹⁷⁹ *Ibidem*.

¹⁸⁰ Cf. BLOCH, Marc. *Op. cit.*, p. 212.

¹⁸¹ A grafia de “Senhores” em maiúscula entendendo o termo como o título - de “Senhor de terras” -, a diferenciar do pronome de tratamento, também, aqui, de “senhor” e/ou “senhora”, como supracitado na nota número 16.

“alimentados”, sob o termo “vassalos” de empréstimo, sendo nesta região do Ocidente, rara sua utilização¹⁸²:

Formou-se uma noção, bastante nítida, da *concessão de terras, onerada por prestação de serviços e revogável no caso de não-cumprimento*. Alguns documentos, inspirados pelo vocábulo estrangeiro, redigidos, por vezes, por clérigos vindos de França, dão-lhe o nome de ‘feudo’ (sob as suas formas latinas). A língua corrente tinha elaborado, independentemente, um termo próprio: *prestamo*, literalmente – por um curioso paralelismo de ideias com o *lehn* alemão ou anglo-saxão – “empréstimo”¹⁸³ [grifo nosso].

Nossa documentação tem relação com a oralidade, conforme afirma Paul Zumthor, e com a linguagem cotidiana, destacando também a tese de José Mattoso. Os termos e expressões que nos trazem a análise textual em sua conexão com as iluminuras indicam tais relações de prestação de serviços, desses compromissos, no contexto social da época.

Em “Fragmentos de uma composição medieval”, o historiador português José Mattoso apresenta alguns termos que sugerem a mentalidade vassálica na linguagem cotidiana, partindo do contexto em que eram empregadas em cantigas de “amor” e de “amigo”, na qual seriam representadas antes estas relações de compromisso vassálico do que de sentimentos passionais. Indo para além das relações econômicas do modo de produção feudal, este autor considera que o feudalismo hispânico se verifica na vida cotidiana, na linguagem e na difusão da terminologia vassálica¹⁸⁴. O estudo de Mattoso nesse sentido nos ajuda a pensar sobre as *Cantigas* como um veículo de transmissão deste fenômeno social pelos índices de oralidade e publicação que a fonte pode nos revelar.

Como “índice de oralidade” Paul Zumthor explica que seria “tudo aquilo que no interior de um texto informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua *publicação* [grifo do autor]”¹⁸⁵. O caráter musical das *Cantigas* visa um público a ser atingido quando se automeia canção ou cantiga¹⁸⁶.

À existência de um “texto” oral, antes de ser escrito, como um fato histórico a que só teríamos acesso pelo “ouvir”, temos hoje o seu reflexo no texto escrito, que encerrou os ditos vocalizados; nos textos notados musicalmente que podem dar ênfase a determinados versos e à oralidade própria da canção ou poesia: que se pretendem a cantar e ouvir¹⁸⁷. Desta maneira,

¹⁸² Cf. BLOCH, Marc. *Op. cit.*, p. 212.

¹⁸³ Cf. BLOCH, Marc, *Ibidem*, p. 213.

¹⁸⁴ Cf. MATTOSO, *Op. cit.*, p. 150.

¹⁸⁵ Cf. ZUMTHOR, Paul. *Op. cit.*, p. 35.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 36.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 35-36.

um índice de publicação pode ser averiguado nesses textos – nas cantigas e poemas – quando estes trazem termos que denotam sua experimentação: “cantar”, “ouvir”, “contar uma história”, “canção”, por exemplo, além da evidência da notação musical. E, aos jograis, recitadores, leitores, no divertimento na Idade Média confundem-se também os cantores, músicos e atores, e a figura do trovador, ou menestrel, referindo-se mais aos compositores. Estes eram como que portadores da voz pública, popular, política¹⁸⁸. E na possibilidade de encontrarmos índices de oralidade e publicação nos louvores e milagres da Virgem Maria em nosso *corpus* documental, a partir do proposto por Zumthor, encontramos essa metodologia de análise este fato histórico¹⁸⁹: as vozes medievais que podem ter existido em “concorrência” com a escrita e “confiada à memória dos interpretes”¹⁹⁰ que “praticavam de maneira regular ou ocasional a leitura pública”¹⁹¹.

O movimento dos trovadores teve um valor significativo, sendo utilizado por reis e nobres “como meio de demarcação social pela poesia e o ambiente produzido pela atividade dos trovadores. [...] frequentar o paço¹⁹² trovadoresco era não apenas uma distinção e honraria, mas também uma oportunidade social de destaque”¹⁹³. Essa demarcação social influenciou principalmente Portugal e Castela já no século XIII quando estes antecipavam o que seria vigente mais tarde: a centralização do poder sob um monarca organizando ao redor de si o território fragmentado em senhorios e fazendo dos nobres seus vassallos diretos¹⁹⁴.

Trazendo para nosso ambiente analisado – nas *cantigas* selecionadas –, a *cantiga* de número 216 conta a perda da fazenda de um cavaleiro. Ele, que tinha sua esposa devota de Santa Maria, não confiou na Santa e foi buscar com o demônio um pacto para recuperar seus bens. O trovador diz que o milagre que será contado ele o ouviu contarem. Destacamos a origem oral do relato nesta *cantiga*, colocando Maria como a verdadeira dona que do mal protege quem lhe serve:

Estrofe 1:

(3) *Daquest' óra un miragre fremoso quéro dizer*

(4) *que éu oí, dũa dona que fillava gran prazer*

(5) *en servir Santa María, e eno séu ben fazer*

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 53-57.

¹⁸⁹ Também proposto por Paul Zumthor.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 52.

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 57.

¹⁹² Residência do rei.

¹⁹³ Cf. BARROS, José D'Assunção. “O rei e a sátira contra a nobreza: considerações sobre a poesia satírica de Afonso X, um rei-trovador do século XIII. *Rev. Let.*, São Paulo, v.52, n.2, p.33-46, jul./dez. 2012, p. 33-34.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 34.

(6) *põia súa fazenda e todo séu asperar*¹⁹⁵.

E na *cantiga* de número 1, “*Des oge mais quer'eu trobar*”, o texto é uma narração e o mesmo se expressa nos termos em que o trovador usou e diz ser sua vontade:

(1) *Des oge mais quér' éu trobar*;
(11) *E porên quéro começar*;
(21) *E demais quéro-ll' enmentar*;
(31) *E non ar quéro obridar*;
(41) *Outra razôn quéro contar que
ll'ouve pois contada a Madalena*;
(51) *E ar quéro-vos demonstrar*;
(61) *Nen quéro de dizer leixar*;
(71) *E, par Déus, non é de calar*¹⁹⁶.

Esta *cantiga* de 8 estrofes e 10 versos cada, sem serem intercalados por refrão, traz sempre no primeiro verso de cada estrofe a necessidade do autor de contar a história da mãe de Jesus Cristo. É a apresentação de Santa Maria. Mas também evidencia a voz, que já supomos pela própria epígrafe ser uma canção: “*Esta é a primeira cantiga de loor de Santa María, ementando os sete goios que ouve de séu Fillo*”. O autor quer trovar na primeira estrofe; quer mencionar na segunda; não quer esquecer, ou seja, quer passar adiante o que tem memorizado, na terceira; quer contar algo que já foi contado, na quarta – e registrado – para outra pessoa, no caso, de Madalena; quer demonstrar, na quinta; não quer deixar de dizer, na sexta; e como Deus não é de guardar, de silenciar-se, na sétima.

O trovador, ou o próprio Alfonso X, coloca-se como parte desta tradição oral em que parte da testemunha ocular do túmulo vazio de Jesus, Maria Madalena, que ouvira que Ele havia ressuscitado. E, na sétima estrofe, mesmo Deus, que não é de silenciar-se, comunica a coroação de Maria. A coroação que vem de Deus. Evidenciando, mais uma vez – é o que supomos – uma linha histórica que desembocaria no reinado de Alfonso X em que basearia-se à legitimidade de seu papel de rei em sua sociedade.

2.2. PELAS PAISAGENS DAS CANTIGAS

A maneira como vemos o laço entre o contexto social, apresentado no capítulo 1, nos itens 1.2 e 1.2.1; a devoção mariana, como vimos no capítulo 1, item 1.3; e a oralidade medieval como mecanismo propagador da voz do rei e da atmosfera vassálica projetaria

¹⁹⁵ Cf. *Cantiga* 216: “O que en Santa María de coração confiar”. *Op. cit.*

¹⁹⁶ Cf. *Cantiga* 1: “Des oge mais quer'eu trobar”. *Op. cit.*

sutilmente na devoção mariana a política de centralização do poder em sua figura de rei. Institucionalizada e/ou interiorizada, a linguagem religiosa das *Cantigas* poderia legitimar a tal política via autoridade divina de uma nova postura diante do sistema já estabelecido e que necessitaria de maiores argumentos a fim de incorporar as ideias dissonantes. Podemos dizer que não seriam necessariamente marginais, neste caso, ou que colocaria em xeque a totalidade do sistema instituído, mas que envolveria os papéis sociais quanto ao *status*, aos poderes que os que ocupavam as posições de senhores feudais, nobres e ricos: era preciso colocá-las na composição medieval, isto é, em ordem¹⁹⁷.

Nas *cantigas* percebemos alguns padrões quanto ao conteúdo das mesmas¹⁹⁸. Um deles diz respeito à localização espacial em que se desenvolvem os relatos: e a “igreja” e o “monte” são lugares específicos que duelam entre si. A igreja como um espaço sagrado que se coloca entre o mundo terreno e o celeste, como a “Porta dos Céus”¹⁹⁹, a *imago mundi*, como imitação do universo criado por Deus que, para a cristandade, é também o “centro do mundo”²⁰⁰:

[...] Por um lado, a igreja é concebida como imitação da Jerusalém celeste, e isto desde a antiguidade cristã; por outro lado, reproduz igualmente o Paraíso ou o mundo celeste. Mas a estrutura cosmológica do edifício sagrado persiste ainda na consciência da cristandade: é evidente, por exemplo, na igreja bizantina. ‘As quatro partes do interior da igreja simbolizam as quatro direções do mundo’. *O interior da igreja é o Universo. O altar é o paraíso, que foi transferido para o oriente. A porta imperial do altar denomina se também porta do paraíso.* Na semana da Páscoa permanece aberta durante todo o serviço divino; o sentido desse costume expressa se claramente no cânon pascal: ‘Cristo ressurgiu do túmulo e abriu-nos as portas do paraíso’. O ocidente, ao contrário, é a região da escuridão, da tristeza, da morte a região das moradas eternas dos mortos, que aguardam a ressurreição do juízo final. O meio do edifício da igreja representa a Terra. Segundo a representação de Kosmas Indikopleustes, a Terra é quadrada e limitada por quatro paredes, rematadas por uma cúpula. As quatro partes do interior da igreja simbolizam as quatro direções do mundo. Como Imagem do Mundo, a igreja bizantina encarna e santifica o Mundo²⁰¹ [grifo nosso].

¹⁹⁷ No sentido que dá Peter L. Berger à legitimação de uma sociedade: “O *nomos* de uma sociedade legitima-se antes de tudo pelo simples fato de existir. As instituições estruturam a atividade humana. Quando os sentidos das instituições são integrados nomicamente, as instituições são *ipso facto* legitimadas, até o ponto em que as ações institucionalizadas aparecem como “evidentes em si mesmas” aos que as executam’. [...] Contudo, legitimações adicionais são invariavelmente necessárias em qualquer sociedade”. Cf. BERGER, Peter Ludwig. *Op. cit.*, p.43.

¹⁹⁸ Utilizando da análise sobre as estruturas nas quais os relatos de milagres se desenvolvem conferido por João David Pinto-Correia¹⁹⁸, um quadro de análise foi montado a deciframos melhor estas obras. Cf. PINTO-CORREIA, João David. “Narrativa e castigo nas Cantigas de Santa Maria de Alfonso X. Aspectos dos milagres de ‘sanção negativa’”. *Actas IV Congresso AHLM*, Lisboa 1991 3 (1993), p. 129-140; Cf. Apêndice: Quadros de análises, p. 77-84gene.

¹⁹⁹ Cf. ELIADE, Mircea. *Op. cit.*, p. 19.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 24-27.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 35.

É do Paraíso, ou seja, do altar que Maria surge, na *cantiga* 216, para combater o demo que quer corromper o cavaleiro, toma a imagem de sua esposa, e vai com ele para o monte combinado, conforme solicitação do demo que assim o fizesse se quisesse recuperar os bens perdidos:

Estrofe 3:

- (11) *Que lle disse: “Pois méu sodes, mui grand' algo vos darei;*
- (12) *e vóssa mollér tragede a un mont', e falarei*
- (13) *con ela e porên rico sen mesura vos farei.”*
- (14) *O cavaleir' oiú esto e foi-llo lóg' outorgar.*

Na *cantiga* 44, um cavaleiro roga a Santa Maria que lhe traga de volta o seu aÇor – ave de rapina – que perdera, firmando com a Virgem um compromisso. É na igreja que se consagra tal compromisso com o cumprimento do acordo feito. Ao fim da missa, Santa Maria agracia o que lhe mostrou fé.

Estrofe 5:

- (19) *Santa María, éu venno a ti*
- (20) *con coita de méu aÇor que perdí,*
- (21) *que mio cobres; e tu fas-lo assí,*
- (22) *e aver-m-ás sempre por servidor.*

Estrofe 7:

- (27) *Pois esto disse, missa foi oír*
- (28) *mui cantada; mas ante que partir*
- (29) *s' ên quisésse, fez-ll' o aÇor vïir*
- (30) *Santa María, ond' ouv' el sabor.*

Recorrendo à igreja a fim de rogar a proteção de Maria, também foram os cidadãos com medo de um sultão na *cantiga* 165, que estava a espreitar e invadir a cidade cristã.

Estrofe 4:

- (15) *Lóg' o soldán con grand' óste moveu, quand' aquest' oiú,*
- (16) *e mui préto de Tortosa en un outeiro sobiu,*
- (17) *e parou mentes na vila,*

Estrofe 5:

- (19) *Quand' a gente de Tortosa viron atán gran poder*
- (20) *de mouros vïir sobr' eles, cuidaron mórtos seer;*
- (21) *e foron-s' aa eigreja sas orações fazer,*
- (22) *dizend': “Ai, Santa María, pois ta mercee non fal.*

Estrofe 6:

- (23) *A quantos que a demandan, vél a nós que somos téus,*
- (24) *guarda-nos que non caíamos en poder destes encréus*
- (25) *que per nulla ren non creen que tu és Madre de Déus;*
- (26) *e porend' en este feito móstra algún gran sinal”.*

A igreja como centro e lugar da ligação com o sagrado está para os cristãos assim como o monte, o *outeiro* – que significa “altar” –, está para os inimigos de Cristo ou de Maria. Assim, se apresentam como lugares sagrados para o muçulmano e/ou o diabo, como no verso 16 da estrofe 4 da *cantiga* 165 acima citado, como lugar em que se guarda o sultão; e na *cantiga* 216 em que o demo pede ao cavaleiro que lhe traga sua esposa, devota de Maria, a um monte donde se firmará o trato entre o demo e o cavaleiro: como um pacto vassálico entre o cavaleiro e o Senhor de outro reino.

O monte, a montanha também com o simbolismo de ligação com o sagrado se faz, neste caso, de maneira imperfeita, dado a forma imprecisa, amorfa, e pode representar o caos, a anomia. A montanha como lugar sagrado é reconhecida na sua realidade, mas, aqui, não é digna se comparável à igreja cuja construção é precisamente medida quanto a sua função. Estaria o reino cristão representado na igreja e os reinos vizinhos no monte?

Nas figuras 4 e 5 a seguir verificamos os dois lugares sagrados: a cidade cristã que da igreja vem o exército celestial com suas lanças e armaduras brancas a protegê-la; e das tendas do sultão, também armadas de lanças escuras, onde, por cima do monte disforme, estão dois mouros a vigiar a cidade enquanto o sultão averigua as informações sobre a guarnição cristã. Como dito anteriormente, os registros escritos tem grande importância para a posteridade como a de assinalar os verdadeiros donos da terra, os que primeiro a povoaram; e como é ilegítima a aventura do sultão em apropriar-se da cidade.

Nesse sentido, podemos ver a mensagem política de uma intencionalidade consciente – e mesmo que fosse inconsciente – nas *Cantigas*, que teria na universalidade da linguagem religiosa também um fator favorável; juntamente com a oralidade característica como mecanismo propagador a uma assimilação, também consciente ou não, dos que cantaram e ouviram de seu conteúdo. Nestas duas *cantigas* citadas, tanto o cavaleiro buscou filiar-se ao demo fora da igreja, ou seja, fora do reino perfeito²⁰²; como também o infante que, ao contrário do cavaleiro, realizou e realizou-se na sua lealdade em buscar na igreja e em Santa Maria o ideal vassálico; únicos, lugar e pessoa, a quem o trovador responde para qualquer que sejam as súplicas devem buscar. Assim, poder-se-ia ver projetados: um rei em um reino.

²⁰² Que sob Alfonso X intensificava-se a centralização sob as novas leis – o *Fuero Real*, *Las Siete Partidas* – sob o vigário de Deus que tem por dever manter o povo e seu reino em justiça e verdade. Cf. ALFONSO X. *Partida* II, Título I, Lei 5: “Vicarios de Dios son los reyes de cada uno en su reino, puestos sobre las gentes para mantenerlas en justicia y en verdad en cuanto a lo temporal”.

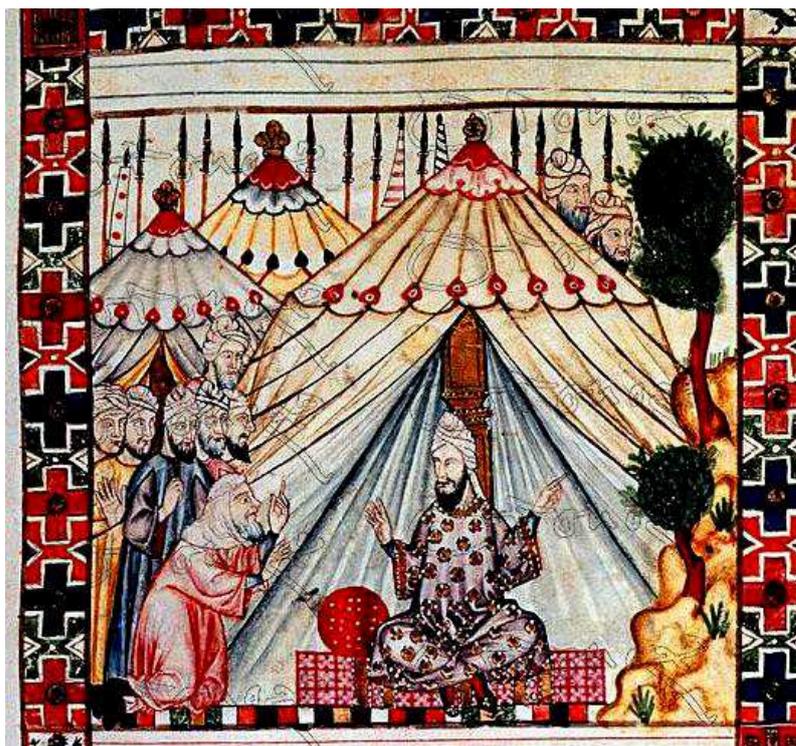


Figura 4: cantiga n.º. 165: “A este soldán chamavan per séu nome Bondouar”²⁰³.

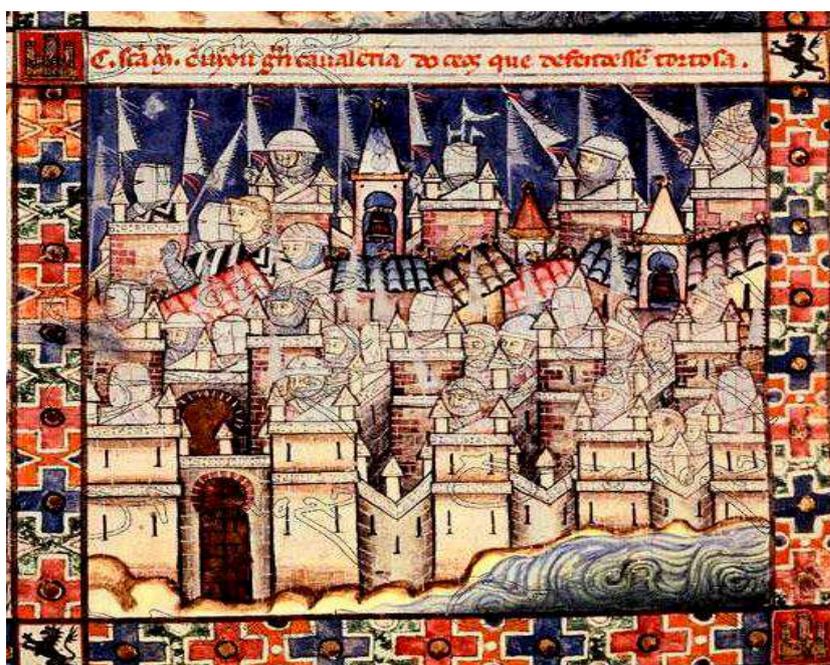


Figura 5: cantiga n.º. 165: “Niún poder deste mundo”²⁰⁴.

²⁰³ Cf. Iluminura: 204143 Al Madrid San Lorenzo del Escorial Monasterio-Biblioteca-Coleccion mtil-Cantiga de Santa Maria. Cf. iluminura completa no item “Anexos”, p. 98. Cf. Cantigas de Santa Maria [manuscritos e iluminuras]. *Códice de Florença*. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronz.com/paginas/leefoto.php?referencia=204143&usuario=anonimo>>. Acesso em 28 de outubro de 2014.

²⁰⁴ Cf. Iluminura: 16622 Al Madrid San Lorenzo del Escorial Monasterio Biblioteca Coleccion mtil. Ver iluminura completa em no item “Anexos”, p. 98. Cf. Cantigas de Santa Maria [manuscritos e iluminuras]. *Códice*

2.3. A DONA DAS DONAS E SENNOR DAS SENNORES

Nas imagens do Sagrado na vida diária não havia espaço entre a forma e a ideia: “a simples presença de uma imagem visível tornava totalmente supérflua a comprovação intelectual da verdade”²⁰⁵, das formas e cores à crença no que elas expressavam. O que para a Igreja não teria problema se a veneração, seja de imagens, seja aos santos, fosse caminho para Deus²⁰⁶. Assim, nos símbolos representados podemos verificar um sistema de valores destes homens e mulheres²⁰⁷. E, daí, a compreensão da possível apropriação das representações da parte do rei Alfonso X nesta obra à população, a seus súditos. Trazendo-nos estas um tanto do contexto social em que foram produzidas²⁰⁸, na “simbologia religiosa, na interpretação de todas as coisas mundanas e eventos mundanos como símbolos e prefiguração do divino, encontramos a homenagem ao soberano em metáfora litúrgica”²⁰⁹.

Vejamos agora como podemos interpretar as cantigas selecionadas tendo como base os pressupostos tratados anteriormente, de maneira geral: 1) da oralidade medieval como um fato histórico em que as *Cantigas* circularam; 2) do contexto social da produção desta e de outras obras da Corte do rei *Sabio*, em que o mesmo buscou uma ordem e uma centralização, sob seu trono, do poder senhorial, num cenário de intensas disputas territoriais, e, assim, bélico na Península Ibérica; 3) da imagem legitimadora da hierarquia celestial da concepção cristã²¹⁰ como fundamento para sua posição de rei e vigário de Deus na terra, bem como sob a proteção da mãe de Cristo, a Virgem Maria; 4) e da projeção da vassalagem sob a proteção de Alfonso X sobre todos os senhorios na imagem de Santa Maria. Em que, de maneira sutil na poesia das *cantigas*, e sob uma imagem conhecida da ordenação do universo por meio da

de Florença. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronoz.com/paginas/leefoto.php?referencia=01-6622&usuario=anonimo>>. Acesso em 28 de outubro de 2014.

²⁰⁵ Cf. BLOCH, Marc. *Op. cit.*, p. 267.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 268.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 12.

²⁰⁸ Sobre a indissociável relação entre os campos social e cultural ver: PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Trad. Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998, p. 123-137.

²⁰⁹ BLOCH, Marc. *Op. cit.*, p. 257.

²¹⁰ Sendo na Alta Idade Média muitos autores cristãos – Santo Agostinho (354-430), por exemplo – tinham também por fundamento o modelo platônico, remete-nos a uma tradição mais antiga que o pensamento cristão e/ou cristandade latina a qual fizeram uso intelectuais cristãos como o supracitado. Nas palavras de Aline Dias da Silveira: “Se o emanatismo neoplatônico se faz presente nas três religiões abraâmicas em seus desdobramentos medievais, podemos concluir que a expressão do mesmo na obra e na multicultural Corte afonsina é uma consequência “natural” do movimento do saber”. Cf. SILVEIRA, Aline Dias. “A Trama da História na concepção de povo nas *Siete Partidas*”. *Revista Diálogos Mediterrânicos*. Número 7, Dez/2014, p. 82.

religião – neste contexto cultural – a imagem do rei terrestre e da Mãe de Deus nos céus se tornassem uníssonas pelas vozes que interpretariam a voz do rei.

A *cantiga* de número 10 é muito expressiva desde a equiparação dos títulos referidos à Maria e que seriam dignados aos nobres e senhores de terra bem como ao próprio rei; e em sua classificação no início da obra, na ordem²¹¹ de número “10”. Santa Maria é louvada como sendo a mais bela das rosas e das flores; Santa Maria é o ideal, a perfeição: de beleza, de alegria, de piedade como Dona e em tirar as aflições que acometem o povo; como a proteção ideal de um Senhor. O refrão deixa clara a centralidade de Maria que se sobressai às belezas naturais e aos títulos sociais e/ou senhoriais:

Refrão:

(1) *Rósa das rósas e Fror das frores,*

(2) *Dona das donas, Sennor das sennores.*

De todas as rosas a Virgem é a primeira; e como que aumentando o alcance da visão sobre um campo de flores, esta rosa ainda se destaca dentre todas as flores. Assim é esta Santa sobre as “donas”, termo alinhado para com as mulheres casadas, ou ainda à principal e/ou proprietária de algo²¹². Está, portanto, acima de todas e também dos homens que regem, dos senhores de posses. O termo “*Sennor*” que é masculino se refere aqui ao gênero feminino. E a proposta abrange a totalidade dos poderes políticos, sociais e econômicos que estruturam esta sociedade.

A tradução de “*Sennor das sennores*” como “Senhora das senhoras” traz o termo “*Sennor*” que difere-se de “*senner*”. O primeiro diz respeito a um título, tal como sugere Mettmann²¹³: “Este Conde de Castela foi sennor; dos Romãos Rey é por dereit’ e Sennor” [Este Conde foi Senhor; dos Romanos Rei é por direito e Senhor]. A segunda grafia sugere o pronome de tratamento “senhor” ou “senhora”, como usado para pessoas idosas e conferindo-lhes respeito.

²¹¹ Conforme sublinhou-me Aline Dias da Silveira tal ordem na obra desta *cantiga*, sugiro como analogia uma fachada de um prédio em que, em destaque, o nome do mesmo o ilumina.

²¹² Tradução do termo “dona” a partir do dicionário do galego medieval. Cf. DDGM – Dicionario de Dicionarios do Galego Medieval *Corpus* Lexicográfico Medieval da Lingua Galega. Ernesto González Seoane (coord.), María Álvarez de la Granja e Ana Isabel Boullón Agrelo *Seminário de Lingüística Informática*. 2006-2012. Disponível em: <http://sli.uvigo.es/DDGM/ddd_pescura.php?pesca-da=dona&tipo_busca=lema>. Acessado em 26 de abril de 2015.

²¹³ Cf. METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, Vol. IV, 1972, p. 282.

Os títulos que recebe Santa Maria a representam-na como: Bela como uma rosa; que transmite alegria como uma flor; exemplo de piedade como uma Mãe; e como um Senhor que olha para seus súditos e os protege dos males materiais e físicos.

Estrofe 1:

(5) *Dona en mui piadosa seer,*

(6) *Sennor en toller coitas e doores.*

A característica da Dona, que é “em muito piedosa” e como um “Senhor” que afasta as aflições e dores dos seus, compara-se à função da rainha que intercede ao rei em prol do povo²¹⁴: Maria fora também representada como o próprio Senhor, ou o Rei. Se a ela a piedade de Deus é pedida pelos fiéis, aqui é ela também quem concede e defende/luta pelos mesmos; entende-se que somente à Santa devemos servir, e estaremos livres das dores do mundo e a paz será alcançada. Esta situação ocorre na *cantiga* de número 165, em que relata “*Como Santa María de Tortosa d' Ultramar defendeu a vila do soldán*”²¹⁵ [Como Santa Maria de Tortosa d’Ultramar defendeu a vila do sultão]. Um sultão pretendia conquistar uma vila cristã de surpresa, informado de que não estava guarnecida. Sabendo dos perigos que estavam correndo na vila, os cristãos com medo se colocaram a rogar a Santa Maria por proteção. E eis que o sultão é surpreendido tendo à vista um exército de soldados vestidos de brancos.

Estrofe 11:

(43) *O mouro, con mui gran medo, lle respôs esta razón:*

(44) *Sennor, quanto vos éu dixे verdad' éste e al non;*

(45) *mas tod' estes cavaleiros, vedes que dos Céos son,*

(46) *ca chus brancos son e craros que é néve nen cristal.*

O mouro, com muito medo, respondeu sua surpresa ao informar que a vila a ser invadida estava desprotegida, conforme dito ao sultão: “quanto a vós eu – o súdito ao sultão – disse a verdade, mas todos estes cavaleiros, vedes que dos Céus são, como brancos são e claros como a neve e o cristal”. A figura 5 na página seguinte apresenta as torres e muros que contornam a cidade de Tortosa protegidos pelos cavaleiros celestiais comandados por Santa Maria que, a pedido dos fiéis veio a protegê-los contra o mouro inimigo dos cristãos.

Era a proteção da vila por Maria também pelo meio bélico. O sultão conhecendo a importância de Maria também citada no Corão desiste de infringir o mal ao qual estavam com medo os cristãos. O sultão também a teme.

²¹⁴ Como vimos anteriormente no item 1.3 da página 38 e 39.

²¹⁵ Cf. *Cantiga 165*: “*Niún poder deste mundo*”. *Cantigas de Santa Maria for Singers*. Andrew Casson Database, 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.cantigasdesantamaria.com/csm/165>>. Acesso em 10 de outubro de 2014.

Estrofe 13:

- (51) *O soldán diss' ao mouro: 'Eno Alcorán achei*
(52) *que Santa María virgen foi sempr'; e pois esto sei,*
(53) *guérria per nulla maneira con ela non fillarei,*
(54) *e daqui me tórno logo, e fas tangê-lo tabal.*

E nos chama a atenção o dito pelo sultão nos versos 51 e 52 em que diz: “E no Alcorão achei que Santa Maria virgem sempre foi”. Na verdade, no Corão não diz que continuou virgem, como para os cristãos católicos. Teria aqui uma intencionalidade de aproximar as duas crenças, muçulmana e cristã, como num *continuum* religioso na perspectiva de Camargo²¹⁶?

A representação da Virgem Maria a de uma Rainha a quem “Devemos muito amá-la e servir, que esforça-se de nos guardar de falhar”²¹⁷ – como diz a estrofe 3 da *cantiga* de número 10 a seguir – tal qual era também dever do rei ao seu povo²¹⁸; como Santa Maria se fez forte a defender com seu exército celestial seus súditos:

Estrofe 1:

- (3) *Rósa de beldad' e de parecer*
(4) *e Fror d' alegría e de prazer,*
(5) *Dona en mui piadosa seer,*
(6) *Sennor en toller coitas e doores.*

Estrofe 2:

- (7) *Atal Sennor dev' óme muit' amar,*
(8) *que de todo mal o póde guardar;*
(9) *e póde-ll' os pecados perdõar,*
(10) *que faz no mundo per maos sabores.*

Estrofe 3:

- (11) *Devemo-la muit' amar e servir,*
(12) *ca punna de nos guardar de falir;*
(13) *des i dos érrros nos faz repentir,*
(14) *que nós fazemos come pecadores.*

Assim que vamos lendo o conteúdo da *cantiga* de número 10 e mesmo outras, percebemos também que, se trocarmos a personagem “Maria”, a quem lhes são cantados os louvores, por “Alfonso X” ou o “rei”, o sentido não mudaria, já que o serviço, a lealdade, para com o rei também estaria baseado nesse amor para com Senhor que concede os benefícios aos cavaleiros que se tornarão seus vassalos diretos. É o rei o “Senhor dos senhores” O uso dos

²¹⁶ Como tratado na página de número 24.

²¹⁷ Cf. *Cantiga* 10.

²¹⁸ Na síntese de Marc Bloch, os deveres do rei seriam: “assegurar a salvação espiritual de seu povo, mediante piedosas fundações e pela proteção concedida à fé verdadeira; defender o povo contra os inimigos exteriores”. Cf. BLOCH, Marc. *Op. cit.*, p. 448.

verbos “amar” e “servir” complementam-se ou mesmo substituem-se, e sugerem o “ser para ‘Rosa das rosas’, ‘*Sennor das sennores*’”.

Sobre este “amor”, ou amor cortês discorre George Duby em “A propósito do amor chamado cortês”²¹⁹, a relação entre um cavaleiro, a dama e o senhor, numa relação triangular, questiona-se este autor se daria-se:

“[num] vetor maior que, abertamente, se dirige do amigo para a dama, não ricocheteia nesse personagem para voltar para o terceiro, seu alvo verdadeiro, e até mesmo se ele não se projeta na direção deste sem desvio. [...] as regras do ‘amor delicado’ vinham reforçar as regras da moral vassálica”²²⁰.

A disciplina do amor cortês, do desejo masculino contribuía para tal reforço? Pergunta Duby.²²¹ Nossa análise, parece-nos, aponta para este sentido. E, logo, “*guardar de falir*” está para guardar de errar, pecar, ser falso, desleal ao Senhor que provê bens de toda ordem – seguir uma disciplina para tal. Assim, pela via que nos sugere Duby, Maria seria a mediadora, e a mais ilustre, a “*Rósa das rósas*”, entre os cavaleiros vassallos e o próprio rei, ele, o “*Sennor dos sennores*”, quando sua situação relatada nas *cantigas* não nos remete ao próprio monarca.

Não há um antagonista explícito na *cantiga* 10, mas é todo aquele que não a louva e, por isso, fica no pecado que repetimos como seres humanos, perdendo a proteção divina, como aquele que com o Senhor não está de acordo e perde sua proteção. Semelhante Senhor – do feudo – devem os homens muito amá-lo, este que os guarda. Assim como o sultão que atacaria a vila dos cristãos que rogaram a Maria para serem protegidos do mal, como diz o refrão desta *cantiga* 165, nenhum poder deste mundo pode valer contra o poder da Virgem Maria, que é todo espiritual:

Refrão:

(1) *Niún poder deste mundo de gente nada non val*

(2) *contra o poder da Virgen, ca x' é tod' espirital.*

Estrofe 4:

(15) *Esta dona que tenno por Sennor*

(16) *e de que quero seer trobador,*

(17) *se eu per ren póss' aver séu amor,*

(18) *dou ao démo os outros amores.*

²¹⁹ Cf. DUBY, Geoges. “A propósito do amor chamado cortês”. *Idade Média, idade dos homens: o amor e outros ensaios*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 68-75.

²²⁰ *Ibidem*, p. 75.

²²¹ *Ibidem*.

É possível perceber nas *cantigas* um discurso em que, sob a superioridade cristã, busca integrar os mouros, no exemplo, à sociedade proposta do rei de Leão e Castela²²²: “A imagem bélica de Maria [...] é claramente uma expressão das circunstâncias daquele momento. [...] ou uma guerra contra os cristãos significaria uma guerra contra Maria”²²³. A defesa, a guarda do povo se daria na luta contra o inimigo dado o lugar ocupado por Maria nestas duas religiões²²⁴ e a que lado ela provê a proteção. A fidelidade a um só Senhor é salientada na última estrofe da *cantiga* de número 10 em que canta a estrofe 4 acima.

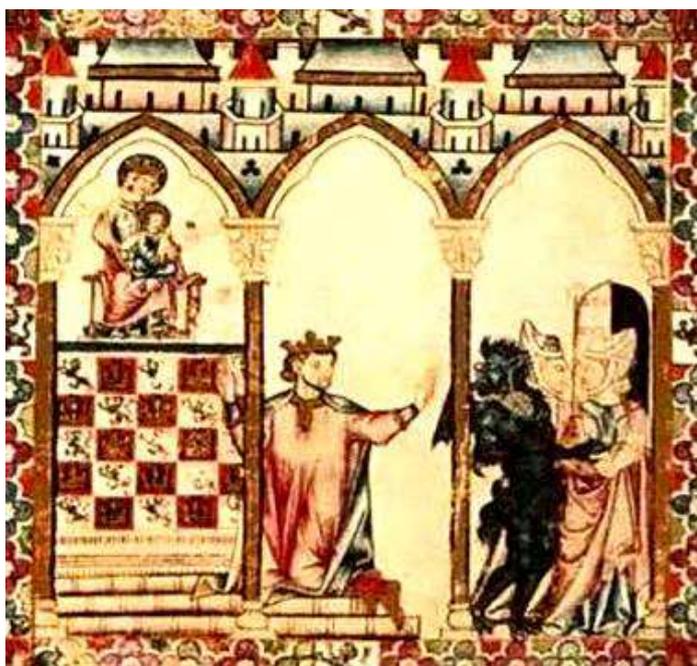


Figura 6: *cantiga* n.º. 10: “Dou ao demo os outros amores”²²⁵.

Pelo texto como pela miniatura acima vemos ao centro da imagem o próprio rei Alfonso X que se coloca prostrado diante do trono em que está a Virgem Maria e o menino Jesus; *El Rey* com a mão direita levantada para Maria, em sinal de louvor, levanta a mão esquerda para o demo como que num movimento de quem afasta algo; este último é representado de forma monstruosa e de cor preta, e é levado para fora do ambiente que, além da porta, também se encontra escuro, numa alusão à Luz a sua direita com a Santa e Jesus Cristo e às trevas a sua esquerda com o demo. Esta cena pode ser clarificada ainda se tomarmos o texto do Evangelho de São João 8:12 em que Jesus dá testemunho de si mesmo: “Eu sou a luz do mundo. Quem

²²² Cf. SILVEIRA, Aline Dias da. *Op. cit.*, p. 50.

²²³ *Ibidem*.

²²⁴ *Ibidem*, p. 51.

²²⁵ Cf. iluminura completa no item “Anexos”, p. 97. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XgjZxQLiv7k>>, em 3min05seg. Acessado em 26 de abril de 2015.

me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida”. Não se pode amar a dois senhores²²⁶. Esta mensagem sinaliza uma centralidade do serviço vassálico para o rei.

Na *cantiga* 44, “*Quen fiar na Madre do Salvador*”, no milagre que ocorrera a um cavaleiro, “ifançon”²²⁷ que na Mãe do Salvador, e Jesus Cristo, colocou sua confiança: diz que a caminho de Salas, em peregrinação, tendo perdido sua ave de rapina, após rogar a Santa Maria, na missa, a ave pousa-lhe na mão, recuperando o bem perdido. Como prometido, passou a servi-la, pregando seu nome acima do nome dos santos; elevando-a acima de todos: “*Sennor das sennores*”.

Esta relação de confiança²²⁸, pelo verbo *fiar*, possui um sentido importante na Idade Média, o de promessa de pagamento por algo cedido; de proteção de alguém. No caso desta *cantiga*, o infante se entregara à proteção da Santa que atendeu a sua aflição, um bem recuperado e que, disse ele:

Estrofe 6:

(24) [...] *andarei*

(25) *pregoando teu nome e direi*

(26) “*como dos Santos tu és la mellor*”.

Refrão:

(1) *Quen fiar na Madre do Salvador*

(2) *non perderá ren de quanto séu for.*

Como este milagre poderia ser conhecido por outras pessoas e qual o resultado de sua propagação? Nossa hipótese é de que era recorrente a oralidade como veículo, mais do que a escrita, o modo como eram transmitidos tais relatos, seguindo a tese de Zumthor, a *cantiga* mesmo propõe como resposta à concessão de Maria de um bem, tal qual ocorrera ao infante na recuperação do seu, e que não mediria sua voz a sublinhar como Maria dos santos é a melhor, é a maior – como no verso 26 da estrofe 6 supracitada. Sua primazia diante dos santos: “quem confiar na Mãe do Salvador não perderá coisa alguma que seja seu”, canta o refrão que é o centro da proposição, Maria seria coroada pelos louvores de todos os que

²²⁶ Parafraseando Matheus 6:24.

²²⁷ Título de nobreza, inferior a fidalgo ou rico-homem. Cf. DDGM – Dicionario de Dicionarios do Galego Medieval *Corpus Lexicográfico Medieval da Língua Galega*. Ernesto González Seoane (coord.), María Álvarez de la Granja e Ana Isabel Boullón Agrelo *Seminário de Lingüística Informática*. 2006-2012. Disponível em: <http://sli.uvigo.es/DDGM/ddd_pescura.php?pescu-da=dona&tipo_busca=lema>. Acessado em 02 de maio de 2015.

²²⁸ Cf. MATTOSO, José. *Op. cit.*, p. 152; e em METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. Vol. IV: Glossário, p. 145.

souberem de sua proteção, isto é, seus “fiadores”²²⁹. E conforme disposto em *Las Partidas*:

*Poderoso debe ser el emperador ser hecho, de manera que su poder sea tan cumplido y así ordenado, que pueda más que los otros de sus señorío para apremiar y constreñir a los que no lo quisieren obedecer. Y para tener tal poder como este, es menester que se enseñoree de las caballerías y que las reparta, y que las encomiende a tales caudillos que lo amen y que las tengan por él y de su mano, de manera que conozcan a él por señor, y a los otros que los acaudillan por guiadores*²³⁰ [grifo nosso].

Segundo esta passagem, está aí uma síntese do propósito e ideal do rei: que o amem e o tenham por senhor, e que todos desempenhem as funções que cabem a cada um.

Aos portadores das vozes a cantar um mundo, não desconsideramos uma convicção religiosa, sejam dos compiladores, seja também do rei, de quem faziam parte os reinos de Leão e Castela, como a Corte itinerante do rei Alfonso X, bem como todos os que as *Cantigas* fizeram ressoar os milagres e louvores, e mostram as benfeitorias que a misericórdia divina que emana pela Mãe do Cristo²³¹. O que marcava uma diferenciação de identidade principalmente com relação ao próprio cenário social de então, o contexto da Reconquista.

Como Santa Maria foi representada nas *cantigas* – no ambiente que exploramos –, e a “lemos” em organicidade com outras obras de Alfonso X, as mesmas nos apresentam uma relação vassálica, perceptível em quase toda a obra; que estaria intrínseca no modo hierárquico instituído na ordem social deste mundo estudado; estava no ar respirado, ao mesmo tempo em que a sobreposição de Alfonso X no lugar de Maria nos textos faria de ambos uníssonos quando ela é tratada sob a homenagem característica da época justificando a necessidade e legitimidade de uma centralização do poder real, remetendo à imagem da ordenação divina. Não partiria do rei, mas de Deus. Estas representações colocam-na como parte integrante e importante nesse processo, já que corresponderia a uma resposta às inquietações referentes à suas investidas “humanas” ancorada através da autoridade divina da religião, inserindo-as num conjunto todo coeso que seriam as leis do Universo.

²²⁹ “Fiador”: fiel, testemunha a favor. Cf. METTMANN, W. Glossário, *idem*.

²³⁰ Cf. ALFONSO X. *Partida* II, Título I, Lei 3.

²³¹ Aqui falo no tempo presente considerando a permanência da devoção mariana, principalmente no mundo cristão católico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A projeção do ideal vassálico bem como a centralização do dever do vassalo diretamente para com o rei teve na linguagem cotidiana – conforme destacou Mattoso – e religiosa um meio pela qual seria possível uma assimilação da proposição política e social alfonsina. O entendimento de quem propagava e ouvia as *Cantigas*, segundo nossa hipótese, seria captado via linguagem religiosa numa cultura – num mundo – que ansiava por proteção e paz, e estas viriam de Deus nos Céus e pelo rei na Terra, conforme o início de nossa exposição,

Interpretamos as *Cantigas de Santa María* estão referenciadas num universo simbólico que as tornaram inteligíveis aos produtores e consumidores desta obra sob “um sistema de classificação, explicação e avaliação de pessoas e acontecimentos”²³². Assim, elas seriam uma representação pretendida a ser socialmente partilhada, contrariava a uma ordem social estabelecida e fortemente defendida por uma nobreza que não queria perder suas posições baseadas num “[...] localismo político embasado em linhagens aristocráticas de expressão local ou regional, em oposição às estruturas de poder palacianas constituídas em torno da aristocracia de características internacionais”²³³. Esta situação levou ao tilintar de armaduras e espadas. Dado o contexto e autoria da mesma, o reinado do rei Alfonso X de 1252 a 1284 da era cristã, e a organicidade com que esta obra pode ser compreendida dentro do *scriptorium* do rei sábio, principalmente com *Las Siete Partidas* e as leis de centralização nas mãos do monarca que viu-se obrigado a justificar seus ideais que tornaram-se discutíveis, como foram as sobreposições dos *fueros locais* pelos *Fuero Real*, as *Las Partidas*.

E não somente aos leigos e/ou pertencentes aos do terceiro estamento esta obra viria a ser dirigida pelo seu conteúdo e propósito que sublinhamos nesta pesquisa, mas, e talvez, principalmente, na sutileza da poesia e musicalidade das *Cantigas* – o meio pelo qual o mundo medieval e castelhano em que Alfonso X estava inserido – *El Rey Sabio* comunicava também àqueles a quem seu modo de ver e ver-se estavam contrários. Tendo em sua Corte itinerante as *Cantigas* sempre a mão; ele que tinha por dever prover segurança e justiça a todos assinalava não somente como se deve servir e ter Santa Maria como rainha e

²³² *Ibidem*, p. 384.

²³³ Cf. MORÁS, Antonio. *Op. cit.*, P. 179.

intercessora, junto a seu Filho, o Cristo, e Deus, mas também a ele como imagem e protetor do povo no temporal, enquanto Cristo e Maria a sua direita o são no espiritual²³⁴.

Assim, no primeiro capítulo visamos apresentar, ainda que brevemente, o contexto sócio político em que foram produzidas as *cantigas*; bem como seu condutor, o próprio rei Alfonso X, dimensionando um tanto sua disposição na busca por conhecimento – e que referência se faz ao rei bíblico Salomão e nos textos sagrados, que compreendiam fonte inesgotável para a vida como um todo no medievo. E, na sequência, Maria, a quem o rei se fez trovador partindo também dos relatos bíblicos além de como a Santa foi representada na *cantiga* de número 1 que a considerou como “bendita e sagrada, por nos dar tão grande recompensa no seu reino”²³⁵.

Existe uma consonância entre os títulos mencionados a Maria e que são também dignados aos senhores feudais e aos reis e rainhas, como o caso da avó de Alfonso X, dona Berenguela. Poderia ela ser um modelo terreno provável para o rei da postura de uma rainha. Sob a terminologia vassálica poderia estar projetado – inversamente o proposto até então – em Maria os atributos ou exemplo das rainhas ibéricas? Nisto, sublinhamos esta situação diferenciada frente a um mundo, como dito, masculino e bélico, em que a filha, mãe e avó de reis ibéricos, embora não nos aprofundamos no caso, revelou-nos a pertinência e lança-nos questionamentos sobre as rainhas ibéricas e as representações de Maria a partir do comportamento dessas mulheres em novas pesquisas. Uma possibilidade.

No segundo capítulo analisamos a difusão das *Cantigas* em seus índices de oralidade, e percebemos este elemento como um fato histórico, temática que já havia sido trabalhada pelo medievalista Paul Zumthor. Foi identificada, na centralização da devoção a Maria, a centralidade das relações vassálicas/feudais de compromisso para com o rei.

As situações que apresentaram o conteúdo do nosso *corpus* documental dizem respeito a esta necessidade de se servir a um único Senhor. E a *cantiga* de número 10 é exemplar nesta direção quando canta o refrão: “*Rósa das rósas e Fror das Frores, Dona das donas, Sennor das Sennores*”. Mas, esta posição acima dos seus pares, desequilibrando o quadro de forças alinhado no decorrer do tempo, das relações sociais e de compromisso firmadas nessa região da Europa, e que fora argumentada pelo rei nas *Partidas*, por exemplo.

²³⁴ Sob a perspectiva neoplatônica da cristandade no medievo, como mencionado na nota número 203 da página 56.

²³⁵ Estrofe 1, versos 4, 5 e 6.

Sob a justificativa divina, tiveram as *Cantigas* – considerando sua relação com as demais obras da Corte alfonsina – um acesso mais assimilável, ancorado neste quadro de referência que era e é a religião para se chegar aos corações cristãos, judeus e muçulmanos os quais compunham as três religiões e povos, macro culturas da Península Ibérica. E o fato de Maria relacionar-se com as mesmas, formaria o que Camargo chamou de *continuum* religioso²³⁶, dentro do qual os elementos das três religiões poderiam encontrar pontos de intersecção sugeridos pelo rei²³⁷.

Em algumas passagens observamos que a superioridade cristã é sublinhada: a misericórdia divina apresentada para os que vão buscar perto ou longe de Maria o amparo espiritual ou material e se arrependem: como no caso da *cantiga* 44, sendo louvada e servida Santa Maria na igreja, na missa, ou quando judeus ou muçulmanos que se colocam contra Maria e a Igreja, ou ao rei e reino cristãos, e a temem e desistem do ataque ou mesmo se convertem: o caso da *cantiga* 165 do sultão contra a cidade cristã é mostra-nos do mouro que teme a Maria, e da *cantiga* 216 em que o cavaleiro reconhece Maria como sua Senhora.

Conforme hipótese inicial, podemos interpretar como uníssonas a imagem de Maria, Rainha Celestial, com a de Alfonso X, Rei Terrestre; inserido na hierarquia que vem dos Céus e de Deus²³⁸ e justificando esta nova ordem – ou uma nova interpretação da ordem existente, este novo *nomos* –, dentro do quadro de referência e de autoridade e verdade: a religiosa universal, mais especificamente, este modo mais direto das relações vassálicas para com o rei, o “*primus inter pares*”, o vigário de Deus na Terra. A uma Postura absolutista que mais tarde viria a ser interiorizada também em outros reinos cristãos europeus.

Tendo visto a necessidade de um *nomos*²³⁹ para a existência de uma sociedade, num âmbito geral do período estudado, focalizamos um território, um reino e um rei, e deste, uma produção artística e religiosa que forneceu-nos traços como sobre um mapa a nos guiar por estas paisagens que as *Cantigas de Santa María* têm fornecido por meio de muitas pesquisas nas compreensões e interpretações possíveis sobre as sociedades da Idade Média.

Embora a figura do rei Alfonso X tivesse uma maior visibilidade, o foi devido à própria posição de condutor da produção de nossa documentação histórica, mas o cerne da pesquisa foi a percepção da projeção da vassalagem, que o contexto social viria a dar de um conteúdo

²³⁶ Cf. CAMARGO, Cândido Procópio. *Op. cit.*

²³⁷ Como o caso de Maria ser considerada sempre virgem no Alcorão, como argumentado pelo sultão na *cantiga* 165 para a sua desistência do embate com os cristãos de Tortosa.

²³⁸ Sob a perspectiva cristã.

²³⁹ Como tratado no capítulo 1, no item 1.1: “A busca por um *nomos*”.

religioso e contemplativo da santidade de Maria para o cristandade, e que, pela oralidade característica da própria obra a ser vocalizada pelos portadores da voz pública – aos jograis, recitadores, leitores, cantores, músicos e atores, trovadores – percebemos no que seria vocalizado não somente um conteúdo que expressaria as relações vassálicas, mas, a uma relação desse tipo diretamente para com o rei.

Parafraseando George Orwell em “os fins e os meios”²⁴⁰ nos idos de 1943: “Conhecer os fins e reconhecer os meios de alcançá-los são dois processos mentais distintos que muito raramente se combinam em um só indivíduo”. Se Alfonso X não os combinou, cercou-se de intelectuais que o ajudaram e o aconselharam a reconhecer os meios para suas pretensões. E o caminho para tal, como fora sua escolha, seria pela legalidade jurídica e “divina”. Tornando natural sua proposição, uma realidade já dada e externa a sua consciência²⁴¹, a sua pessoa e posição de poder. A ordem das coisas como produto dos desígnios de Deus.

Como estudo de uma representação socialmente partilhada e localizada num tempo e espaço, como expressão e visão de mundo e conhecimento²⁴² de um tempo passado e distante de nós, impressões sobre a especificidade de nossa problemática de pesquisa, ele não se fecha em si mesmo. São possíveis compreensões das formas como, hoje, em nossas representações acerca da justificação do mundo que criamos a fundamentar nossas sociedades: a forma de governo político, governantes e/ou candidatos a cargos de lideranças, bem como em nossa vida cotidiana, em que fazemos uso de representações para a leitura do mundo ou mundos a nossa volta. Que, como no medievo, nossa busca por proteção e paz permanece; por formas de organização social que eliminem as desigualdades sociais que, mesmo óbvias, ainda persistem e dificultam um novo modo de sermos em sociedade menos hostis, avançando por sobre a “precariedade”²⁴³ que é o mundo humano.

Nas palavras do Apóstolo São Paulo: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito”²⁴⁴. O discernimento vem com o conhecimento, seja

²⁴⁰ Publicado em 15 de agosto de 1943 para o jornal britânico *Observer*. Cf. ORWELL, George. *Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra*. Trad. Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 31.

²⁴¹ Cf. BERGER, Peter Ludwig. *Ibidem*, p. 44-45.

²⁴² Como citado na página 19 deste trabalho. Cf. CANDIDO, Antonio. “o direito à literatura”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. *Apud*: FERREIRA, Antonio Celso. *Op. cit.*, p. 67.

²⁴³ Cf. BERGER, Peter Ludwig. *Ibidem*, p. 42.

²⁴⁴ Santo Agostinho exorta tal passagem sobre o “significado simbólico do homem feito à imagem de Deus”, em *Confissões*. Cf. AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, (354-430). *Confissões*. Trad. Maria Luíza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002, p.431-432. Cf. Epístola de São Paulo aos Romanos, 12:2.

de Deus e sua vontade, seja da natureza e do próprio ser humano. Alfonso X, em suas muitas obras, deixa registrado tal elogio ao Saber.

E se sob o epíteto de “*El Rey Sabio*” não se igualou ao rei bíblico Salomão presenteou-nos com a também bela obra artística que aqui nos abriram as portas a conhecer, um pequeno tanto, seu mundo, seu tempo, e suas palavras, em meio a: metas fracassadas, como tornar-se Imperador do Sacro Império Romano Germânico; e em conflitos políticos internos não solucionados e que levaram a sua deposição do trono castelhano, como quando decidindo contra seu filho, sua sucessão acabou por dividir os interesses comuns²⁴⁵; diferente de Salomão em sua primeira decisão sábia, Alfonso teria cortado ao meio o trono disputado.

E ao finalizar com algumas considerações acerca do tema e problemática propostos acima em nossa pesquisa, percebo este momento não como o fim de uma etapa, a minha graduação, mas uma transição entre as extremidades da minha trajetória acadêmica e de vida; e que tendemos a buscar uma linearidade, nem sempre tão bem compreensível de acordo com as direções que escolhemos e nem sempre consciente. Tal qual um aprendiz de trovador a compor os versos de sua primeira cantiga, guiado pelos documentos históricos que selecionamos e os classificamos e delineamos sob uma perspectiva teórica metodológica como pertinentes à nossa pretensão, concluo também uma representação. É este também o fazer da História: a escrita da História.

²⁴⁵ Segundo *Las Siete Partidas*, poderia o herdeiro direto perder tal direito se fosse interesse do testador o manter fora do testamento e do uso dos bens após sua morte. Isso não agradou a Sancho e contribuiu para sua revolta. Cf. ALFONSO X. *Partida* VI, Título VII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS:

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, (354-430). *Confissões*. Trad. Maria Luíza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002.

ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María: códice rico de El Escorial*. Madrid: Castalia, 1985.

_____. *Cantigas de Santa María. Castela, 1221-1284*. Disponível em: <<http://csm.mml.ox.ac.uk/>>. Acesso em: 02 de Setembro de 2014.

_____. “Estoria se Espanna”. *Prosa historica*. Edición, selección, introducción y notas de Benito Brancaforte. Madrid: Catedra, 1984.

_____. *Las Siete Partidas*. In: Biblioteca Digital Mundial. <http://www.wdl.org/pt/item/10-642/view/1/1/>

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. 8ª impressão, 2012. São Paulo: Paulus, 2002.

CHALLITA, Mansour. *Alcorão: livro sagrado do Islã*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa María*. Coimbra: Universidade, Vol. IV, 1972.

FONTES ONLINE [INTERNET]:

ALCORÃO. *Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos*. Fatcho, 2007. Disponível em: <<http://www.ibeipr.com.br/ibeipr.php?path=alcorao>>. Acessado em 23 de março de 2015.

Cantigas de Santa Maria [manuscrito]. Biblioteca Nacional Hispanica Database, 2014. Disponível em <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000018650>>. Acesso em 28 de março de 2015.

Cantigas de Santa Maria Alfonso X, el Sabio Database. Disponível em: <<http://cantigas.webcindario.com/index.htm>>. Acesso em 18 de setembro de 2014.

Cantigas de Santa Maria for Singers. Andrew Casson Database. 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.cantigasdesantamaria.com/csm/10>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

Cantigas de Santa Maria [manuscritos e iluminuras]. *Códice de Florença*. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronoz.com>>. Acesso em 22 de março de 2015.

Ernesto González Seoane (coord.), María Álvarez de la Granja e Ana Isabel Boullón Agrelo. DDGM – Dicionario de Dicionarios do Galego Medieval *Corpus Lexicográfico Medieval da Lingua Galega. Seminário de Lingüística Informática*. 2006-2012. Disponível em: <<http://sli.uvigo.es/DDGM/index.html>>. Acessado em 26 de abril de 2015.

Ferreiro, Manuel (dir.) (2014-): *Glosario da poesía medieval profana galego-portuguesa*. Universidade da Coruña. Disponível em: <<http://glossa.illa.udc.es>>. Acesso em 18 de setembro de 2014.

Outras cantigas *online*: Disponível em: <<http://www.cantigas.fcsh.unl.pt>>. Acesso em 19 de outubro de 2014.

Las Siete Partidas. Disponível em: <<http://ficus.pntic.mec.es/jals0026/documentos/textos/7partidas.pdf>>. Acessado em 28 de março de 2015.

BIBLIOGRÁFICAS SOBRE A TEMÁTICA:

AGUIAR Clarice Machado. *O diabo: vítima, ou algoz? A representação do diabo nas cantigas de Santa Maria (séc. XIII)*. 2013. 35 f., il. Monografia (Bacharelado em História) Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/104-83/7903/1/2014_ClariceMachadoAguiar.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2014.

ANGLÉS, H. “La música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el sábio. Transcripción y estudio critico por Higinio Anglés”. Vol III. Segunda parte. *As Melodias Hispanas y/a Monodia Lírica Europea de los siglos XII-XIII*. Barcelona: 1952, p. 459-471.

BARROS, José D’Assunção. “A Escolástica em seu context histórico”. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 22, n. 3, jul./set. 2012, p. 231-239.

_____. A gaia ciência dos trovadores medievais. *Revista de Ciências Humanas*, [S.l.], v. 41, n. 1 e 2, p. 83-110. Disponível em: <<https://periodi-cos.ufsc.br/index.php/revista-cfh/article/view/15623/14155>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2015.

_____. “O rei e a sátira contra a nobreza: considerações sobre a poesia satírica de Afonso X, um rei-trovador do século XIII. *Rev. Let.*, São Paulo, v.52, n.2, jul./dez. 2012, p.33-46.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Trad. Emmanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CORTÁZAR, José. “De las conquistas fernandinas a la madurez política y cultural del reinado de Alfonso X”. *Revista de Estudios Alfonsíes*, 2002/3. Disponível em: <http://institucional.us.es/revistas/alcanate/3/art_2.pdf>. Acesso em: 27 Março de 2015.

COSTA, Ricardo da. “Santa Mônica: a criação do ideal de mãe cristã”. In: *III Congresso Nacional de Estudos Clássicos/IX Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 1995*, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS), 1995, p. 21-35.

_____; DANTAS, Bárbara. “A falsidade dos judeus é grande”: uma representação de judeus nas Cantigas de Santa Maria (séc. XIII). In: *Atas do X Encontro Internacional de Estudos Medievais (EIEM) da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM)*. Diálogos Ibero-americanos. Brasília: ABREM/PEM-UnB, 2013, p. 507-514. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/falsidade-dos-judeus-e-grande-uma-re-presentacao-de-judeus-nas-cantigas-de-santa-maria-sec>>. Acesso em: 14 de setembro de 2014.

_____; _____. “Bondade, Justiça e Verdade. Três Virtudes marianas nas *Cantigas de Santa María* e no Livro de Santa Maria, de Ramon Llull”. Projeto interinstitucional de pesquisa (UFES-UNESP/Marília). *Manifestações estéticas da Arte Românica na Península Ibérica Medieval (sécs. XI-XIII)*. Grupo CNPq Arte, Filosofia e Literatura na Idade Média. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/bondade-justica-e-verdade-tres-virtudes-marianas>>. Acesso em: 14 de setembro de 2014.

_____; COVRE, Bárbara. “Cantigas de Santa Maria de Alfonso X: análise comparativa entre texto e imagem da cantiga 04”. In: FERREIRA, Álvaro Mendes (org) *et. al. Problematizando a Idade Média*. Niterói: Ed. UFF/PPGHistória, 2014, p. 19-36.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: o amor e outros ensaios*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*. Vol. III. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2011.

_____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAITANIN, Paulo. “A Mariologia Tomista”. In: *REVISTA AQUINATE*, (2005-2014). Disponível em: <<http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Teologia/a-mariologia-tomista.php>>. Acesso em 23 de março de 2015.

FERNÁNDEZ, Laura. “Cantigas de Santa María: fortuna de sus manuscritos”. *Revista de Estudios Alfonsíes*, 2008/9. Disponível em <http://institucional.us.es/revistas/alcanate/6/art_17.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2014.

FERREIRA, Antonio Celso. A Fonte Fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); DE LUCA, Tania Regina (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 61-91.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso; trad. Dos poemas José Paulo Paes. São Paulo: Cia.

das Letras, 2006.

IDRIS, Jaafar Sheikh.. “Primeiro capítulo do Alcorão”. *THE RELIGION ISLAM*. 2006-2014. Disponível em: <<http://www.islamreligion.com/pt/articles/10190/>>. Acessado em 05 de maio de 2015.

LANGER, Johnni. *O poder do imaginário medieval*. OPSIS, Catalão, v. 10, n. 2, 2010. p. 209-213. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/issue/view/887/show-Toc#.VX9ZffIViko>>. Acessado em 20 de outubro de 2014.

HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

KLEINE, Marina. “O *Fuero Real* e o projeto político de Afonso X”. In: PEREIRA, Nilton, ALMEIDA, Cybele Crossetti, TEIXEIRA, Igor Salomão. *Reflexões sobre o medievo*. São Leopoldo: Oikos, 2009, p. 168-189.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2005.

_____. *O Maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Trad. António José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1989.

LOYN, Henry R. (org.). “Feudalismo”. *Dicionário da Idade Média*. Trad. Álvaro Cabral. Rev. Téc. Hilário Franco Júnior, Zahar, 1997.

MATTOSO, José. *Fragmentos de uma composição medieval*. Lisboa: Ed. Estampa, 1987.

MORÁS, Antonio. *Os entes sobrenaturais na Idade Média: imaginário, representações e ordenamento social*. São Paulo: Annablume, 2001, p. 15-19; 175-215.

MURILO, Marcelo da Silva. “Idade Média e seu ensino”. In: SILVA, Marcos (org.). *História: que ensino é esse?* Campinas - SP: Papyrus, 2013. p. 123-136.

OLIVEIRA, Terezinha. Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino. *Anais Associação Nacional de História – ANPUH XXIV Simpósio Nacional De História*, São Leopoldo, 2007. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0850.pdf>>. Acessado em 12 de julho de 2015.

ORWELL, George. *Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra*. Trad. Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 31-34.

PINTO-CORREIA, João David. “Narrativa e castigo nas Cantigas de Santa Maria de Alfonso X. Aspectos dos milagres de ‘sanção negativa’”. *Actas IV Congresso AHLM*, Lisboa 1991 3 (1993), 129-140.

REIS, Jaime Estevão dos. *Território, legislação e monarquia no reinado de Alfonso X, o Sábio (1252 – 1284)*. Assis, 2007. 250f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis, Universidade Estadual Paulista, p. 178. Disponível em:

http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103168/reis_je_dr_assis.pdf?-sequence=1>. Acessado em 29 de março de 2015.

RODRIGUES, A; Assmar, E. M. L.; JABLONSKY, B. Cognição social. In: RODRIGUES, A; Assmar, E. M. L.; JABLONSKY, B. *Psicologia social* Petrópolis: Vozes, 2002, p. 75-96.

RODRIGUES, Maria Idalina Resina. “Representações do demônio nas “Cantigas de Santa Maria”. *Separata de Actas del Congreso Internacional sobre la lengua e la literatura em tempos de Alfonso X*. Murcia: 1985, p. 467-490.

SALVADOR MARTÍNEZ, H. Alfonso X, El Sabio – Una biografía. Madrid: Ediciones Polifemo, 2003.

SANTOS, Dulce O. Amarante dos. Outros olhares sobre a jograria ibérica urbana (sécs. XIII-XIV). *História Revista*, [S.l.], jul. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/10590>>. Acesso em: 18 janeiro de 2015.

SENKO, Elaine Cristina. “O projeto político de Alfonso X (1252 – 1284) em seu trabalho jurídico: ‘Las Siete Partidas’”. *Rev. História Helikon*, Curitiba, v.1, n.1, 1º semestre/2014, p.18-36. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/helikon?dd99=pdf&dd1=12457>>. Acesso em 28 de março de 2015.

SILVEIRA, Aline Dias da. “A Trama da História na concepção de povo nas *Siete Partidas*. *Revista Diálogos Mediterrânicos*. Número 7, Dez/2014, p. 66-83.

_____. “Europeização e/ou Africanização da Espanha Medieval: Diversidade e unidade cultural europeia em debate”. *HISTÓRIA*, São Paulo, 28 (2): 2009, p. 645-657. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/his/v28n2/22.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2014.

_____. “Política e convivência entre cristãos e muçulmanos nas Cantigas de Santa Maria”. In: PEREIRA, Nilton, ALMEIDA, Cybele Crossetti, TEIXEIRA, Igor Salomão. *Reflexões sobre o medievo*. São Leopoldo: Oikos, 2009, p. 39-59.

SORIA, Manuel Nieto. Imágenes religiosas del Rey y del Poder Real en la Castilla del Siglo XIII. In: *La España Medieval*, nº9, 1986, p. 709-730. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=122193>>. Acessado em 20 de março de 2015.

SPINA, S. O Movimento Trovadoresco Occitânico. *A literatura Trovadoresca*. São Paulo, EDUSP, 1995, p. 17-31.

VEYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Trad. de Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 223-240.

WOODS, Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental*. Trad. Élcio de Carillo, Rev. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2008.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a 'literatura' medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BIBLIOGRAFIAS SOBRE TEORIA E METODOLOGIA:

BARROS, José D' Assunção. *O Campo da História. Especialidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 15-90.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. Trad. José Carlos Barcellos. Ed. Paulus. São Paulo. 1985.

CAMARGO, Cândido Procópio. *Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica*. São Paulo: Livraria Pioneira. 1961.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VALA, J. "Representações Sociais: para uma Psicologia Social do pensamento social". *In: _____ e M. B. (Orgs.). Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 353.-384.

WACHELKE, J. F. R.; CAMARGO, B. V. Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Inter american Journal of Psychology*. 41(3), 2007, p. 379-390.

APÊNDICES

Apêndice A: Quadro de Análises - *cantiga 1: “Des oge mais quer’eu trobar”*

QUADRO ANÁLISES DAS CANTIGAS						
Categorias	Conteúdo	Referência	Tradução	Observações		
Cantiga	1	-	1	Número da cantiga	Dados técnicos da cantiga	
Título	Des oge mais quer’eu trobar	-	Desde hoje mais eu quero trovar	-		
Epígrafe	Esta é a primeira cantiga de loor de Santa María, ementando os sete goiosque ouve de séu Fillo.	-	Esta’ é a primeira cantiga de louvor a Santa María, mencionando os sete gozos que houve de seu Filho [Jesus].	Tema da cantiga		
	Nesta cantiga, o trovador coloca-se como entregue ao seu talento de encontrar, cantar, para a Santa María, "Senhor onrrada" [Senhora honrada] em que Deus se fez carne, "bêita e sagrada, por nos dar gran soldada no seu reino" [bendita e sagrada, por nos tão grande recompensa no seu reino] - Cf. João 1:14. Os mistérios gozados de Maria são tratados em sete estrofes, cada um contando a vida de Jesus em Maria: Anunciação, Natividade de Jesus, Adoração dos Reis Magos, Ressurreição de Cristo, Ascensão de Jesus, Pentecostes e a Coroação de Maria. Mostra a devoção de Maria em sua participação na salvação do Mundo por Jesus Cristo no sacrifício do calvário, pela Cruz, traduz a coroação de Maria ao título de Rainha celeste que intercede pela Igreja, o corpo místico de Cristo - Cf. Colossenses 1:18.			Sinópse da cantiga		
Títulos de Maria	Bendida e Sagrada; Bem aventurada Virgem, de Deus amada; Rainha, Filha, Mãe e pupila; Nossa Advogada	4 Bêita e sagrada; 14 Benaventurada 15 Virgen, de Deus amada; 77 Rainha, 78 Filha, Madr' e Criada; 80 nós'avogada.	-	-	-	Definições de Maria
Preliminares	Pela "Senhora honrada" em que Deus quis se fazer carne; e o Verbo se fez carne. Esta cantiga, a de número 1, de louvor a Santa María, o autor apresenta-nos quem é Maria - e os sete momentos principais de Jesus.	-	-	Preparação para a cena principal	Contextualização	
Localização Espacial	-	-	-	Onde se passa a historia		
Localização Temporal	-	-	-	Quando ocorreu a historia relatada		
Lugares específicos	"Etu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum é a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel" - Mateus 2:6.	23 Beleên; 36 Ultramar [Reis em]; 16 mundo [terreno]; 76 Céu [mundo celeste].	23 Belém [onde Jesus Nasceu]; 36 Ultramar [terras distantes de onde vieram os Reis Magos adorar o Rei dos Judeus - Cf. Mateus 2:1-12; mundos terreno e celeste.			
Protagonista	Santa María	-	-	Fiél a Maria	Personagens que interagem com Santa Maria	
Religião	-	-	-	Religião do personagem		
Posição social (ou profissão)	Mãe de Jesus, nossa advogada	-	-	Rico, nobre, clérigo, comum		
Qualidade da fé	Bendida e sagrada, de Deus amada; temente a Deus - Lucas 1:28 e 30.	-	-	Devoto, homem de pouca fé		
Índices de Oralidade	O texto é uma narração e o mesmo expressa-se nos termos em que o trovador usa e diz sua vontade: 41 Outra razão quero contar [narrar] que li'ouve pois contada a Madalena; 51 Ear quero-vos demonstrar; 61 Nen quero de dizer leixar [não quero deixar de dizer]. Sempre no primeiro verso de cada estrofe.	-	-	Termos que indiquem oralidade: cantar, contar, ouvir, etc.	Oralidade Medieval	
Índices de Publicação	1 Des oge mais quer’eu trobar: título e primeiro verso da cantiga. Após apresentar os motivos pelos quais buscará sempre encontrar a Santa Maria na primeira estrofe - versos 1 ao 10 - inicia o trovador apresentando quem é Maria. O autor se coloca como trovador, Este talento expressa sua intenção de cantar louvores à Santa María; cantar e ser ouvido.	-	-	Termos que indiquem publicação: canção, melodia, etc.		

Apêndice B: Quadro de Análises - cantiga 10: “Rósa das rosas e Fror das Frores”

QUADRO ANÁLISES DAS CANTIGAS

Categories	Conteúdo	Referência	Tradução	Observações
Cantiga	10	-	10	Número da cantiga
Título	Rósa das rosas e Fror das frores.	-	Rosa das rosas e Flor das flores	-
Epígrafe	Esta é de loor de Santa María, com' é fremosa e bõa e á gran poder.	-	Esta [cantiga] é de louvou a Santa Maria, como [ela] é formosa e boa e possui [há nela] grande poder	Tema da cantiga
Resumo sobre a cantiga	Esta cantiga louva a Santa Maria como sendo a mais bela das rosas e das flores; Santa Maria é o ideal, a perfeição: de beleza, de alegria, de piedade como Dona e em tirar as aflições e as dores como um Senhor.			Sinópse da cantiga
Títulos de Maria	Rósa das rosas e Fror das frores; Dona das donas e Sennor das senhores.	Idem epigrafe	Idem título	-
Preliminares	O títulos que recebe Santa Maria a representam-na como: Bela como uma rosa; que transmite alegria como uma flor; exemplo de piedade como uma Mãe; que como um Senhor que olha para seus súditos os protege dos males materiais e físicos.	3 Rósa de beldad' e de parecer 4 e Fror d' alegría e de prazer, 5 Dona em mui piadosa seer, 6 Sennor en toller coitas e doores.	3 Rosa de beldade [beleza] e de aparência 4 e Flor de alegria e de prazer, 5 Dona em muito piedosa que é, 6 Senhor em tirar alições e dores.	Preparação para a cena principal
Localização Espacial	-	-	-	Onde se passa a história
Localização Temporal	-	-	-	Quando ocorreu a história
Lugares específicos	O mundo; Maria ligada ao Céu tem o mundo inteiro a interceder, a proteger e ajudar na salvação dos pecadores.	7 Atal Sennor dev' óme muit' amar, 8 que de todo mal o póde guardar; 9 e póde-ll' os pecados perdõar, 10 que faz <i>no mundo</i> per maos sabores.	7 Semelhante [ou "ao"?] Senhor deve o homem amar, 8 que de todo mal o pode guardar; 9 e pode-lhe os pecados perdoar, 10 que no mundo por mãos prazerosas.	
Protagonista	Todo aquele que canta estas palavras.	-	-	Fiél a Maria
Religião	Católica.	-	-	Religião do personagem
Posição social (ou profissão)	Trovador.	-	-	Rico, nobre, clérigo, comum
Qualidade da fé	Temente ao poder de Maria.	-	-	Devoto, homem de pouca fé
Conclusão	Não há um antagonista explicitamente, mas podemos supor que todo aquele que não a louva e que, por isso, fica no pecado que repetimos como seres humanos, perdendo a proteção divina, como aquele que com o Senhor não está de acordo e perde sua proteção. Por isso devemos amá-la e servi-la para nao cairmos no erro de perdemos o rumo; Semelhante Senhor [feudal] devem os homens muito amá-la, este que o guarda. Outra questão interessante é a aproximação de Maria a uma Dama que o cavaleiro lhe oferece seu amor incondicional [ver Georges Duby sobre o amor cortês e o espírito da vassalagem].	11 Devemo-la muit' amar e servir, 12 ca punna de nos guardar de falir; 13 des i dos érros nos faz repentir, 14 que nós fazemos come pecadores. 15 Esta dona que tenno por Sennor 16 e de que quero seer trovador, 17 se éu per ren pós's' aver séu amor, 18 dou ao démo os outros amores.	11 Devemos muito amá-la e servi-la, 12 porque nos guarda de falhar; 13 desde aí dos erros que repetimos, 14 que nós fazemos como pecadores. 15 Esta Dona que por Senhor 16 e de quem quero ser trovador, 17 se eu de qualquer maneira posso ter seu amor, 18 dou ao demo os outros amores [17 e 18 um pouco confusos].	Como Maria acolhe os que lhe louvam.
Índices de Oralidade	O querer ser trovador, querer cantá-la.	15 Esta dona que tenno por Sennor 16 e de que quero seer trovador,	-	Termos que indiquem oralidade: cantar, contar,
Índices de Publicação	O refrão, repetido ao final de cada estrofe, e a própria notação musical pressupõem a publicação, para que sejam cantadas, louvadas, os quatro títulos que Maria tem ou merece ter, como suas características, suas virtudes [ver texto de Ricardo da Costa sobre as Virtudes de Santa Maria].	-	-	Termos que indiquem publicação: canção, melodia, etc.

Apêndice C: Quadro de Análises - *cantiga 44: “Quen fiar na Madre do Salvador”*

QUADRO ANÁLISES DAS CANTIGAS

Categories	Conteúdo	Referência	Tradução	Observações
Cantiga	44	-	67	Número da cantiga
Título	Quen fiar na Madre do Salvador	-	Quem confia na Mãe do Salvador	-
Epígrafe	Esta é como o cavaleiro que perdera séu açor foi-o pedir a Santa María de Salas; e estando na eigreja posou-lle na mão.	-	Esta é como o cavaleiro que perdeu seu açor [ave de rapina] foi pedir a Santa Maria de Salas; e estando na igreja pousou-lhe [o pássaro] na mão [recuperando-o].	Tema da cantiga
Resumo sobre a cantiga	Esta cantiga conta um milagre que ocorrera a um cavaleiro, "4 ifañçon*" que, em analogia, como exemplo, do que ocorre a quem na Mãe do Salvador, e Jesus Cristo, coloca sua confiança: "Quen <i>fiar</i> [grifo nosso] na Madre do Salvador", dizo título da mesma, que a caminho de Salas - em peregrinação -, e, após rogar a Santa Maria, na missa, a ave pousa-lhe na mão, recuperando o bem perdido. Como prometido, passou a servi-la, pregando seu nome acima do nome dos santos.	-	-	Sinótese da cantiga
Títulos de Maria	1 Madre do Salvador; 18 Sennor 19 Santa María; 35 Madre de Déus	-	1 Mãe do Salvador [Jesus Cristo]; 18 Senhora 19 Santa Maria; 35 Mãe de Deus	-
Preliminares	Um cavaleiro roga a Santa Maria que lhe traga de volta o seu açor [ave de rapina] que perdera, firmando com ela um compromisso:	19 Santa María, éu venno a ti 20 con coita de méu açor que perdi, 21 que mio cobres; e tu fas-lo assí, 22 e aver-m-ás sempre por servidor.	19 Santa Maria, eu venho a ti 20 com aflição de meu açor que perdi, 21 que o me cobres; e tu faças assim, 22 e haver-me-ás [ter] sempre por servidor [vassalo].	Preparação para a cena principal
Localização Espacial	5 reino d'Aragôn.	3 Quen fiar en ela de coraçõn, 4 averrá-lle com' a un ifañçõn 5 avêo eno reino d' Aragõn, 6 que perdeu a caça un séu açor,	3 Quem confiar nela de coração, 4 ocorrerá-lhe como a um infante [cavaleiro] 5 houve no reino de Aragão, 6 que perdeu em caça um açor seu [ave de rapina, caçadora] .	Onde se passa a história relatada
Localização Temporal	-	-	-	Quando ocorreu a história relatada
Lugares específicos	16 Caminho de Salas; 27 Missa; Epig. Eigreja.	-	-	-
Protagonista	Cavaleiro ou infante	-	-	Fiel a Maria
Religião	Católica.	-	-	Religião do personagem
Posição social (ou profissão)	Cavaleiro e caçador	-	-	Rico, nobre, clérigo, comum
Qualidade da fé	Confiante na Mãe do Salvador	-	-	Devoto, homem de pouca fé
Conclusão	O refrão "1 Quen fiar na Madre do Salvador 2 non perderá ren de quanto séu for" traz um lema de compromisso: todo aquele que confiar na Senhora Mãe de Deus, Rainha Celestial, terá sua proteção contra quaisquer ameaças. A promessa de servir Santa Maria para sempre, realizada em peregrinação, foi firmada pelas palavras do cavaleiro: "18 Ai, Sennor 19 Santa María, éu venno a ti 20 con coita de méu açor que perdi, 21 que mio cobres; e tu fas-lo assí, 22 e aver-m-ás sempre por servidor". A missa [como uma cerimônia] ouvida e cantada pelo fiel infante, na igreja, local sagrado, é onde o milagre ocorre e retribui-lhe Santa Maria lhe feito, consagrando o cavaleiro ao exército da Santa, antes que aos demais Santos.	1 Quen fiar na Madre do Salvador 2 non perderá ren de quanto séu for. 18 Ai, Sennor 19 Santa María, éu venno a ti 20 con coita de méu açor que perdi, 21 que mio cobres; e tu fas-lo assí, 22 e aver-m-ás sempre por servidor.	1 Quem confiar na Mãe do Salvador 2 não perderá coisa alguma. 18 Ai, Senhora 19 Santa Maria, eu venho a ti 20 com aflição de meu açor que perdi, 21 que o me cobres; e tu faças assim, 22 e haver-me-ás [ter] sempre por servidor [vassalo].	Como Maria acolhe os que lhe louvam.

Índices de Oralidade	A cantiga narra uma fato ocorrido noutros lugares e que o autor conta como que para ensinar uma moral: de que vale a pena ou traz benefício confiar na Mãe do Salvador, a Cabeça do corpo mistico de Deus que é a Igreja [analogia também ao rei e seu reino?].	-	-	Termos que indiquem oralidade: cantar, contar, ouvir, etc.	Oralidade Medieval
Índices de Publicação	Uma cantiga como as demais.	-	-	Termos que indiquem publicação: canção, melodia, etc.	

Apêndice D: Quadro de Análises - *cantiga 165: “Niún poder deste mundo”*

QUADRO ANÁLISES DAS CANTIGAS					
Categorias	Conteúdo	Referência	Tradução	Observações	
Cantiga	165	-	165	Número da cantiga	Dados técnicos da cantiga
Título	Niún poder deste mundo.	-	Nenhum poder deste mundo	-	
Epígrafe	Como Santa María de Tortosa d' Ultramar defendeu a vila do soldán.	-	Como Santa Maria de Tortosa de Ultramar defendeu a vila do sultão	Tema da cantiga	
Resumo sobre a cantiga	Esta cantiga conta a história de um sultão que pretende conquistar uma vila de surpresa, informado de que não era guarnecida. Sabendo dos perigos que estavam correndo na vila, os cristãos com medo se colocaram a rogar a Santa Maria por proteção. E eis que o sultão é surpreendido a vista de um exército de soldados vestidos de brancos. Era a proteção da vila por Maria também pelo meio bélico. O sultão, conhecendo a importância de Maria também citada no Corão, desiste de infringir o mal ao qual estavam com medo os cristãos. O sultão também a teme.			Sinópsis da cantiga	
Títulos de Maria	Santa; Virgen; Madre d'Içá; Madre de Déos; Madre de Déos Manüél; Reínnna celestial.	[na fala do sultão] 58 por amor da Virgen santa, l Reínnna celestial.	58 por amor da Virgem santa, Rainha celestial.	-	Definições de Maria
Preliminares	3 En Ultramar dest' avêo miragre grand' e mui bél 4 que mostrou Santa María, l Madre de Déus Manüél, 5 a un soldán poderoso, l porque éra mui cruel 6 e porent' aos crischãos l desamava mais que al.	-	3 Em Ultramar ocorreu [um] milagre grande e muito belo 4 que mostrou Santa Maria. Mãe de Deus Emanuel 5 a um sultão poderoso que era muito cruel e por isso os cristãos desamava mais que tudo [outra coisa].	Preparação para a cena principal	Contextualização
Localização Espacial	Cidade costeira de Tortosa.	-	-	Onde se passa a história	
Localização Temporal	-	-	-	Quando ocorreu a história	
Lugares específicos	Igreja; outeiro.	15 Lóg' o soldán con grand' óste l moveu, quand' aquest' oiu, 16 e mui préto de Tortosa l en un outeiro sobiu, 17 e parou mentes na vila, 19 Quand' a gente de Tortosa l viron atán gran poder 20 de mouros viir sobr' eles, l cuidaron mórtos seer; 21 e foron-s' aa eigreja l sas orações fazer, 22 dizend': "Ai, Santa María, l pois ta mercee non fal.	Igreja; monte.		
Protagonista	Cristãos da vila de Tortosa; Santa Maria.	-	-	Fiél a Maria	Personagens que interagem com Santa Maria
Religião	Cristãos católicos.	-	-	Religião do personagem	
Posição social (ou profissão)	-	-	-	Rico, nobre, clérigo, comum	
Qualidade da fé	Fiéis a Maria em quem buscaram o socorro de Deus.	-	-	Devoto, homem de pouca fé	
Antagonista	Sultão Bondouard do Egito e Alapa.	7 A este soldán chamavan l per séu nome Bondouard, 8 que Egito e Alapa l avía a séu mandar 9 e Domás e a Caméla; l e porende guerrear 10 quería sempr' a crischãos l e fazer-lles muito mal.	7 A este sultão chamavam pelo nome de Bondouard, 8 que Egito e Alapa tinha sob seu mano 9 e Domás e a Caméla. E pondo-se a guerrear 10 queria sempre aos cristãos fazer-lhes muito mal.	Infiél a Maria	
Religião	Mouro [muçulmano].	-	-	Religião do personagem	
Posição social (ou profissão)	Líder do exército muçulmano.	-	-	Rico, nobre, clérigo, comum	
Qualidade da fé	segue os preceitos do Islam escritos no Corão.	51 O soldán díss' ao mouro: "Eno Alcorán achei 52 que Santa María virgen l foi sempr'";	51 O sultão disse ao mouro: "No Alcorão achei 52 que Santa Maria virgem sempre foi.	Devoto, homem de pouca fé	

Infração	O sultão, mouro, que pretende fazer mal aos cristãos de uma vila.	5 a un soldán poderoso, l porque éra mui cruel 6 e poren'd aos crischãos l desamava mais que al.	5 a um sultão poderoso, porque era muito cruel 6 e por isso aos cristãos desamava mais que tudo.	O erro, pecado, ao qual a intercessão de Maria é chamada	Centro da narrativa
Castigo	Talvez, ter de enfrentar o exército celestial de Maria; sobrenatural, logo, invencível.		-	Qual o castigo que sofre o pecador	
Arrependimento	Pela consideração de Maria no Corão, a Mãe de Jesus é respeitada pelo sultão que desiste da invasão da vila.	51 O soldán diss' ao mouro: "Eno Alcorán achei 52 que Santa María virgen l foi sempr'; e pois esto sei,	51 O sultão disse ao mouro: "No Alcorão achei 52 que Santa Maria virgem sempre foi.	Qual atitude que caracteriza o arrependimento do infrator	
Conclusão	O sultão reconhece o poder de Maria e com ela não pretende guerrear.	53 guérra per nulla maneira l con ela non fillarei, 54 e daquí me tórno lógico, l e fas tangê-lo tabal."	53 guerra por nenhuma maneira com ela não [me] juntarei, 54 e daqui me torno logo, e faz tocar os tambores [timbale]	Como Maria acolhe o arrependido	
Índices de Oralidade	O narrador (atentando-nos à narrativa) expressa que pelo que ele aprendeu, pelo que ouviu, os habitantes da vila eram poucos para enfrentarem os mouros.	19 Quand' a gente de Tortosa l viron atán gran poder 20 de mouros vñir sobr' eles, l cuidaron mórto's seer; 27 Pois sa oraçõ'n fezerõ'n, l <i>per quant' end' éu aprendí</i> [grifo nosso], 28 contaron-se quantos éran, l mais poucos s' acharon i.	19 Quando o povo de Tortosa viram tão grande poder de mouros vir sobre eles, preocuparam-se de serem mortos; 27 Pois suas orações fizeram, <i>por quanto desde</i> [o que] <i>eu aprendi</i> , contaram em quanto estavam, mas poucos aí se acharam.	Termos que indiquem oralidade: cantar, contar, ouvir, etc.	Oralidade Medieval
Índices de Publicação	O refrão, repetido ao final de cada estrofe, e a própria notação musical pressupõem a publicação, para que outros ouçam a melodia e guardem bem que contra o poder da Virgem ninguém pode, pois ela é toda espiritual, divina.	1 Nñun poder deste mundo l de gente nada non val 2 contra o poder da Virgen, l ca x' é tod' espirital.	1 Nenhum poder deste mundo de gente valei algo 2 contra o poder da Virgem, porque é toda espiritual.	Termos que indiquem publicação: canção, melodia, etc.	

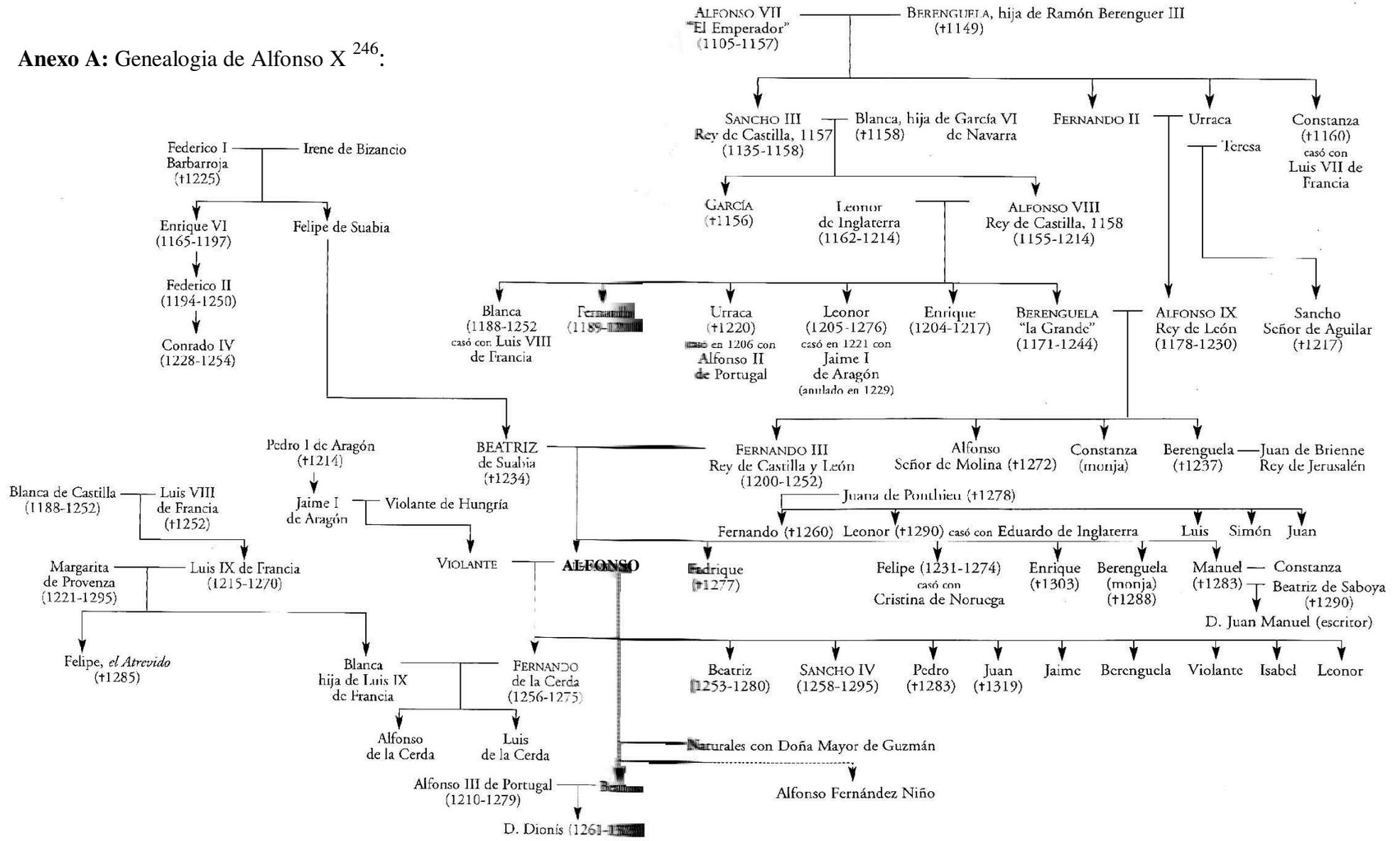
Apêndice E: Quadro de Análises - cantiga 216: “O que em Santa María de coraçôn confiar”

QUADRO ANÁLISES DAS CANTIGAS					
Categorias	Conteúdo	Referência	Tradução	Observações	
Cantiga	216	-	216	Número da cantiga	
Título	O que em Santa María de coraçôn confiar	-	O que [aquele que] em Santa Maria confiar	-	
Epígrafe	Como Santa María se mostrou em semellança da móller do cavaleiro ao démo, e o démo fugiu ant'ela.	-	Como Santa Maria se mostrou semelhante a mulher do cavaleiro ao demo, e o demo fugiu diante dela.	Tema da cantiga	
Resumo sobre a cantiga	Esta conta a perda de um cavaleiro de sua fazenda. Ele que tinha sua esposa devota de Santa Maria, não confiou nela, e foi buscar com o demônio um pacto para recuperar seus bens. Mas, o demo pediu que o cavaleiro lhe levaste a sua esposa. Santa Maria se faz na aparência da mulher e vai em seu lugar e livra do mal o cavaleiro e sua fiél. Este reconhece o erro de ir buscar fora dos domínios de Deus a proteção e a graça e torna a fé em Deus que lhe dá grandes riquezas.			Sinópse da cantiga	
Títulos de Maria	Santa; Virgen; Madre d'Içá; Madre de Jesú Cristo.			-	
Preliminares	4 dũa dona que fillava gran prazer 5 en servir Santa María, e eno séu ben fazer 6 pōia súa fazenda e todo séu asperar 7 Ela dun bon cavaleiro mui rico éra mollér, 8 que perdera quant' avía, e éra-lle mui mestér 9 de o cobrar, e quería cobrá-lo ja como quér; 10 e polo cobrar vassalo se foi do démo tornar,	-	4 que eu ouvi, duma dona que [se] filiava [com] grande prazer 5 em servir Santa Maria, e é no seu bem fazer 6 punha sua fazenda e toda sua esperança. 7 Ela de um bom cavaleiro muito rico era mulher [esposa], 8 que perdera quanto havia [o que tinha], era muito mestre [confuso!] 9 de o cobrar, e quería cobrá-lo já como quero 10 e por cobrar[,] vassalo foi se tornar do demo,	Preparação para a cena principal	
Localização Espacial	-	-	-	Onde se passa a historia	
Localização Temporal	-	-	-	Quando ocorreu a historia	
Lugares específicos	O caminho que faz o cavaleiro; O monte do Diabo; e a Igreja e Altar de Maria.	11 Que lle disse: “Pois méu sodes, mui grand' algo vos darei; 12 e vóssa mollér tragede a un mont', e falarei 13 con ela e porên rico sen mesura vos farei.” 14 O cavaleir' oi u esto e foi-llo lóg' outorgar.23 Ela [a mulher] indo per carreira, viu eigreja cabo si 24 estar de Santa María e disse: “Quér' éu ali 25 folgar óra ãa péça, e andaremos des i.” 26 E deceu i e deitou-se a dormir cab' un altar. 27 E saiu Santa María l de tra-lo altar entôn,	-		
Protagonista	A mulher fiél e Santa Maria	-	-	Fiél a Maria	
Religião	Cristã	-	-	Religião do personagem	
Posição social (ou profissão)	dona	-	-	Rico, nobre, clérigo, comum	
Qualidade da fé	4 dũa dona que fillava gran prazer 5 en servir Santa María,	-	4 que eu ouvi, duma dona que [se] filiava [com] grande prazer 5 em servir Santa Maria	Devoto, homem de pouca fé	

Antagonista	O cavaleiro infiel que busca no demo seus bens perdidos.	-	-	Infiel a Maria	Personagens que interagem com Santa Maria
Religião	fé cristã	-	-	Religião do personagem	
Posição social (ou profissão)	cavaleiro	-	-	Rico, nobre, clérigo, comum	
Qualidade da fé	infiel	-	-	Devoto, homem de pouca fé	
Infração	O cavaleiro que perdera seus bens - ou benefícios - foi a outro senhor, o demo, servir para recuperar sua fazenda.	7 [...] bon cavaleiro mui rico [...], 8 que perdera quant' avía, e éra-lle mui mestér 9 de o cobrar, e queria cobrá-lo ja como quér; 10 e polo cobrar vassalo se foi do demo tornar,	7 [...] um bom cavaleiro muito rico [...], 8 que perdera quanto havia [o que tinha], era muito mestre [confuso!] 9 de o cobrar, e queria cobrá-lo já como quero 10 e por cobrar[,] vassalo foi se tornar do demo,	O erro, pecado, ao qual a intercessão de Maria é chamada	Centro da narrativa
Castigo	O cavaleiro não porá aproveitar o que fora prometido pelo demo, por ter sido um homem mau que, como o demo, pôs em perigo sua serva.	39 E diss' ao cavaleiro: "Fostes óme de mal sen 40 que cuidastes pelo demo aver riqueza e ben; 41 mais fillad' ên pœdença e repentide-vos ên, 42 e o que vos déu leixade, ca vos non pôde prestar."	39 E disse ao cavaleiro: "Fostes homem de mal [juízo] 40 que buscastes pelo demo ter riqueza e bem; 41 caias em penitência e arrependei-vos por isso, 42 e o que vos deu, que não podes aproveitar".	Qual o castigo que sofre o pecador	
Arrependimento	O cavaleiro se arrepende, volta para a Igreja e conta para sua mulher o ocorrido	43 O cavaleiro da Virgen muit' alégre s' despediu 44 e foi-s' u sa mollér éra e contou-lle quanto viu, 45 e do dém' e de séus dôes, de tod' alí se partiu; 46 e dessa ór' adeante Déus grand' algo lles foi dar.	43 O cavaleiro da Virgem muito alegre se despediu 44 e foi a sua mulher e contou-lhe o que viu, 45 e do demo e de seus dons, de tudo ali deixou; 46 e dessa hora em diante Deus lhes deu grandes bens.	Qual atitude que caracteriza o arrependimento do infrator	
Conclusão	Dessa hora em diante, retornando para Maria, recebeu de Deus grandes bens.	46 e dessa ór' adeante Déus grand' algo lles foi dar.	; 46 e dessa hora em diante Deus lhes deu grandes bens.	Como Maria acolhe o arrependido	
Índices de Oralidade	"Um formoso milagre quero dizer, que eu ouvi", inicia a cantiga em que destaca-se a uma origem oral do relato a que se pretende a mesma colocando Maria como a verdadeira dona que do mal cuida quem lhe serve.	3 Daquest' óra un miragre fremoso quéro dizer 4 que éu oi, dña dona que fillava gran prazer 5 em servir Santa María, e eno séu ben fazer 6 pôía súa fazenda e todo séu asperar.	3 Daquela hora um milagre formoso quero dizer 4 que eu oivi, duma dona que [se] filiava [com] grande prazer 5 em servir Santa Maria, e é no seu bem fazer 6 punha sua fazenda e toda sua esperança.	Termos que indiquem oralidade: cantar, contar, ouvir, etc.	
Índices de Publicação	Uma cantiga como as demais.	-	-	Termos que indiquem publicação: canção, melodia, etc.	Oralidade Medieval

ANEXOS

Anexo A: Genealogía de Alfonso X ²⁴⁶:



²⁴⁶ SALVADOR MARTÍNEZ, H. Alfonso X, El Sabio – Una biografía. Madrid: Ediciones Polifemo, 2003, p. 586-587.

Anexo B: cantiga 1 – “Des oge mais quér' éu trobar”

Cantigas de Santa Maria for Singers. Andrew Casson Database. 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.cantigasdesantamaria.com/csm/1>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

Epígrafe

Esta é a primeira cantiga de loor de Santa María, ementando os sete goios que ouve de séu Fillo.

Linha	Estrofe 1:	Métrica	40	estranna e preçada.	6' b
	Des oge mais quér' éu			Estrofe 5:	
1	trobar	8 a	41	Outra razón quero contar	8 a
2	pola Sennor onrada,	6' b	42	que ll' ouve pois contada	6' b
	en que Déus quis carne		43	a Madalena: com' estar	8 a
3	fillar	8 a	44	viu a pédr' entornada	6' b
4	bêeita e sagrada,	6' b	45	do sepulcr' e guardada	6' b
5	por nos dar gran soldada	6' b	46	do ángeo, que lle falar	8 a
6	no séu reino e nos erdar	8 a	47	foi e disse: “Coitada	6' b
7	por séus de sa masnada	6' b	48	mollér, sei confortada,	6' b
8	de vida perlongada,	6' b	49	ca Jesús, que vêes buscar,	8 a
	sen avermos pois a		50	resurgiu madurgada.”	6' b
9	passar	8 a			
10	per mórt' outra vegada.	6' b		Estrofe 6:	
	Estrofe 2:		51	E ar quero-vos demostrar	8 a
11	E porên quero começar	8 a	52	gran lediç' aficada	6' b
12	como foi saüdada	6' b	53	que ouv' ela, u viu alçar	8 a
13	de Gabriél, u lle chamar	8 a	54	a nuv' enlumêada	6' b
14	foi: “Benaventurada	6' b	55	séu Fill'; e pois alçada	6' b
15	Virgen, de Déus amada:	6' b	56	foi, viron ángeos andar	8 a
	do que o mund' á de		57	ontr' a gent' assuada,	6' b
16	salvar	8 a	58	mui desaconsellada,	6' b
17	ficas óra prennada;	6' b		dizend': “Assí	
18	e demais ta cunnada	6' b	59	verrá julgar,	8 a
19	Elisabét, que foi dultar,	8 a	60	est' é cousa provada.”	6' b
20	é end' envergonnada”.	6' b		Estrofe 7:	
	Estrofe 3:		61	Nen quero de dizer leixar	8 a
	E demais quero-ll'		62	de como foi chegada	6' b
21	enmentar	8 a	63	a graça que Déus envïar	8 a
22	como chegou canssada	6' b	64	lle quis, atán grãada,	6' b
23	a Beleên e foi pousar	8 a	65	que por el' esforçada	6' b
24	no portal da entrada,	6' b		foi a companna que	
25	u pariu sen tardada	6' b	66	juntar	8 a
26	Jesú-Crist', e foi-o deitar,	8 a	67	fez Déus, e ensinada,	6' b
27	como mollér menguada,	6' b	68	de Spírit' avondada,	6' b
28	u deitan a cevada,	6' b	69	por que soubéron preegar	8 a
29	no presév', e apousentar	8 a	70	lógo sen alongada.	6' b
30	ontre bestias d' arada.	6' b		Estrofe 8:	
	Estrofe 4:		71	E, par Déus, non é de	
31	E non ar quero obridar	8 a	72	calar	8 a
32	com' ángeos cantada	6' b	73	como foi corõada,	6' b
33	loor a Déus foron cantar	8 a	74	quando séu Fillo a levar	8 a
34	e “paz en térra dada”;	6' b	75	quis, des que foi passada	6' b
35	nen como a contrada	6' b	76	deste mund' e juntada	6' b
36	aos tres Reis en Ultramar	8 a	77	con el no céo, par a par,	8 a
37	ouv' a strela mostrada,	6' b	78	e Reínna chamada,	6' b
38	por que sen demorada	6' b	79	Filla, Madr' e Criada;	6' b
39	vêéron sa ofërta dar	8 a	80	e porên nos dev' ajudar,	8 a
				ca x' é nós' avogada.	6' b

Anexo C: cantiga 10 – “Rósa das rósas e Fror das frores”

Cantigas de Santa Maria for Singers. Andrew Casson Database. 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.cantigasdesantamaria.com/csm/10>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

Epígrafe

Esta é de loor de Santa María, com' é fremeosa e bõa e á gran poder.

Linha	Refrão	Métrica
1	<i>Rósa das rósas e Fror das frores,</i>	9' A
2	<i>Dona das donas, Sennor das sennores.</i>	10' A
Estrofe 1:		
3	Rósa de beldad' e de parecer	10 b
4	e Fror d' alegría e de prazer,	10 b
5	Dona en mui piadosa seer,	10 b
6	Sennor en toller coitas e doores.	10' A
	<i>Rósa das rósas e Fror das frores...</i>	
Estrofe 2:		
7	Atal Sennor dev' óme muit' amar,	10 b
8	que de todo mal o póde guardar;	10 b
9	e póde-ll' os pecados perdõar,	10 b
10	que faz no mundo per maos sabores.	10' A
	<i>Rósa das rósas e Fror das frores...</i>	
Estrofe 3:		
11	Devemo-la muit' amar e servir,	10 b
12	ca punna de nos guardar de falir;	10 b
13	des i dos érros nos faz repentir,	10 b
14	que nós fazemos come pecadores.	10' A
	<i>Rósa das rósas e Fror das frores...</i>	
Estrofe 4:		
15	Esta dona que tenno por Sennor	10 b
16	e de que quero seer trobador,	10 b
17	se éu per ren póss' aver séu amor,	10 b
18	dou ao démo os outros amores.	10' A
	<i>Rósa das rósas e Fror das frores...</i>	

Anexo D: cantiga 44 – “*Quen fiar na Madre do Salvador*”

Cantigas de Santa Maria for Singers. Andrew Casson Database. 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.cantigasdesantamaria.com/csm/44>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

Epígrafe

Esta é como o cavaleiro que perdera séu açor foi-o pedir a Santa Mar de Salas; e estando na eigreja posou-lle na mão.

Linha	Refrão	Métrica		Estrofe 5:	
1	<i>Quen fiar na Madre do Salvador</i>	10 A	19	Santa María, éu venno a ti	10 b
2	<i>non perderá ren de quanto séu for.</i>	10 A	20	con coita de méu açor que perdí,	10 b
			21	que mio cobres; e tu fas-lo assí,	10 b
			22	e aver-m-ás sempre por servidor.	10 A
				<i>Quen fiar na Madre do Salvador...</i>	
	Estrofe 1:				
3	Quen fiar en ela de coraçôn,	10 b			
4	averrá-lle com' a un ifançôn	10 b			
5	avêo eno reino d' Aragôn,	10 b			
6	que perdeu a caça un séu açor,	10 A	23	E demais esta cera ti darei	10 b
	<i>Quen fiar na Madre do Salvador...</i>		24	en sa figura, e sempr' andarei	10 b
			25	pregõando téu nome e direi	10 b
			26	como dos Santos tu és la mellor.”	10 A
				<i>Quen fiar na Madre do Salvador...</i>	
	Estrofe 2:				
7	Que grand' e mui fremos' éra, e ren	10 b			
8	non achava que non fillasse ben	10 b			
9	de qual prijôn açor fillar convên,	10 b			
10	d' ave pequena tro ena maior.	10 A	27	Pois esto disse, missa foi oír	10 b
	<i>Quen fiar na Madre do Salvador...</i>		28	mui cantada; mas ante que partir	10 b
			29	s' ên quisésse, fez-ll' o açor vñir	10 b
			30	Santa María, ond' ouv' el sabor.	10 A
				<i>Quen fiar na Madre do Salvador...</i>	
	Estrofe 3:				
11	E daquest' o ifançôn gran pesar	10 b			
12	avía de que o non pod' achar,	10 b			
13	e porende o fez apregõar	10 b			
14	pela térra toda en derredor.	10 A	31	E que ouvéss' end' el maior prazer,	10 b
	<i>Quen fiar na Madre do Salvador...</i>		32	fez-ll' o açor ena mão decer,	10 b
			33	come se ouvésse lóg' a prender	10 b
			34	caça con el como faz caçador.	10 A
				<i>Quen fiar na Madre do Salvador...</i>	
	Estrofe 4:				
15	E pois que por esto nono achou,	10 b			
16	pera Salas séu caminno fillou	10 b			
17	e de cera semellança levou	10 b			
18	de sa av', e diss' assí: “Ai, Sennor	10 A	35	E el entôn muit' a Madre de Déus	10 b
	<i>Quen fiar na Madre do Salvador...</i>		36	loou, e chorando dos ollos séus,	10 b
			37	dizend': “Ai, Sennor, tantos son os téus	10 b
			38	bêes que fazes a quen ás amor!”	10 A
				<i>Quen fiar na Madre do Salvador...</i>	
				Estrofe 5:	
				Estrofe 6:	
				Estrofe 7:	
				Estrofe 8:	

Anexo E: cantiga 165 – “Niún poder deste mundo”

Cantigas de Santa Maria for Singers. Andrew Casson Database. 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.cantigasdesantamaria.com/csm/165>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

Epígrafe

Como Santa María de Tortosa d' Ultramar defendeu a vila do soldán.

Linha	Refrão	Métrica
1	<i>Niún poder deste mundo de gente nada non val</i>	7'17 A
2	<i>contra o poder da Virgen, ca x' é tod' espirital.</i>	7'17 A
Estrofe 1:		
3	En Ultramar dest' avêo miragre grand' e mui bél	7'17 b
4	que mostrou Santa María, Madre de Déus Manüél,	7'17 b
5	a un soldán poderoso, porque éra mui crüél	7'17 b
6	e porend' aos crischãos desamava mais que al. <i>Niún poder deste mundo de gente nada non val...</i>	7'17 A
Estrofe 2:		
7	A este soldán chamavan per séu nome Bondouard,	7'17 b
8	que Egito e Alapa avía a séu mandar	7'17 b
9	e Domás e a Caméla; e porende guerrejar	7'17 b
10	quería semp'r' a crischãos e fazer-lles muito mal. <i>Niún poder deste mundo de gente nada non val...</i>	7'17 A
Estrofe 3:		
11	Este séus ómes tragía con crischãos toda vez	7'17 b
12	por saber mais sa fazend', e un deles saber-lle fez	7'17 b
13	que, se fillasse Tortosa, gãaría i gran prez,	7'17 b
14	demais quen lla defendesse non avía tal nen qual. <i>Niún poder deste mundo de gente nada non val...</i>	7'17 A
Estrofe 4:		
15	Lóg' o soldán con grand' óste moveu, quand' aquest' oiú,	7'17 b
16	e mui préto de Tortosa en un outeiro sobiu,	7'17 b
17	e parou mentes na vila, e tan pouca gent' i viu	7'17 b
18	que teve que aquel mouro non lle fora mentiral. <i>Niún poder deste mundo de gente nada non val...</i>	7'17 A
Estrofe 5:		
19	Quand' a gente de Tortosa viron atán gran poder	7'17 b
20	de mouros vïir sobr' eles, cuidaron mórtos seer;	7'17 b
21	e foron-s' aa eigreja sas orações fazer,	7'17 b
22	dizend': “Ai, Santa María, pois ta mercee non fal <i>Niún poder deste mundo de gente nada non val...</i>	7'17 A
Estrofe 6:		
23	A quantos que a demandan, vél a nós que somos téus,	7'17 b
24	guarda-nos que non caíamos en poder destes encréus	7'17 b
25	que per nulla ren non creen que tu és Madre de Déus;	7'17 b
26	e porend' en este feito móstra algún gran sinal.” <i>Niún poder deste mundo de gente nada non val...</i>	7'17 A
Estrofe 7:		
27	Pois sa oraçon fezéron, per quant' end' éu aprendí,	7'17 b
28	contaron-se quantos éran, mais poucos s' acharon i.	7'17 b
29	Entôn a mui grandes vózes todos disséron assí:	7'17 b
30	“Sennor, se nos non acórres, preit' é mui descomüal.”	7'17 A

Niún poder deste mundo | de gente nada non val...

Estrofe 8:

31 O soldán lóg' outro día | sas gentes armar mandou 7'17 b
32 pera fillaren a vila, | mas non foi com' el cuidou; 7'17 b
33 ca pois se chegou a ela, | tal gente lle semellou 7'17 b
34 que estava alá dentro, | que non ficava portal 7'17 A
Niún poder deste mundo | de gente nada non val...

Estrofe 9:

35 Nen torre nen barvacãa | nen muro per nulla ren 7'17 b
36 u gente muita non fosse, | armados todos mui ben. 7'17 b
37 Quando viu o soldán esto, | teve-se por de mal sen, 7'17 b
38 e chamou porend' o mouro: | “Mao, falso, mentiral, 7'17 A
Niún poder deste mundo | de gente nada non val...

Estrofe 10:

39 Di, e porquê me fiziste | con mia óst' aquí vñir, 7'17 b
40 dizendo que esta vila | non se podía bastir 7'17 b
41 d' ómes d' armas, de maneira | que me podésse guarir, 7'17 b
42 e, éu vejo-a bastida | como non vi outra tal?” 7'17 A
Niún poder deste mundo | de gente nada non val...

Estrofe 11:

43 O mouro, con mui gran medo, | lle respôs esta razón: 7'17 b
44 “Sennor, quanto vos éu dixen | verdad' éste e al non; 7'17 b
45 mas tod' estes cavaleiros, | vedes que dos Céos son, 7'17 b
46 ca chus brancos son e craros | que é néve nen cristal.” 7'17 A
Niún poder deste mundo | de gente nada non val...

Estrofe 12:

47 Entón o soldán lle disse: | “E que buscaron acá?” 7'17 b
48 Diss' o mouro: “Per mandado | da Virgen, Madre d' Içá, 7'17 b
49 vñéron, que ù' eigreja | dentro ena vila á, 7'17 b
50 que está préto dos muros | da parte do arçal.” 7'17 A
Niún poder deste mundo | de gente nada non val...

Estrofe 13:

51 O soldán diss' ao mouro: | “Eno Alcorán achei 7'17 b
52 que Santa María virgen | foi sempr'; e pois esto sei, 7'17 b
53 guérria per nulla maneira | con ela non fillarei, 7'17 b
54 e daquí me tórno lógo, | e fas tangê-lo tabal.” 7'17 A
Niún poder deste mundo | de gente nada non val...

Estrofe 14:

55 E quand' aquest' ouve dito, | foi-se lógo manamán, 7'17 b
56 e desta guisa sa vila | guardou a do bon talán; 7'17 b
57 mas ante que s' ên partisse, | déu i grand' alg' o soldán 7'17 b
58 por amor da Virgen santa, | Refinna celestial. 7'17 A
Niún poder deste mundo | de gente nada non val...

Anexo F: cantiga 216 – “O que en Santa María de corazón confiar”

Cantigas de Santa Maria for Singers. Andrew Casson Database. 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.cantigasdesantamaria.com/csm/216>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

Epígrafe

Como Santa María se mostrou en semellanza da mollér do cavaleiro ao démo, e o démo fugiu ant' ela.

Linha	Refrão	Métrica
1	<i>O que en Santa María de corazón confiar,</i>	7'17 A
2	<i>non se tema que o póssa per ren o dém' enganar.</i>	7'17 A
Estrofe 1:		
3	Daquest' óra un miragre fremoso quéro dizer	7'17 b
4	que éu oi, ãa dona que fillava gran prazer	7'17 b
5	en servir Santa María, e eno séu ben fazer	7'17 b
6	põía súa fazenda e todo séu asperar. <i>O que en Santa María de corazón confiar...</i>	7'17 A
Estrofe 2:		
7	Ela dun bon cavaleiro mui rico éra mollér,	7'17 b
8	que perdera quant' avía, e éra-lle mui mestér	7'17 b
9	de o cobrar, e quería cobrá-lo ja como quér;	7'17 b
10	e polo cobrar vassalo se foi do démo tornar, <i>O que en Santa María de corazón confiar...</i>	7'17 A
Estrofe 3:		
11	Que lle disse: “Pois méu sodes, mui grand' algo vos darei;	7'17 b
12	e vóssa mollér tragede a un mont', e falarei	7'17 b
13	con ela e porên rico sen mesura vos farei.”	7'17 b
14	O cavaleir' oi esto e foi-llo lóg' outorgar. <i>O que en Santa María de corazón confiar...</i>	7'17 A
Estrofe 4:		
15	O diabo, pois menage do cavaleiro fillou	7'17 b
16	que sa mollér ll' adussésse, mui grand' algo ll' amostrou.	7'17 b
17	Porên como lla levasse o cavaleiro cuidou,	7'17 b
18	e disse-ll': “Ai, mollér, treides oge mig' a un logar.” <i>O que en Santa María de corazón confiar...</i>	7'17 A
Estrofe 5:		
19	A ela foi-lle mui grave por de sa casa saír,	7'17 b
20	ca éra día da Virgen, a que quería servir	7'17 b
21	en ãa súa eigreja; mas non llo quis consentir	7'17 b
22	per ren o marid', e foi-a per força sigo levar. <i>O que en Santa María de corazón confiar...</i>	7'17 A
Estrofe 6:		
23	Ela indo per carreira, viu eigreja cabo si	7'17 b
24	estar de Santa María e disse: “Quér' éu alí	7'17 b
25	fólgar óra ãa peça, e andaremos des i.”	7'17 b
26	E deceu i e deitou-se a dormir cab' un altar. <i>O que en Santa María de corazón confiar...</i>	7'17 A
Estrofe 7:		
27	E saiu Santa María de tra-lo altar entôn,	7'17 b
28	e assí a semellava que diríades que non	7'17 b
29	éa se non essa dona, e disse: “E ja sazôn	7'17 b
30	de nos irmos, ai marido?” E diss' el: “Temp' é d' andar.”	7'17 A

O que en Santa María | de coração confiar...

Estrofe 8:

31 Entôn foi Santa María | con el ao logar u 7'17 b
32 estava o démo. Quando | viu a Madre de Jesús 7'17 b
33 Cristo, o démo lle disse: | “Mentira fezische tu 7'17 b
34 en trager Santa María | e a ta mollér leixar.” 7'17 A
O que en Santa María | de coração confiar...

Estrofe 9:

35 Diss' entôn Santa María: | “Vai, démo chëo de mal, 7'17 b
36 cuidasch' a meter a dano | a mia serventa leal; 7'17 b
37 mas de quanto tu cuidaste | éu cho tornarei en al, 7'17 b
38 ca te tóllo que non póssas | ja mais fazer-lle pesar.” 7'17 A
O que en Santa María | de coração confiar...

Estrofe 10:

39 E diss' ao cavaleiro: | “Fostes óme de mal sen 7'17 b
40 que cuidastes pelo démo | aver riqueza e ben; 7'17 b
41 mais fillad' ên pëdença | e repentide-vos ên, 7'17 b
42 e o que vos déu leixade, | ca vos non pôde prestar.” 7'17 A
O que en Santa María | de coração confiar...

Estrofe 11:

43 O cavaleiro da Virgen | muit' alégre s' espediu 7'17 b
44 e foi-s' u sa mollér éra | e contou-lle quanto viu, 7'17 b
45 e do dém' e de séus dões, | de tod' alí se partiu; 7'17 b
46 e dessa ór' adeante | Déus grand' algo lles foi dar. 7'17 A
O que en Santa María | de coração confiar...

Anexo G: Iluminura²⁴⁷ cantiga 1

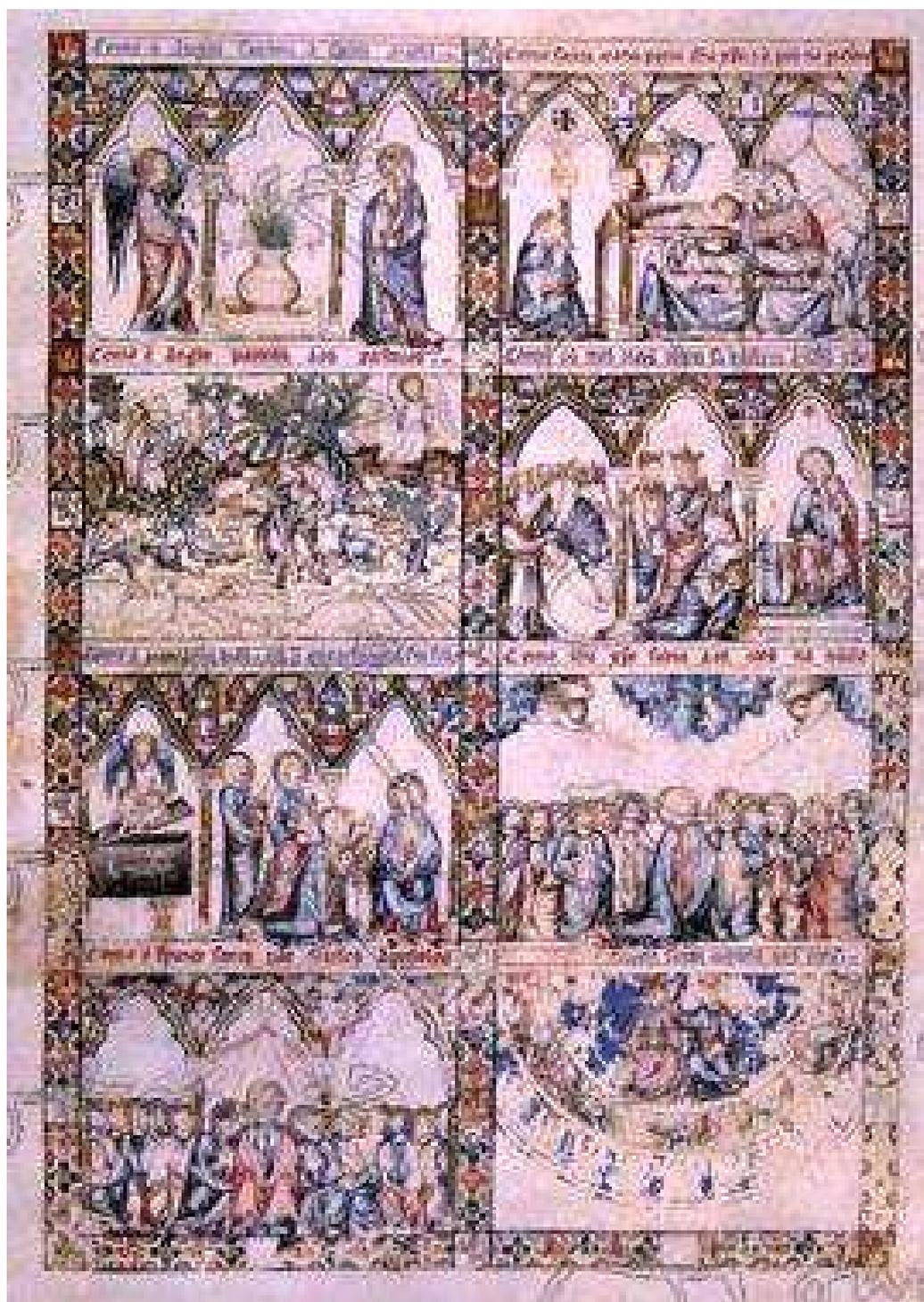
Don Alfonso de Castela
 de Toledo de Leoa
 Rey. e ten des Oposieta
 e o Reyno de Aragón
 e de Navarra. e de Lohen
 de Sicilia e de Rossy
 e de Virya u gran te
 lle fez deus com apria
 e Algarve que gaou
 de o honras e noia se
 acau y. e ax poblou
Batalhou q' Reyno e
 vir amigue que velleu
 a mouros deule X'ris
Bogit Medina p'nticu
 e Alcala touna ues.
 que nos Romãos Rey
 e por turis e Sennoz
 este Livro com achu
 fra. a entre a Loos
Muirgen Santa Maria
 que este marie de deus
 en que ele auyro fia
 p'rien dos amigres so
 c'os cantares e fees
Salvosos de Cantar
 rocos de senhas m'ões
 com q' poteres achap.

Canta e a primeira cantiga de looz de i
 Santa Maria ementando os. vii. g'os
 que ome de seu filho.

Cesoge maris q' en
 estur. pla. seio
 d'rao. enã too q' carne f'uar. deira
 e sagrada. por nos dar gran solada.
 no seu Reyno e nos herdar. por seu
 de sa. m'afada. de sua. p'og'ra. de

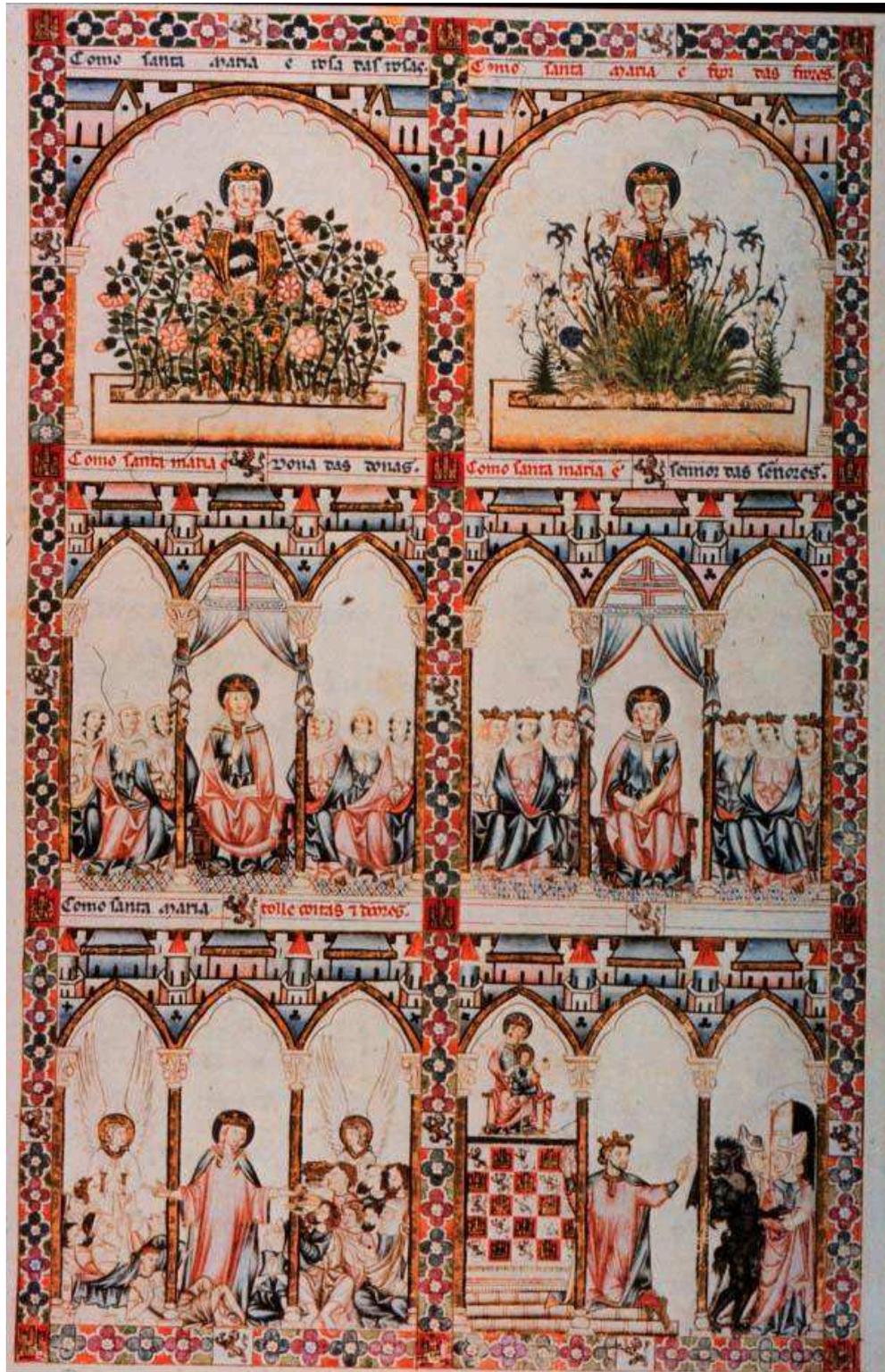
²⁴⁷ Cf. Iluminura: 3122 Al Madrid San Lorenzo del Escorial Monasterio Biblioteca Coleccion mti1. Cf. Cantigas de Santa Maria [manuscritos e iluminuras]. *Códice de Florença*. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronoz.com/paginas/leefoto.php?referencia=003122&usuario=anonimo>>. Acesso em 20 de Maio de 2015.

Anexo H: Iluminura²⁴⁸ cantiga 1



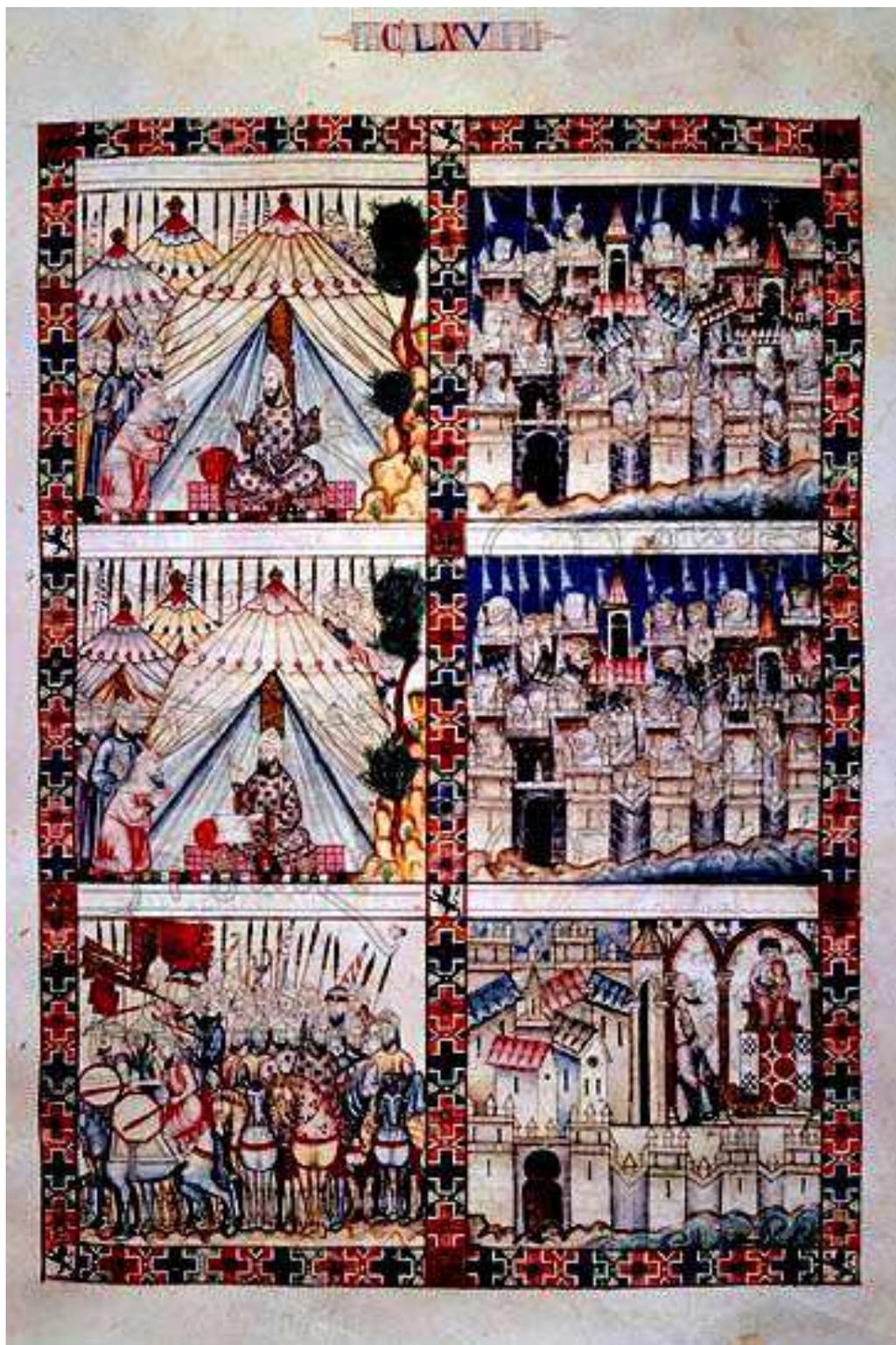
²⁴⁸ Cf. Iluminura: 190004 Al Madrid San Lorenzo del Escorial Monasterio Biblioteca Coleccion mti1. Cf. Cantigas de Santa Maria [manuscritos e iluminuras]. *Códice de Florença*. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronoz.com/paginas/leefoto.php?referencia=190004&usuario=anonimo>>. Acesso em 20 de Maio de 2015.

Anexo I: Iluminura²⁴⁹ cantiga 10



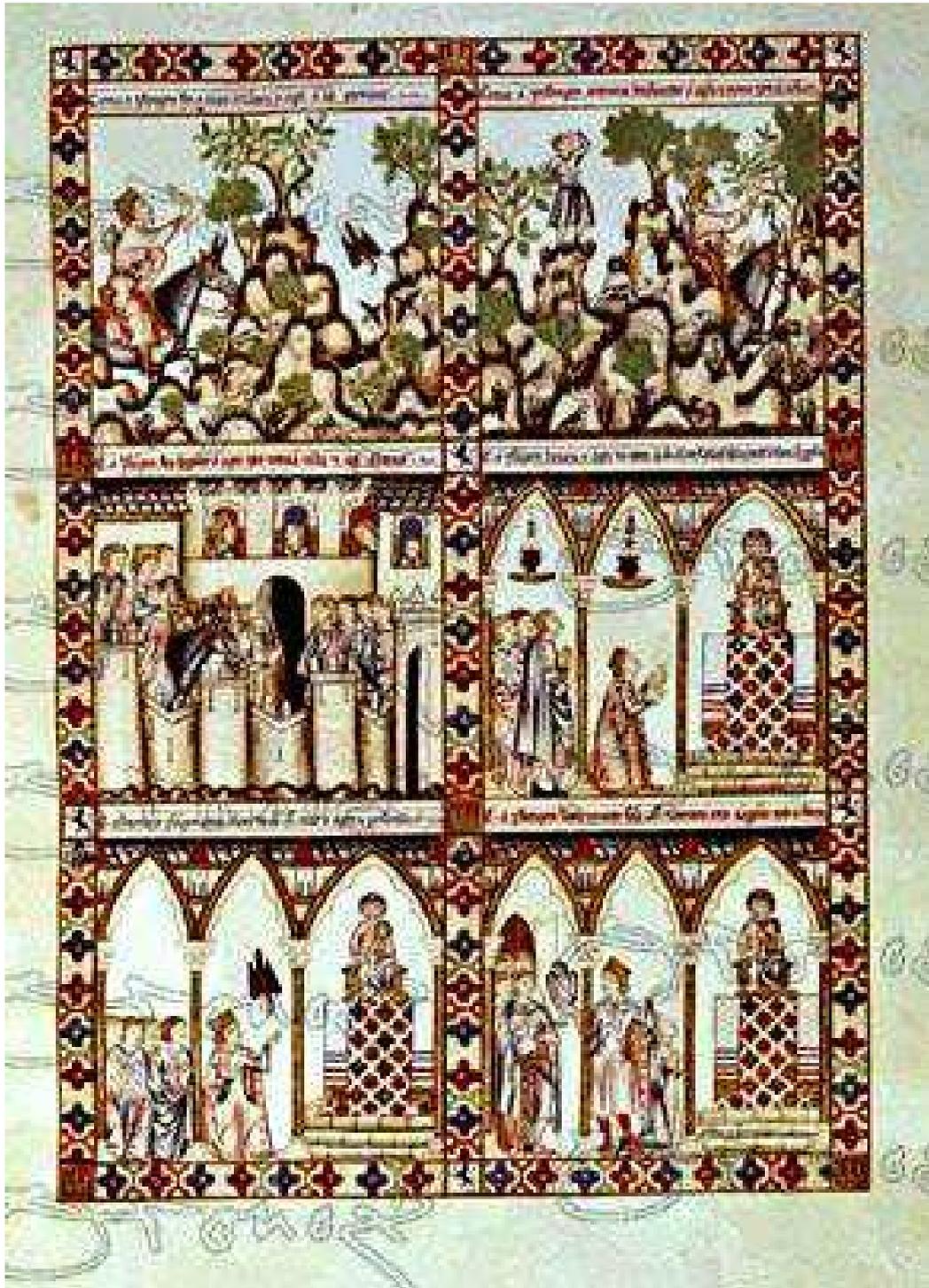
²⁴⁹ Cf. Iluminura: 16234 Al Madrid San Lorenzo del Escorial Monasterio Biblioteca Coleccion mtl. Cf. Cantigas de Santa Maria [manuscritos e iluminuras]. *Códice de Florença*. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronoz.com/paginas/leefoto.php?referencia=016234&usuario=anonimo>>. Acesso em 20 de Maio de 2015.

Anexo J: Iluminura²⁵⁰ cantiga 165



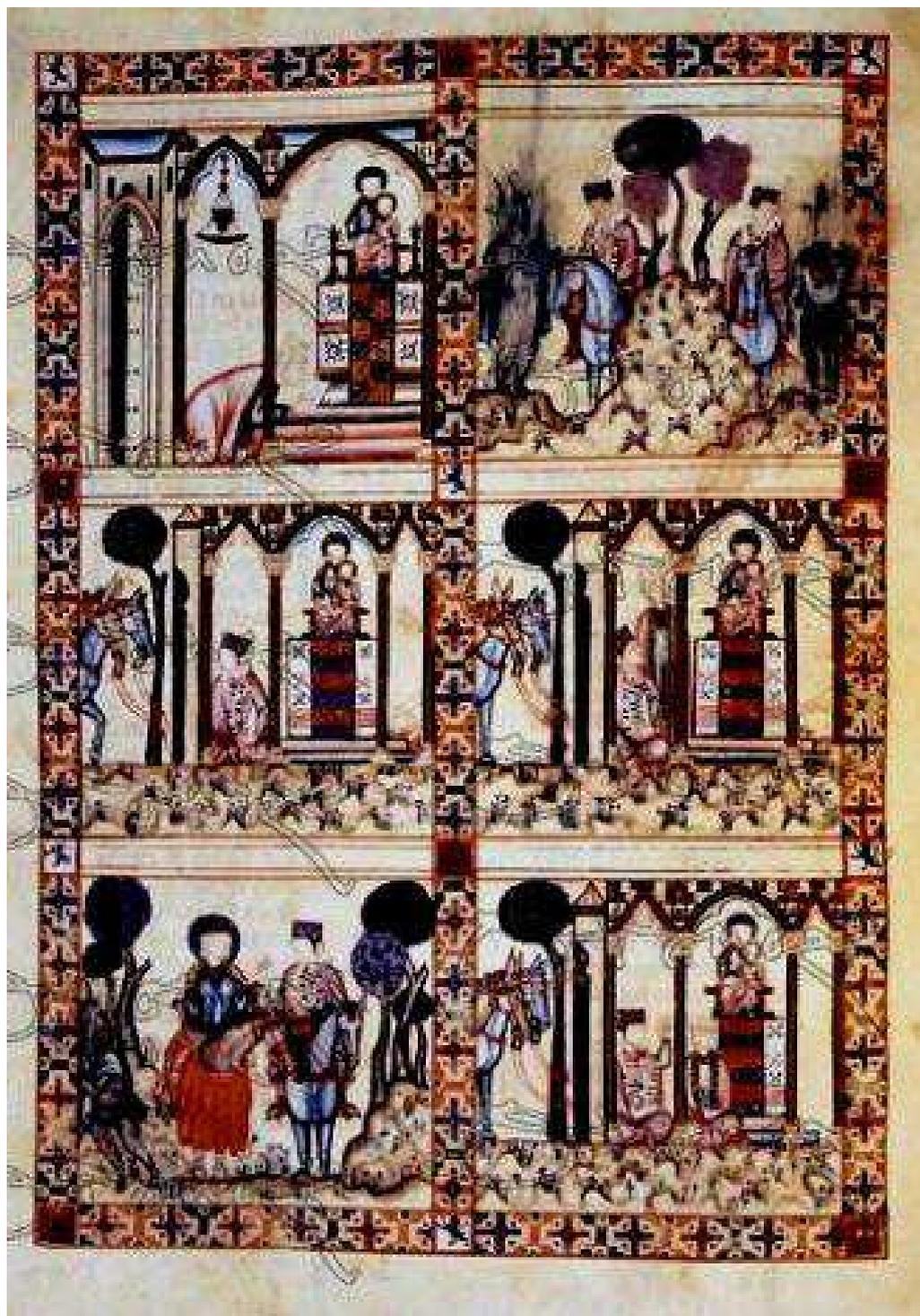
²⁵⁰ Cf. Iluminura: 16621 Al Madrid San Lorenzo del Escorial Monasterio Biblioteca Coleccion mtl. Cf. Cantigas de Santa Maria [manuscritos e iluminuras]. *Códice de Florença*. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronoz.com/paginas/leefoto.php?referencia=016621&usuario=anonimo>>. Acesso em 20 de Maio de 2015.

Anexo K: Iluminura²⁵¹ cantiga 44



²⁵¹ Cf. Iluminura: 185417 Al Madrid San Lorenzo del Escorial Monasterio Biblioteca Coleccion mtl1. Cf. Cantigas de Santa Maria [manuscritos e iluminuras]. *Códice de Florença*. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronoz.com/paginas/leefoto.php?referencia=185417&usuario=anonimo>>. Acesso em 20 de Maio de 2015.

Anexo L: Iluminura²⁵² cantiga 216



²⁵² Cf. Iluminura: 186389 Na Itália Florença Nacional Colección MSB.R201. Cf. Cantigas de Santa Maria [manuscritos e iluminuras]. *Códice de Florença*. Oronoz Database. Disponível em: <<http://oronoz.com/paginas/leefoto.php?referencia=186389&usuario=anonimo>>. Acesso em 20 de Maio de 2015.